UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

FABIO MENEZES DOS ANJOS

Psicanálise e esporte: o mal-estar na carreira de atletas profissionais

São Paulo
2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

FABIO MENEZES DOS ANJOS

Psicanálise e esporte: o mal-estar na carreira de atletas profissionais

(versão corrigida)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Ramos Estevão.

São Paulo
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO OU PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Menezes dos Anjos, Fabio

Psicanálise e esporte: o mal-estar na carreira de atletas profissionais / Fabio Menezes dos Anjos ; orientador Ivan Ramos Estêvão. -- São Paulo, 2019.
125 f.
Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Psicanálise. 2. Mal-estar. 3. Esporte. 4. Atletas. 5. Carreira. I. Ramos Estêvão, Ivan , orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fabio Menezes dos Anjos

Psicanálise e esporte: o mal-estar na carreira de atletas profissionais

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo, na área de concentração de Psicologia Clínica, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A Andréa, pelo companheirismo, carinho e apoio, sem os quais este trabalho e a vida não seriam os mesmos.

A minha família: a meus pais, Cintia e Fernando, por todo o carinho, apoio e por, cada um à sua maneira, me transmitirem o amor pela leitura, música e esportes, que me impactaram tanto na vida. Aos meus irmãos, Gustavo e Leonardo, pelas conversas, risadas e leveza tão necessárias ao longo da produção deste trabalho. Aos meus avôs, Nicolau (*in memoriam*) e José Roberto (*in memoriam*) por me transmitirem o amor pelo esporte, em presença e ausência. A minhas avós Regina e Wilma, pelo carinho e atenção, a Rebecca, por todas as conversas e a todos os demais. Finalmente, a família que a vida me trouxe: Mary, Adriana e Gladys.

A Ivan Ramos Estevão, por apostar no projeto que viria a se tornar este trabalho, e pela orientação ao longo destes últimos anos.

A Leandro dos Santos e Ana Costa, pela leitura e pelos apontamentos no momento da qualificação, que ajudaram a dar um direcionamento para o trabalho.

Aos colegas e amigos que o mestrado me trouxe, Christopher, Enzo, Suzana, Tadeu, Luiz, Rodrigo e Estanislau, pelas discussões, leituras atentas e por compartilhar essa jornada.

As pessoas que ajudaram em diferentes momentos deste trabalho com questões práticas e do esporte: Celso Leite, João Paulo Cappellanes e Rodrigo Falcão.

A Elaine Hara e Suzana Lopes, pela leitura, apoio e conversas que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

A Letícia Reis, pela escuta atenta, pela ética, pelas palavras e pelos silêncios.

A todos que impactaram minha jornada com sua transmissão da psicanálise, em especial Michele Faria, Ivan Estevão, Christian Dunker, Pablo Castanho, Nelson da Silva Junior, Leandro dos Santos, Miriam Debieux Rosa, Ilana Mountian.

Aos amigos de diferentes áreas e lugares, tão importantes cada um à sua maneira: Renata, Rafael e Rebecca, por manterem Santos sempre presente em minha vida; Marcos, Ju Agnes, Livea, Nataly, Ana Rosa, Carol Escobar e Jorge, pelas conversas sobre clínica, política e vida; Vinicius, Fernando, Lucas, Igor, Yuri e Duda, pela amizade de sempre, pelas cervejas e por todas as partidas de futebol.

Aos meus analisantes, por tudo que me ensinaram e ensinam sobre a psicanálise.

E finalmente, a todos os atletas que de alguma forma me inspiraram a pesquisar e escrever sobre o esporte.

RESUMO

Anjos, F. M. (2019). *Psicanálise e esporte: o mal-estar na carreira de atletas profissionais* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Este trabalho tem como objetivo utilizar o referencial teórico da psicanálise para investigar de que maneiras a dinâmica do esporte de alto rendimento conduz aqueles que se envolvem em uma carreira como atletas ao mal-estar. O trabalho parte de um estudo do lugar social do esporte ao longo da história, expondo as relações entre esporte e política, e demonstrando como o papel da prática esportiva e do atleta foi se transformando até passar a ocupar seu lugar atual na cultura. Em seguida, obra freudiana é utilizada para retomar o conceito de mal-estar e como este se relaciona com a função do trabalho para indivíduos e para a sociedade, para abordar a questão da carreira esportiva em si. Posteriormente, a carreira dos atletas é trabalhada mais profundamente, com ênfase nas especificidades de cada uma das principais etapas: a iniciação esportiva, o profissionalismo e a aposentadoria do esporte. Ao longo deste capítulo são utilizados conceitos freudianos que permitam a compreensão do mal-estar em cada um destes momentos, principalmente noções de ideal, identificação, superego e culpa. Finalmente, o conceito lacaniano dos quatro discursos é retomado para aprofundar a discussão sobre as relações de poder no meio esportivo e como o discurso do alto rendimento que predomina no esporte profissional envolve os sujeitos em relações com o outro e com sua própria produção que levam ao mal-estar.

Palavras-chave: Psicanálise. Mal-estar. Esporte. Atletas. Carreira.

ABSTRACT

Anjos, F. M. (2019). *Psychoanalysis and sport: the career of professional athletes and its discontents* (Masters' Thesis). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This work aims to use the theoretical reference of psychoanalysis to investigate in which ways the dynamics of high performance sports lead those involved in careers as athletes to discontent. The work starts from a study of the social place of sport throughout history, exposing the relation between sport and politics, and demonstrating how the role of sporting practice and athletes have changed to the place it currently occupies in culture. Next, the Freudian work is used to take up the concept of discontent and how it relates to the function of work for individuals and for society, and to approach the matter of the career in sport itself. Later, athletes' careers are studied more profoundly, with emphasis on the specificities of each of the main stages: the initiation process, professionalism and retirement from sport. Throughout this chapter, Freudian concepts are used in order to help understand the discontent in each of these moments, especially the notions of ideal, identification, superego and guilt. Finally, the lacanian concept of the four discourses are brought to deepen the discussion about the power relations in the area of sport and how the high performance discourse that predominates in professional sports involves the individuals in relations with each other and with their own practice that lead to discontent.

Keywords: Psychoanalysis. Discontent. Sport. Athletes. Careers.

LISTA DE SIGLAS

AERP	Assessoria Especial de Relações Públicas
CAS	Corte Arbitral do Esporte
COI	Comitê Olímpico Internacional
FIFA	Federação Internacional de Futebol
IAAF	Associação Internacional de Federações de Atletismo
MJ	Michael Jordan
MMA	Artes Marciais Mistas
NBA	*National Basketball Association*
NCAA	Associação Atlética Universitária Nacional
NFL	*National Football League*

SUMÁRIO[1]

1 INTRODUÇÃO..... 10

2 O ESPORTE E SOCIEDADE..... 20
2.1 O lugar social do esporte ao longo da história..... 20
2.1.1 A inserção feminina no esporte..... 23
2.2 O esporte na atualidade..... 26
2.3 A lógica e a dinâmica do esporte de alto rendimento..... 29
2.4 A relação entre esporte e cultura..... 33
2.5 Esporte e política..... 36
2.6 O esportista..... 39
2.7 Propaganda e consumo..... 42

3 MAL-ESTAR, TRABALHO E ESPORTE..... 47
3.1 Sobre o conceito do mal-estar na teoria freudiana..... 47
3.2 O lugar e função trabalho na sociedade e no psiquismo..... 52
3.3 O trabalho do atleta profissional..... 59

4 DIMENSÕES DO MAL-ESTAR NA CARREIRA ESPORTIVA..... 64
4.1 As categorias de base..... 66
4.1.1 A inserção no esporte e as relações do jovem atleta..... 67
4.1.2 Oportunidades e perspectivas para jovens atletas..... 71
4.2 O profissionalismo..... 72
4.2.1 O corpo..... 73
4.2.2 O assujeitamento do atleta no meio esportivo..... 74
4.2.3 O lugar do atleta no laço social e seus efeitos..... 77
4.3 O fim da carreira atlética..... 83
4.3.1 A identidade do atleta..... 86
4.3.2 O luto..... 89

[1] Este trabalho foi revisado de acordo com as novas regras ortográficas aprovadas pelo Acordo Ortográfico assinado entre os países que integram a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), em vigor no Brasil desde 2009. E foi formatado de acordo com as Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP, 3. ed. rev., ampl. e modif., 2016.

5 ESPORTE, DISCURSOS E MAL-ESTAR..... 92
5.1 A discursividade do esporte de alto rendimento na atualidade..... 92
5.2 Os quatro discursos em Jacques Lacan..... 96
5.3 O discurso do mestre no esporte..... 99
5.4 O discurso do capitalista..... 101
5.5 Saber e poder na cena esportiva..... 104
5.6 Das resistências possíveis..... 106

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 108

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 115

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge do questionamento acerca do sofrimento psíquico que atletas profissionais enfrentam ao longo de suas carreiras e busca fazer uso da psicanálise para abordar tal questão, além de investigar de que formas o mal-estar se manifesta e como ele se relaciona ao próprio esporte. O surgimento da psicanálise se mostrou um fator significativo nas formas de se pensar e analisar indivíduos, grupos e elementos culturais, porém, tal referencial teórico tem sido pouco utilizado para se pensar questões do esporte, sendo mais utilizado para a análise de outras manifestações culturais (Bastidas, 2002).

A relação entre psicanálise e esporte tem sido caracterizada por um mútuo distanciamento. Há pouca bibliografia sobre esporte de alto rendimento e psicanálise, e, no meio esportivo, o inconsciente raramente é levado em consideração, no máximo sendo usado como uma justificativa para um mau desempenho ou derrota. Dentre as publicações existentes na área que abordam o esporte enquanto fenômeno cultural, destaca-se o trabalho de Brousse, Labridy, Terrisse e Sauret (1997), que estudaram diferentes aspectos da prática esportiva, como o desempenho e o laço social, à luz da psicanálise. Outro autor que trabalhou com o referencial psicanalítico foi Bastidas (2002), que investigou o futebol e relação deste com questões da subjetividade brasileira. Outros trabalhos que estudaram o tema sob a ótica da psicanálise, em sua maioria abordam a questão com enfoque em elementos da massa, tocando principalmente nas questões de violência e de torcidas organizadas (Luccas, 1998; Moraes & Moraes, 2012; M. B. Santos, 2010).

Embora tais temas de estudo sejam certamente importantes, destaca-se a dificuldade para se encontrar trabalhos que utilizem o referencial psicanalítico para dirigir o olhar e a escuta para os protagonistas da cena esportiva: os atletas. Foram raros os trabalhos encontrados que tinham este enfoque. Campos (2015) entrevistou atletas do futebol e do basquete, e sua análise destacou as dimensões do assujeitamento de atletas no esporte profissional e como o funcionamento deste impacta os esportistas. Bandeira (2012), buscou discutir as contribuições da psicanálise para a teoria esportiva e a abordagem da teoria da angústia neste contexto. Seu trabalho consistiu de uma revisão da literatura e do estudo do caso de uma atleta. A autora sublinhou a importância de ouvir os atletas para que eles possam "se movimentar e encontrar outras vias de realização" (p. 30). Dias e de Sousa (2012) estudaram o esporte de alto rendimento e o analisaram fazendo uso da psicanálise e de estudos utópicos, refletindo sobre as relações entre esporte e laço social na sociedade contemporânea.

Apesar do pouco referencial teórico existente em psicanálise, há diversas disciplinas e correntes de pensamento que se dedicam a estudar o lugar do esporte na cultura. Corrêa, Moraes e Silva, Sevegnani, Figuerôa e Mezzadri (2014) mencionam as teorias sociofilosóficas do esporte, "que buscavam apreender o fenômeno esportivo enquanto manifestação política-cultural de uma sociedade industrial" (p. 120). Para tais correntes de pensamento, o esporte seria um mecanismo da sociedade capitalista, e contribuiria para o desenvolvimento de tal sistema econômico. Nesse contexto, a disciplina e os atos esportivos seriam comparáveis à submissão do trabalhador ao capital. Uma das consequências dessa apropriação capitalista do esporte é o que Tubino (2008) chama de desludificação do esporte, ocorrida em decorrência da "busca da vitória a qualquer custo e pela politização esportiva" (p. 82) Tal busca constante por melhores resultados, somada à estética da prática, onde movimentos considerados belos e tecnicamente corretos são valorizados, levam a uma frequente comparação entre homem e máquina, um dos maiores símbolos da produção industrial humana.

Na bibliografia encontrada, é importante também destacar os estudos que trabalharam com a fala de esportistas, em geral utilizando diferentes correntes teóricas dentro da psicologia. Gonçalves e Amato (2016), em sua pesquisa que envolvia coletar narrativas autobiográficas de atletas olímpicos brasileiros, constataram que muitos dos entrevistados nunca tiveram a oportunidade de contar ou de repensar suas histórias de vida como sujeitos agentes de suas trajetórias, podendo se afastar de uma visão comercializada. As autoras citam inclusive um estranhamento inicial por parte dos atletas, ao se verem frente à possibilidade de falar sobre suas carreiras. No já citado trabalho de Campos (2015) a autora cita que alguns afirmaram ter aceitado participar de sua pesquisa pelo fato de ser uma oportunidade de falar com alguém que não fosse da mídia. É possível supor que haja aí uma demanda por outro tipo de escuta, longe da espetacularização trazida pela mídia, que expõe os esportistas em toda sua glória ou decadência, com suas vitórias e derrotas sendo sempre e cada vez mais documentadas e avaliadas (Campos, 2015).

Outro trabalho relevante é o de Lavallee, Gordon e Grove (1997), no qual foi feito uso da técnica de micronarrativas autobiográficas com esportistas aposentados. Os autores trabalharam o conceito de identidade atlética, definida pelos autores como o grau em que o indivíduo pensa e se sente como um atleta. O objetivo era analisar a relação entre tal identificação e o fim da carreira esportiva. Os autores afirmam que aposentadorias precoces ou forçadas tendem a potencializar reações negativas, e que o sofrimento relacionado à aposentadoria do esporte é similar ao vivenciado em outras perdas e lutos. Os resultados de

sua pesquisa apontaram que o ato de falar sobre os sentimentos que surgem ao longo da transição de carreira tende a beneficiar o processo. O estudo de Selingardi (2013) também tratou da aposentadoria de atletas profissionais, e abordou as dificuldades geradas por tal transição em suas vidas.

Recentemente, o tema da saúde mental de atletas tem ganhado mais espaço, sobretudo na mídia esportiva. Nos últimos anos, atletas de diversas modalidades têm falado sobre o assunto e compartilhado publicamente relatos sobre suas experiências, o que corrobora a suposição de que haveriam outras situações que levariam ao mal-estar. Não seria possível citar todos os exemplos neste espaço, mas podem-se destacar casos como o do nadador Michael Phelps (Minutaglio, 2017), do pugilista Ricky Hatton (Hatton, 2016), do jogador de futebol americano Brandon Marshall (Marshall, 2017) e do jogador de basquete DeMar DeRozan (Smith, 2018). Todos estes falaram sobre o diagnóstico de depressão e a dificuldade para lidar com isso em um ou mais momentos de suas carreiras. Outro jogador de basquete, Kevin Love, afirmou ter sofrido um ataque de pânico durante uma partida da temporada 2017-2018. Ele contou que ler o relato de DeRozan, seu colega de modalidade, motivou-o a também a falar sobre o tema (Love, 2018).

No Brasil, o tema da saúde mental também vem sendo mais abordado por atletas nos últimos anos. O ginasta Diego Hypolito, em diferentes momentos de sua carreira, afirmou ter sofrido com depressão e crises de ansiedade e pânico (Doro & Aleixo, 2014; Uol, 2019). No futebol, os atacantes Nilmar e Thiago Ribeiro também foram entrevistados nos últimos anos e falaram sobre terem sido diagnosticados com depressão (Azambuja, 2018; Saviani, 2018). Ambos interromperam suas carreiras em decorrência do diagnóstico. Thiago Ribeiro voltou a jogar, enquanto Nilmar afirmou não pensar em voltar ao futebol. Outro jogador brasileiro, Mirandinha, este já aposentado, afirmou que, após encerrar sua carreira, teve "uma depressão ferrada" (*sic*) e que pensou em se suicidar "várias vezes, todos os dias de manhã" (Mirandinha, 2016).

O momento da aposentadoria do futebol também serviu como oportunidade para o zagueiro alemão Per Mertesacker falar sobre o sofrimento que sentiu em sua prática profissional. Em entrevista à revista *Der Spiegel*, ao anunciar que encerraria sua carreira ao final da temporada, disse estar com o corpo "acabado" (*finished*, no original) após lesões no joelho. Ao falar sobre seu último ano como jogador de futebol profissional, afirmou:

> Todos dizem que eu deveria desfrutar meu último ano, jogar o máximo possível. Eu preferiria ficar no banco ou, melhor ainda, nas arquibancadas. E então, finalmente e com mais de 30 anos, me sentirei livre pela primeira vez na vida. (Mertesacker, 2018, tradução nossa[2])

Em outro momento da entrevista, disse: "em algum ponto você percebe que isto é um fardo, tanto física como mentalmente. Que não é mais sobre se divertir de forma alguma e que você tem que entregar, sem contestações, mesmo que esteja machucado" (Mertesacker, 2018, tradução nossa[3]). Ao mesmo tempo, mesmo com o sofrimento que relata, Mertesacker afirmou que "faria tudo de novo" e que "valeu pelas memórias"[4].

Outro caso referente à aposentadoria é o do tenista Gustavo Kuerten, que se aposentou após uma derrota no Brasil *Open* de 2008, e anunciou sua despedida na quadra, com a seguinte fala para o público presente nas arquibancadas:

> Isso aqui é mais difícil do que ganhar Roland Garros[5] pra mim [...]. Cada dia que passa eu vejo que o tênis simboliza a minha vida, eu amei esse esporte, vivi intensamente os anos que pude jogar meu melhor. Vivi mais intensamente ainda os anos que eu tive minhas maiores dificuldades, e hoje saio feliz e satisfeito, e muito orgulhoso por esse carinho que eu consegui conquistar de vocês [...]. Eu aproveito pra agradecer vocês e não é que eu não queira realmente jogar mais, eu peço desculpa, mas é que realmente não consigo mais. (Kuerten, 2008)

Esses dois últimos casos citados permitem realizar algumas indagações significativas quanto à aposentadoria. Em ambos os casos, a questão física é tida como decisiva para o encerramento da carreira e como algo que prejudicou o desempenho de ambos nos anos que antecederam a decisão da aposentadoria. Há uma distinção significativa entre os dois, porém: Gustavo Kuerten desejava continuar jogando e não conseguia mais, enquanto Mertesacker preferia ficar de fora das partidas mesmo nos casos em que estivesse em condições de jogo.

Ainda sobre a aposentadoria, outro ponto que merece destaque é a idade dos atletas: Gustavo Kuerten aposentou-se do tênis aos 31 anos, enquanto Per Mertesacker encerrou sua carreira no futebol aos 33. O outro jogador de futebol já citado, Mirandinha, também deixou os gramados aos 31 anos. A carreira esportiva tem curta duração, havendo algum grau de variação em diferentes modalidades. No futebol, por exemplo, uma carreira dura em média

---

[2] "Everyone says I should really savor the last year, play as much as possible. I'd most like to sit on the bench, or, even better, in the stands. And then I will, at an age of over 30, be free for the first time in my life"

[3] "At some point you realize that it's all a burden, physically and mentally, that you're supposed to handle and deal with. That is no longer in any way about having fun and that you have to deliver, with no ifs, ands or buts, even if you're injured"

[4] "I would still Always do it again" e "It was all worth it for the memories"

[5] *Grand Slam* de tênis, um dos principais torneios do circuito, onde Kuerten conquistou seu primeiro grande título internacional.

oito anos (*Professional Footballers' Association,* n.d.), enquanto no boxe a duração média é cinco anos (Clausen, McCrory & Anderson, 2005). Na ginástica, considera-se que uma atleta com mais de 20 anos já teve uma longa trajetória (Barker-Ruchti, Kerr, Schubring, Cervin & Nunomura, 2016). Há outros fatores inerentes a cada modalidade que podem afetar o tempo da carreira do atleta, como, por exemplo, a posição dentro de campo em que o indivíduo atua, no caso de esportes coletivos. Algumas posições geram mais impacto no corpo do que outras, aumentando o risco de lesões que podem diminuir o tempo da carreira.

Ao longo de suas trajetórias, os momentos em que mais comumente se observa algum tipo de manifestação pública de dor, fragilidade ou incertezas em esportistas são em derrotas, lesões ou na aposentadoria. Tais momentos evidentemente não esgotam as possibilidades de mal-estar na vida de um atleta, então é possível supor que existem outras situações de sofrimento são ocultas ao público. Um primeiro questionamento que surge, portanto, é: por que estes outros momentos se dão longe do olhar público?

A relação entre o esportista e sua prática se dá de maneira distinta do que é observado em outras profissões, devido a particularidades da carreira esportiva. Tais questões se estabelecem desde muito cedo, visto que o indivíduo se insere em uma modalidade muito antes de se tornar propriamente um profissional, já que, via de regra, passa pelo processo de iniciação esportiva nas categorias de base ao longo da infância e adolescência.

Ao longo de seus anos como profissional, o atleta é inserido em um meio cuja cobrança por resultados é contínua e o sucesso ou fracasso estão constantemente em evidência para o público. Dentre os fatores que podem gerar sofrimento psíquico para esportistas, o desempenho em competições é um dos mais significativos. A lutadora de artes marciais mistas (MMA) Ronda Rousey afirmou ter pensado em cometer suicídio após a derrota para Holly Holm, na luta em que perdeu o cinturão de campeã da categoria peso galo. O combate também marcou o fim de sua invencibilidade na modalidade. Em entrevista alguns meses depois, a atleta falou sobre o momento seguinte a derrota:

> Honestamente, meu pensamento na enfermaria, eu estava sentada no canto e era como 'O que eu sou então se eu não sou isto?'. Literalmente estava sentada ali pensando em me matar. Naquele exato segundo, eu pensei 'Eu não sou nada. O que eu faço agora? Ninguém se importa comigo sem isto'. (Rousey, 2016, s.p., tradução nossa[6])

[6] "Honestly, my thought in the medical room, I was sitting in the corner and was like, 'What am I anymore if I'm not this?' Literally sitting there thinking about killing myself. In that exact second, I'm like, 'I'm nothing. What do I do anymore? No one gives a shit about me anymore without this'"

A já citada brevidade da carreira esportiva é outro fator que gera diversas questões que devem ser discutidas para se obter uma compreensão o mal-estar no esporte. É durante esse período que os atletas profissionais poderão exercer suas atividades e obter ganhos financeiros de seu trabalho[7]. Essa particularidade da carreira esportiva dá um caráter de urgência e tensão para os anos de atividade dos atletas, que muitas vezes não sabem ou não podem escolher quando irão encerrar suas carreiras. Inúmeros esportistas encerraram suas carreiras involuntariamente, em decorrência de lesões graves ou por perda de espaço dentro da equipe ou da modalidade. Esses riscos são inerentes a uma vida no esporte e todos os atletas têm de lidar com a possibilidade de passar por uma ou ambas as situações em suas trajetórias. Após o encerramento da carreira, os indivíduos encontram-se em uma posição social, a do aposentado, que não condiz com sua idade cronológica. Ao mesmo tempo, é uma transição que envolve a passagem para uma nova atuação profissional, que pode ou não ser relacionada ao esporte. Assim, o fim da carreira como esportista significa o início de uma nova ocupação.

Os relatos dos atletas citados, tanto os já aposentados quanto aqueles ainda em atividade, permitiram formular alguns questionamentos que nortearam este trabalho: de que maneira a relação que se forma entre o atleta e sua prática profissional contribui para gerar angústia? Como o atleta se relaciona com os diversos outros indivíduos que estão inseridos na cena esportiva (público, outros atletas, dirigentes, mídia) e de que maneira tais relações o afetam? De que maneira a dinâmica do esporte de alto rendimento pode engendrar a ambivalência de sentimentos que se apresenta nos casos mencionados? É possível dizer que são casos isolados ou há algo do esporte que de fato leva ao sofrimento dos atletas?

Nos últimos anos, o advento das redes sociais e das novas tecnologias fez com que o contato e as possibilidades de manifestação por parte dos atletas mudassem significativamente. Se antes estes dependiam de entrevistas (ou de eventualmente lançar um livro) para expressarem suas ideias e sentimentos, hoje possuem diversas plataformas para fazê-lo (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, entre outros). Inúmeros atletas fazem uso de redes sociais para se comunicar com o público diariamente, seja para compartilhar momentos de lazer, fotos de família e amigos, como para comentar aspectos de sua prática, como falar sobre vitórias, derrotas e aspectos dos bastidores do esporte.

Outra forma de comunicação que vem sendo utilizada atualmente pelos atletas é a página da internet *The Players' Tribune*. Trata-se de uma companhia criada pelo ex-jogador

---

[7] Embora alguns atletas sigam ganhando dinheiro mesmo após o fim da carreira, geralmente em função de contratos publicitários ou patrocinadores pessoais, estes são uma minoria dentro do universo de atletas profissional.

de beisebol Derek Jeter, com o intuito de se tornar um canal de comunicação de atletas com seus fãs. A proposta da página é que esportistas publiquem textos sobre o tema que desejarem. São realizadas entrevistas com atletas, predominantemente na forma de monólogos, e em seguida são produzidos textos com base na fala dos atletas. De acordo com a diretoria editorial, há um esforço para que a edição do que foi dito por cada entrevistado seja mínima, e o texto final é aprovado por cada esportista. Foram em textos do *The Players' Tribune* que foram relatados diversos dos casos citados de sofrimento psíquico e depressão no esporte, como o de Marshall e Love, citados anteriormente.

Tais condições apontam que há demanda por parte de atletas por espaços onde possam falar e ser ouvidos para além do lugar que é oferecido pela mídia tradicional e no meio esportivo. Nas pesquisas e espaços citados, foi oferecida a eles a possibilidade de se colocarem como indivíduos, com desejos, dúvidas, contradições e fraquezas, o que se traduziu em relatos que abordavam esses outros elementos, raramente citados no cotidiano esportivo. A proposta deste trabalho, portanto, foi pensar e discutir o esporte e os esportistas, transpondo essa percepção idealizada que predomina na sociedade.

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar tanto o esporte enquanto fenômeno cultural quanto a carreira de esportistas, de modo a compreender como se dá o mal-estar em tal meio. Ao mesmo tempo, pretendeu-se analisar quais aspectos da lógica esportiva contribuem ou potencializam o sofrimento psíquico nos indivíduos que se envolvem com o esporte de alto rendimento. Algumas hipóteses foram traçadas de início. Uma delas é de que tal idealização social do atleta e da busca por sucesso esportivo contribui para o mal-estar experimentado pelos indivíduos que se envolvem em tais carreiras. Outra hipótese é que a dinâmica e a discursividade do esporte de alto rendimento, somadas ao lugar ocupado tanto pelo esporte como pelo trabalho como um todo na sociedade, impactam os esportistas e levam ao sofrimento. A terceira hipótese que guiou a pesquisa de início é que o impacto psíquico do trabalho para atletas profissionais é sentido em todos esses momentos: antes, durante e após o término da carreira, embora de maneira distinta em cada uma dessas etapas. Acredita-se que cada momento da vida do esportista apresenta particularidades que devem ser investigadas em suas especificidades, e essa separação representa uma maneira adequada para fazê-lo.

A Psicologia já figura há algum tempo entre as ciências do esporte, porém, assim como a Medicina, a Fisiologia, a Nutrição e outras disciplinas, a Psicologia do Esporte tem como foco o desempenho do atleta em treinamentos e competições. Seu objetivo é a melhora do desempenho. Em contraponto, este trabalho aposta na psicanálise como alternativa a esta abordagem. O potencial da psicanálise para o estudo do esporte se baseia na própria obra

freudiana. Em sua obra, Freud tratou não apenas de questões clínicas e do estudo do psiquismo individual, mas investigou temas da Psicologia social e cultural.

> O que caracteriza a psicanálise como ciência não é o material de que trata, mas sim a técnica com a qual trabalha. Pode ser aplicada à história da civilização, à ciência da religião e da mitologia não em menor medida do que à teoria das neuroses, sem forçar sua natureza essencial. (Freud, 1917/1980, p. 453)

Em *Totem e Tabu*, de 1913, realizou a primeira tentativa "de aplicar perspectivas e resultados da Psicanálise a problemas ainda não solucionados da psicologia dos povos" (Freud, 1913/2012, p. 14). O tema permeou a obra do autor, fazendo-se presente em diversos textos, com mais ênfase em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, de 1921, e *O Mal-Estar na Civilização*, de 1930. Os chamados "textos sociais" de Freud serão utilizados como base para a análise do fenômeno esportivo e seu lugar na sociedade.

A relevância e justificativa da Psicanálise como instrumento para estudo e análise de aspectos da cultura está colocada ao longo de sua obra. Em *Dois verbetes de enciclopédia*, de 1923, Freud apresenta e define a psicanálise como mais do que um trabalho clínico:

> Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, 1923/1996, p. 287)

No mesmo texto, Freud destaca a profundidade das hipóteses e o alcance das conexões realizadas pela psicanálise, que se encontra em posição e com potencial de contribuir para o estudo de diversas áreas, e não apenas da medicina:

> Qualquer estimativa da psicanálise estaria incompleta se deixasse de tornar claro que, sozinha entre as disciplinas médicas, ela possui as mais amplas relações com as ciências mentais e se encontra em posição de desempenhar um papel da mesma importância nos estudos da história religiosa e cultural e nas ciências da mitologia e da literatura que na psiquiatria. (Freud, 1923b/1996, p. 306)

O esporte é uma das principais manifestações culturais da atualidade e é presença constante na mídia e no imaginário popular. Assim, o uso da psicanálise para seu estudo e sua compreensão é justificável. A relevância das análises culturais de Freud é mencionada por Costa (2001): "o que é impressionante de se constatar é de que a língua das neuroses é a

mesma da cultura. Freud situa isso muito bem. Por isso, suas análises culturais não se diferenciam de suas análises individuais" (p. 128).

Além do estudo do esporte na sociedade, a Psicanálise foi utilizada também na busca pela compreensão de como os discursos vigentes tanto no meio esportivo quanto na sociedade capitalista engendram o mal-estar nos esportistas. Como forma de nortear tal análise, foram escolhidos conceitos como ideal, identidade e narcisismo conforme articulados por Freud, além de outros temas que se relacionassem e fossem necessários para a compreensão desses.

Este trabalho parte de uma revisão da literatura. O segundo capítulo apresenta um breve histórico situando o lugar social ocupado pelo esporte, desde a Antiguidade até a atualidade. Em seguida, o esporte como prática profissional é contextualizado, com seu impacto cultural e as contradições inerentes a esse meio e sua discursividade. Posteriormente, no terceiro capítulo, são retomados os textos freudianos para discorrer sobre a função social e libidinal do trabalho, além de articular estes conceitos com aspectos do esporte enquanto fenômeno cultural. No capítulo seguinte é tratada a carreira esportiva em si. A proposta é pensar em termos cronológicos da vida profissional do atleta e abordar as peculiaridades e vicissitudes de cada fase da prática esportiva, desde a iniciação esportiva nas categorias de base até a aposentadoria e a transição de carreira.

Finalmente, como meio de investigar os discursos e como os atletas se inserem no meio esportivo e no laço social, no quinto capítulo é utilizado o conceito dos discursos do psicanalista francês Jacques Lacan. Os quatro discursos criados por Lacan, somados a articulação posterior do discurso do capitalista, são formas de compreensão do laço social e das relações de poder, sendo um poderoso aliado no estudo e na análise de como se articula a dinâmica do esporte. O objetivo principal de tal análise é observar em que pontos os elementos que levam ao mal-estar podem ser pensados como estruturais do sujeito e em que medida são culturais e discursivos.

Ao longo de todo o trabalho são trazidos exemplos de esportistas que possam ilustrar os conceitos trazidos e enriquecer as discussões que surgirão ao longo do trabalho. Parte-se do princípio de que é importante dar voz aos atletas para buscar melhor compreensão dos fenômenos que são estudados. Uma questão referente aos exemplos se deve ao fato de só se ter acesso ao dito de cada atleta em momentos específicos, e muitas vezes não se ter acesso a grande parte de sua história ou do contexto ao qual a fala se refere. Assim, não se trata de analisa-los como se faria um caso clínico, mas para ilustrar as questões e conceitos abordados. Para isso, são utilizados materiais colhidos de entrevistas para a imprensa, documentários e

textos escritos por atletas, como material autobiográfico. O uso de tais materiais é colocado como uma possibilidade metodológica por Rosa (2004).

Sobre o uso do método psicanalítico, para Safra (2001, p. 173, grifos do autor) este

> é posicionado não na busca de um objetivo determinado ou de algo a ser concluído, mas como um procedimento processual. Trata-se de uma característica do processo psicanalítico diretamente relacionada às peculiaridades da subjetividade humana: *a contínua abertura para o devir*.

Evidentemente, um tema de tamanha complexidade não será esgotado em uma dissertação de mestrado. Devido à pluralidade de modalidades esportivas, cada uma com suas especificidades, há diversas possibilidades de análises, estudos e trabalhos possíveis na área. Além disso, conforme citado, ainda há poucas investigações e discussões sobre a carreira no esporte e o fenômeno esportivo em si fazendo uso do referencial teórico psicanalítico. A justificativa deste trabalho é a percepção, com base em falas do próprio Freud, que a Psicanálise tem contribuições a oferecer para os estudos do esporte, tanto como fenômeno social e elemento cultural quanto como uma perspectiva de trabalho clínico para os sujeitos que se envolvem com a prática esportiva.

A Psicanálise, com sua ética, contrariando as expectativas de adaptação da sociedade moderna, pode oferecer aos atletas uma escuta diferenciada, proporcionando um lugar onde possam finalmente falar como sujeitos desejantes e faltantes, condições que o discurso esportivo parece tentar constantemente calar. Dias e Sousa (2012) tocam em tal questão, defendendo a Psicanálise como possibilidade de "resgatar a dimensão desejante tantas vezes negligenciada na instituição esportiva" (p. 9), e também como forma de resistência a tal modelo de busca incessante pela superação de recordes e limites a qualquer custo, citando que "é quando o sujeito falha na construção da perfeição que um lugar de enunciação é possível" (Dias e Sousa, 2012, p. 3).

2 ESPORTE E SOCIEDADE

Para uma análise do que transcorre ao longo de uma carreira esportiva, é importante buscar uma compreensão do lugar do esporte na sociedade, já que, conforme mencionado, tal área possui especificidades em relação a outras profissões. Para isso, será feita a seguir uma breve contextualização da prática esportiva ao longo da história, assim como na atualidade. Por não se tratar do foco principal deste trabalho, o papel do esporte nas diferentes civilizações não será aprofundado. A proposta neste momento é ilustrar o processo histórico que envolveu o esporte no decorrer dos tempos e como se deu a construção do modelo atual de esporte e da sua representatividade social.

2.1 O lugar social do esporte ao longo da história

O esporte surgiu no período pré-histórico e sua origem "remete à sobrevivência, ao culto aos deuses e ao cumprimento de rituais" (Rubio, 2001, p. 109). Posteriormente, "é organizado na Grécia como um dos eventos mais importantes da Antiguidade" (Rubio, 2001, p. 107). Na época, os Jogos Olímpicos uniam atletas de diferentes cidades-estados, muitas das quais frequentemente estavam em guerra. As leis olímpicas, porém, protegiam as competições de uma eventual interferência política. Nesse contexto, os jogos representaram um fator de união que auxiliou na criação de uma cultura helênica (Besnier, Brownell & Carter, 2018). Na Grécia helênica, os atletas ocupavam lugar distinto na sociedade, já que a participação nos Jogos Olímpicos era permitida apenas para cidadãos, condição que, à época, não incluía mulheres e escravos, que sequer tinham o direito de assistir às competições. Além disso, havia um processo iniciativo, por meio do qual a participação era concedida aos atletas. Aos vencedores, os privilégios eram ainda maiores:

> Em caso de vitória, além da coroa de louros recebida, o atleta vencedor gozava da glória concedida aos mais poderosos como honras políticas, isenção de impostos, pensões vitalícias, escravos, entre outras regalias. Fora isso, os feitos atléticos colocavam seu protagonista na galeria dos heróis mitológicos, indicando a impressão de seu nome em documentos e praças públicas onde esses feitos eram contados e celebrados. (Rubio, 2001, p. 12)

Posteriormente, conquistadores macedônios e romanos assimilaram as Olimpíadas em suas culturas, como forma de demonstrar seu poder e também sua admiração pelo helenismo. Em Roma, os jogos aumentaram em escala, abrindo a participação nas competições para os melhores atletas do mediterrâneo. Durante esse período, os esportes estavam integrados às

estruturas sociais, políticas e econômicas e tinham como um de seus papéis reforçar a legitimidade dos líderes e do Estado (Besnier et al., 2018). Além disso, na Antiguidade a atividade física era vista como algo positivo tanto para os indivíduos quanto para a sociedade, pois a existência de grande número de cidadãos em boa forma física representava uma maior reserva de soldados a serem utilizados em caso de conflitos com outros estados.

Diferentes povos e civilizações tinham suas próprias relações com o esporte. Nos Impérios Maia e Asteca, jogos com bolas eram eventos familiares, embora também tivessem um forte elemento político, exercendo papel no estabelecimento de governos à época. Mortes ocorriam regularmente, tanto durante as partidas, devido ao impacto das pesadas bolas utilizadas, quanto na forma de sacrifícios após o término do jogo, que faziam parte do aspecto ritualístico do esporte em tais culturas. A importância e representatividade do esporte em tais civilizações é apontada por Besnier et al. (2018, p. 22, tradução nossa[8])

> Esportes tiveram um papel central na emergência de sociedades complexas na América do Norte e na Mesoamérica, dado que todas estas sociedades participavam de espetáculos relacionados ao esporte. [...] os esportes associados a estes espaços demonstravam os mesmos elos entre espetáculo, capacidade atlética e poder político.

Com o passar dos séculos, houve uma homogeneização do conceito de esporte. A partir do meio do século XIX, a prática esportiva passou a ser visto como um componente da educação de jovens da classe média europeia, sendo considerado "uma forma de treinar homens para o capitalismo, colonialismo, e militarismo" (Besnier et al., 2018, pp. 143-144, tradução nossa[9]). A concepção de esporte que norteou tal processo se desenvolveu a partir de uma incorporação do ideal do corpo masculino inspirado pela Grécia Antiga às ideologias emergentes de nacionalismo. A expansão das principais modalidades esportivas da atualidade ao redor do mundo se deu no Imperialismo e teve como efeito a supressão de diversos esportes indígenas e de outros povos colonizados durante tal período. Os reflexos disso ainda são percebidos na organização das competições atuais. Nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, das 42 modalidades disputadas, apenas duas não tiveram origem na Europa ou nos Estados Unidos: o judô e o *taekwondo*, originados, respectivamente, no Japão e na Coreia[10].

A exportação dos esportes europeus para suas colônias tinha como uma de suas funções a transmissão da cultura, dos valores e da ideologia dos colonizadores. A prática

---

[8] "Sport played a central role in the emergence of complex societies in North America and Mesoamerica, given that these societies all engaged in sport-related spectacles. […] the sports associated with these spaces demonstrate the same links among spectacle, athleticism, and political power"

[9] "A way of training men for capitalism, colonialism, and militarism"

[10] A partir dos Jogos Olímpicos de 2020, o caratê também será uma das modalidades disputadas.

esportiva era, então, visto como uma forma de educar e civilizar os "selvagens" colonizados e de mostrar a dominância e superioridade comportamental e estética do povo europeu. Esportes modernos como futebol, críquete e rúgbi traziam consigo um código particular de como se comportar como um indivíduo civilizado e moderno (Besnier et al., 2018). Além de ser uma forma de propagar os ideais europeus, a prática de esportes era vista como uma maneira de dissipar a agressividade e a energia sexual dos povos das colônias.

Conforme a hegemonia colonial passou a se quebrar e as colônias passaram a se tornar independentes, os clubes esportivos continuaram com a mesma função dentro da sociedade, passando a servir à nova elite. Apesar do processo de independência das nações, manteve-se a tensão entre nações colonizadoras e colonizadas nos esportes. As competições entre si tornaram-se sítios de resistência e valorização nacional e cultural, aspecto que se mantém até hoje. Alguns exemplos disso são vitórias das Índias Ocidentais[11] sobre a Inglaterra no críquete e a vitória de Senegal sobre a França, na abertura da Copa do Mundo de 2002, que levou milhares às ruas de Dakar para celebrar (Besnier et al., 2018; Coakley, 2015).

Conforme os esportes se tornaram organizados formalmente, passou a haver mais ênfase no autocontrole para restringir a expressão de impulsos agressivos durante a competição, adequando-os as regras de cada modalidade (Dunning, 1999). A prática esportiva passou a ser associada também ao tempo livre, ao lazer e, mais posteriormente, à profissionalização. Atualmente, "é tido como produto da indústria cultural, um espetáculo, diferentemente da atividade e da educação física, relacionado com a educação, com a saúde e com a qualidade de vida" (Rubio, 2001, p. 108).

Principal manifestação esportiva da atualidade, os Jogos Olímpicos modernos surgiram, assim como os jogos antigos que lhe serviram de inspiração, com uma organização que excluía diversos membros da sociedade. A primeira edição ocorreu em 1896, em Atenas, tendo sido idealizada alguns anos antes pelo aristocrata francês Pierre de Coubertin e criada em conjunto com representantes de diversos países. Em sua origem, os jogos eram restritos a atletas amadores, definição que favorecia os membros das camadas mais altas da sociedade, já que impedia a participação de atletas que usavam suas habilidades esportivas para se sustentar, dando um caráter elitista ao evento (Coakley, 2015). Além disso, na primeira edição dos jogos, apenas homens puderam participar das competições. Com o passar do tempo, tais restrições foram revistas e abandonadas, no que foi um processo gradual e complexo, sobretudo no que diz respeito à participação feminina.

---

[11] Embora em geral não se utilize mais o nome de Índias Ocidentais para se referir às ilhas caribenhas das Antilhas e Bahamas, elas competem nas competições internacionais de críquete sob esse nome.

2.1.1 A inserção feminina no esporte

As barreiras para a inserção de mulheres no esporte moderno estiveram presentes desde suas origens. Pierre de Coubertin, fundador dos Jogos Olímpicos modernos, se opunha à participação feminina, colocando o homem no lugar de ideal olímpico. Para ele, o papel da mulher deveria ser o de espectadora dos feitos masculinos. Na primeira edição dos Jogos, em conformidade com tal visão, a participação não foi estendida às atletas do sexo feminino. Isto mudou a partir da edição seguinte, porém apenas em algumas modalidades: "da segunda até a quarta edição dos Jogos Olímpicos modernos, mulheres eram autorizadas a participar de esportes como golfe, tênis, arco e flecha, e patinação artística" (Besnier et al., 2018, p. 129, tradução nossa[12]). O acesso a estes esportes estava em conformidade aos valores associados à feminilidade da época, que viam em tais modalidades atividades artísticas com ênfase em coordenação e estética corporal baseada em graça e beleza (Coakley, 2015).

Ao longo das décadas, tais restrições foram diminuindo, em um processo gradual e vagaroso[13]. Ao longo das décadas, a presença feminina nas demais modalidades passou a ocorrer. Apenas nas Olimpíadas de 1964 houve a inserção feminina em um esporte por equipes, o vôlei, e só nos Jogos de Londres, em 2012, todos os esportes passaram a ser disputadas por homens e mulheres. A última barreira se deu nas artes marciais, como o boxe e o MMA, onde ainda há resistência e preconceitos devido aos padrões sociais de feminilidade (Dunning & Maguire, 2010). Isto se manifesta no questionamento da sexualidade e feminilidade de muitas atletas. Mesmo na atualidade, esportes continuam sendo uma atividade em que a segregação com base em gênero é aceita, esperada e mesmo obrigatória. Na grande maioria das modalidades, não há a possibilidade de disputa direta entre homens e mulheres, seja de modo cooperativo ou competitivo (Coakley, 2015; Knijnik, 2010).

Mesmo durante o processo de inserção feminina no esporte de alto rendimento, este não se deu sem questões. Após a Segunda Guerra Mundial, passou a haver testes para comprovar o sexo das competidoras. Inicialmente, a avaliação se dava mediante a apresentação da atleta nua perante um painel de ginecologistas que avaliavam e determinavam se a atleta de fato era uma mulher. Em 1968, foi adotado um teste cromossômico como alternativa, o que trouxe outras questões, já que houve casos de atletas com alterações

---

[12] "From the second to the fourth modern Olympic Games, women were allowed to take part in elite sports such as golf, tennis, archery, and figure skating"

[13] As restrições não ocorriam apenas no âmbito dos esportes olímpicos. Até 1979, era proibida no Brasil a prática do futebol feminino (Goellner, 2005).

cromossômicas que tiveram suas carreiras encerradas devido ao resultado do teste (Coakley, 2015; Knijnik, 2010). O teste cromossômico foi deixado de lado em 1999.

Recentemente, o caso da corredora Caster Semenya colocou novamente em evidência as questões de gênero no esporte profissional. A atleta sofre com suspeitas sobre seu gênero desde sua entrada no esporte, em 2009, aos 18 anos, por possuir hiperandrogenismo, um distúrbio endócrino que afeta os níveis de testosterona no sangue. Na época, a Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) submeteu a atleta a um processo de verificação de gênero, e no ano seguinte Semenya foi liberada para competir novamente. Em 2011, a Associação estabeleceu novas regras para a participação feminina no esporte. Atualmente os critérios são a declaração da identidade de gênero por parte da atleta, e apresentar níveis de testosterona abaixo de 10 nanomols por litro de sangue (Comitê Olímpico Internacional, 2015). Em 2018, porém, a IAAF alterou as regras novamente, diminuindo para 5nmol/L o máximo permitido para a participação em provas variando entre 400m e 1500m. Semenya, que estava invicta na prova dos 800m desde 2015, entrou com uma apelação contra a medida, alegando que o tratamento para reduzir os níveis de testosterona em seu sangue prejudicariam sua saúde, além de seu desepenho. Em 01 de Maio de 2019, foi anunciado que o recurso da atleta não foi aceito pela Corte Arbitral do Esporte (CAS) (Ingle, 2019). Um dos aspectos significativos do caso é a argumentação do COI alegando que a medida é necessária para que a dimensão da justiça dentro do esporte seja respeitada. Ao mesmo tempo, Caster Semenya é punida mesmo sem ter feito uso de dopagem para aumentar seus níveis hormonais.

Outro caso que aponta questões problemáticas de outra ordem referentes ao esporte feminino foi trazido à tona pela atleta americana Emma Coburn. Ela contou recentemente, via *Twitter*, que, ao sair da faculdade, se reuniu com duas marcas de produtos esportivos que tinham interesse em patrociná-la. Ao questionar os executivos das empresas sobre o que ocorreria caso ela engravidasse durante o tempo em que o contrato estivesse em vigência, uma das marcas, não nomeada por ela, afirmou que nesse caso o contrato seria pausado até que ela voltasse a competir. A outra marca não propôs alterações, sendo escolhida por ela por tal motivo (Coburn, 2019). O fato de Coburn ter considerado necessário perguntar se haveria alguma questão em caso de gravidez é relevante, e a resposta de uma das marcas evidencia outra forma de controle do corpo feminino no esporte.

Tais tentativas de controle e obstáculos enfrentados por mulheres em suas práticas esportivas se relacionam com a forma como se construiu a prática esportiva na modernidade. O esporte, sobretudo em sua modalidade profissional, é tido como um dos principais espaços de expressão e preservação da masculinidade nas suas formas tradicionais, com as

competições historicamente celebrando agressão, violência e dominação física (Dunning & Maguire, 2010; Coakley, 2015). Embora as mulheres venham conquistando espaço no esporte ao longo das últimas décadas, a maior parte das posições de poder no esporte feminino, como treinadores e dirigentes, ainda é ocupada por homens. Apesar desta relação de tensão, nas ciências sociais as discussões de gênero não abordam questões do esporte, como explicitam Dunning e Maguire (2010, p. 69):

> O esporte não é considerado como importante espaço para a construção das maneiras de ser e das identidades de gênero, como espaço da vida social no interior do qual e a respeito do qual desenrolam-se atualmente numerosas e significativas batalhas sobre as relações sociais de gênero.

Embora tais discussões raramente ocorram, o que se observa ao longo da história é a luta feminina por inclusão e reconhecimento: "desde o início, as mulheres tiveram de lutar com firmeza para tomar pé no mundo do esporte e assim mesmo seu *status*, embora não gravemente ameaçado, continua marginal" (Dunning & Maguire, 2010, p. 93, grifo dos autores). Esta marginalização se mostra na disparidade entre os esportes masculinos e femininos em termos de prestígio, salários, visibilidade na mídia, premiações. Ainda que existam oportunidades para as mulheres em praticamente todas as modalidades, o número de atletas profissionais é baixo em relação aos homens, e apenas algumas mulheres ganham grandes salários ou premiações (Coakley, 2015).

Sobretudo na questão dos salários, a diferença entre atletas homens e mulheres é significativa. Um levantamento da *Adelphi University*, de Nova York, apontou as diferenças de rendimentos em diversas modalidades. No basquete americano, por exemplo, o salário médio na temporada 2014-15 era de quatro milhões e meio de dólares entre os homens e estimativamente setenta e dois mil dólares entre as mulheres, com o salário máximo de $102,000. No golfe, a média é de $973,000 e $162,000 respectivamente. O tênis é uma das poucas modalidades nas quais o salário médio das mulheres é maior do que o dos homens ($345,000 e $260,000, respectivamente). Na modalidade, os quatro *Grand Slams*[14] pagam a mesma premiação para ambos os sexos. Contudo, mesmo assim os rendimentos dos atletas masculinos é maior, levando em consideração premiações por vitórias em outras competições. No ranking anual da Forbes dos 100 atletas mais bem pagos do mundo, em 2018 não houve a presença de nenhuma mulher. Nos últimos anos, mulheres foram representadas por atletas do

[14] Os *Grand Slams* são os quatro principais torneios de tênis da temporada, sendo eles o Aberto da Austrália, o Aberto da França, o Torneio de *Wimbledon* e o Aberto dos Estados Unidos.

tênis, e apenas três conseguiram entrar na lista: Serena Williams, Maria Sharapova e Na Li (Adelphi University, 2014).

As intervenções sobre a participação feminina no esporte não se deram apenas em termos do controle e avaliação biológica do corpo das mulheres, mas também de sua aparência. Em diversos momentos, dirigentes usaram seu poder para determinar ou opinar sobre a vestimenta de atletas em competição. Isso se traduz em regulamentações sobre aspectos que transcendem a prática esportiva e invadem aspectos como a adequação aos padrões estéticos sociais. Um dos modos mais comuns disso diz respeito às roupas utilizadas pelas atletas em diferentes modalidades. O tênis e a patinação artística já impuseram restrições para as vestimentas das competidoras no passado recente[15] e, em 2004, o então presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA) Sepp Blatter, questionado sobre que medidas poderiam ser adotadas para aumentar a popularidade do futebol feminino, sugeriu que elas usassem shorts mais apertados, para adotar uma "estética mais feminina" (Christensen & Kelso, 2004).

Às questões citadas são somadas as dificuldades que esportistas enfrentam ao longo de suas carreiras, independente de questões de gênero. Assim, observa-se que a forma como o esporte profissional é estruturado coloca obstáculos a mais para atletas do sexo feminino. Embora não seja possível fazer sempre o contraponto entre esportistas homens e mulheres, é importante ter em mente que tais questões se mantêm presentes nos diferentes aspectos do esporte profissional que serão analisados ao longo deste trabalho.

2.2 O esporte na atualidade

Embora o esporte e seu lugar na sociedade tenham passado por mudanças, os atletas continuam a ocupar lugar de prestígio na atualidade, sobretudo os vencedores:

> A coroa foi trocada por medalhas – ouro, prata e bronze -, e as honras e isenções foram transformadas em contratos publicitários milionários e o prestígio conquistado por alguns atletas que praticam modalidades organizadas, reconhecidas e prestigiadas pelo grande público, leva-os a uma posição de destaque social que beira à realeza. (Rubio, 2001, p. 12)

[15] Em 2018, a tenista Serena Williams competiu em Roland Garros usando um macacão especial que favorecia a circulação sanguínea, após ter tido problemas com formação de coágulos. A Federação Francesa de Tênis decidiu banir o traje e impor restrições às roupas das tenistas para o ano seguinte, embora ainda não tenha especificado quais serão as novas regras. Em resposta à polêmica causada, a WTA anunciou, em Fevereiro de 2019, que irá flexibilizar as normas referentes às roupas das tenistas, mudança que não se aplica aos torneios *Gland Slam*, que possuem regulamentos próprios. Na patinação artística, as patinadoras eram obrigadas a usar saias nas competições até 2004, e ainda devem fazê-lo na modalidade da dança no gelo (Estadão conteúdo, 2018; Aljazeera, 2019, Coakley, 2015).

Desde seu surgimento na Antiguidade, o esporte sempre teve um importante papel na sociedade, ocupando um lugar de lazer, educação, saúde e integração social. Além disso, a associação entre política e esporte foi uma constante na história e é um aspecto que vigora até hoje. A prática esportiva, por ter como objetivo demonstrar a destreza e a força física dos competidores, colocava os vencedores em posições privilegiadas dentro de algumas sociedades antigas. Além disso, o sucesso esportivo era considerado uma forma de representar o poder de um povo e de sua nação (Correia de Melo & Correia de Melo, 2006). Esse caráter se mantém com a participação nos Jogos Olímpicos modernos, sendo uma das principais formas de uma nação recém-formada se apresentar e se estabelecer no cenário global (Besnier et al., 2018).

Nas últimas décadas, o esporte tem sido utilizado como entretenimento público, contudo, ele nunca foi tão comercializado como atualmente, com estádios, times e eventos levando os nomes de corporações e associados a logomarcas corporativas (Coakley, 2015). Alguns exemplos disso são os estádios que levam nomes de empresas, como a *Allianz Arena*, em Munique, e o *Etihad Stadium*, em Manchester. Há marcas que patrocinam e dão nome a equipes, como a *Red Bull*, que possui equipes de futebol em Leipzig, Salzburg e Nova York, além de duas equipes na Formula 1. No ciclismo, a grande maioria das equipes leva o nome de corporações, como *Movistar* e *INEOS*, multinacionais das áreas de telefonia e produtos químicos, respectivamente. Tais empresas pagam grandes somas em troca dos direitos de nome[16], tendo suas marcas expostas em nomes de estádios ou de equipes por um período determinado em contrato. Este envolvimento corporativo no esporte é um fenômeno recente que se traduz em impacto econômico para dirigentes, organizadores e patrocinadores.

Os maiores eventos esportivos do mundo, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, são assistidos por bilhões de pessoas ao redor do mundo e são espetáculos que movimentam significativa quantidade de investimento financeiro (Campos, 2015; Coakley, 2015). Tal fato coloca um elemento a mais na busca por vitórias, já que estas trarão lucros e oportunidades de negócios: "é um grande mercado, que produz e vende espetáculos, [...] são fontes inesgotáveis de investimentos das multinacionais do material esportivo" (Ramos, 1984, p. 111). Essa lógica se aplica a todos os esportes, mas sua dimensão aumenta naqueles que têm grandes competições organizadas, sobretudo modalidades olímpicas. Um dos principais reflexos disso é a expansão global de campeonatos e equipes.

---

[16] Comumente referidos no esporte pelo termo em inglês, *naming rights*.

Competições como a *National Basketball Association* (NBA), a *National Football League* (NFL), e a *Champions League*, entre diversas outras, são assistidas em praticamente todo o mundo, e as organizações que governam tais ligas buscam ativamente a expansão para novos mercados. Isso se dá, entre outros meios, pela realização de jogos em diversos países, como México, China, Inglaterra, etc. (Coakley, 2015) No futebol, o esporte mais difundido globalmente, existem diversos exemplos, como as decisões de Copas da Itália disputadas na China, Catar e Arábia Saudita, e a edição da Supercopa da Espanha de 2018, decidida no Marrocos. Isso se traduz em uma popularização mundial das equipes, elevadas ao lugar de marcas. Hoje, no Brasil, por exemplo, não é raro encontrar na rua jovens usando uniformes de equipes estrangeiras[17].

O que se observa há algumas décadas é um "redimensionamento da importância do fenômeno esportivo para a sociedade moderna, que tem na mídia seu principal divulgador e aliado, que globalizou o esporte" (Rubio, 2001, p. 101). Atualmente, portanto, o esporte adquiriu outro lugar social. Para Coakley (2015, p. 4, tradução nossa[18]),

> Eles [esportes] são aspectos importantes da vida social que têm significados que vão muito além de resultados e estatísticas de desempenho. Esportes são partes integrais dos contextos sociais e culturais em que vivemos, e eles fornecem histórias e imagens que muitos de nós usamos para avaliar nossas experiências e o mundo ao nosso redor.

Os investimentos no meio esportivo mostram-se cada vez mais altos, com a expansão para novos e maiores mercados. Com o crescimento das mídias e, consequentemente, da visibilidade das modalidades e dos competidores, observa-se mais envolvimento por parte do público, com um ou mais esportes ocupando lugar central na vida de inúmeras pessoas. São atividades que unem de maneira dramática temas como emoções, política, dinheiro e moralidade e nas quais indivíduos investem financeira e emocionalmente (Besnier et al., 2018).

É importante também distinguir sobre os diferentes usos e modalidades de esporte existentes na sociedade, de modo a delimitar mais claramente o objeto de estudo deste trabalho.

---

[17] Isso não se restringe ao futebol, aplicando-se a outros esportes, principalmente o basquete e o futebol americano.

[18] "They're important aspects of social life that have meanings going far beyond scores and performance statistics. Sports are integral parts of the social and cultural contexts in which we live, and they provide stories and images that many of us use to evaluate our experiences and the world around us"

2.3 A lógica e a dinâmica do esporte de alto rendimento

Rubio (2001) divide o esporte em três grandes áreas, com dinâmicas e objetivos distintos. São elas:

> *Esporte performance*, que objetiva rendimento, numa estrutura formal e institucionalizada; *esporte participação*, visa o bem-estar para todas as pessoas, praticado voluntariamente e com conexões com os movimentos de educação permanente e com a saúde; *esporte educação*, com objetivos claros de formação, baseado em princípios socioeducativos, tendo como finalidade a preparação de seus praticantes para a cidadania e para o lazer. (Rubio, 2001, p. 96, grifos nossos)

Cada uma dessas modalidades de esporte possui dinâmicas particulares e significado próprio. Neste trabalho é tratado principalmente do que a autora nomeou como esporte *performance*, também conhecido como esporte de alto rendimento. Essa é a forma e modalidade de esporte que é vivenciada por aqueles que se envolvem em uma carreira como atletas profissionais. A distinção das outras modalidades de práticas esportivas se estabelece no princípio da carreira e se mantém durante os anos de atividade profissional do atleta. O esporte *performance* se distingue da modalidade de participação por ser um meio excludente, havendo espaço apenas para os considerados atletas mais talentosos e mais preparados; e se distingue do esporte educação por colocar aspectos socioeducativos em segundo plano, com o foco voltado para os resultados em competição.

Outra distinção importante que deve ser feita é entre atividade física regular e esportes de alto rendimento quando se fala sobre saúde e bem-estar. Embora sejam vistos socialmente como exemplos da boa forma física e estética, muitos atletas de elite estão distantes de um corpo saudável, já que os treinamentos aos que são submetidos têm efeitos negativos no corpo (Besnier et al., 2018). O esporte profissional visa evidenciar quais são os atletas mais fortes, preparados e habilidosos e os insere em programas de treinamento que geram desconforto, dores e lesões em nome da superação de limites. Esse elemento está posto no próprio lema olímpico: *citius, altius, fortius*, que se traduz para mais rápido, mais alto, mais forte.

Tanto o termo *esporte performance* quanto *esporte de alto rendimento*, ambos utilizados com frequência na literatura, são interessantes para se descrever o fenômeno do esporte profissional, já que oferecem uma pluralidade de sentidos. *Performance* coloca em questão o aspecto performático, público, altamente presente no esporte, em conjunto com o desempenho em competição. *Alto rendimento*, por sua vez, remete ao acúmulo e à lógica capitalista que impera no esporte na atualidade. Como forma de evitar o uso excessivo de

neologismos, será adotado alto rendimento para se referir ao esporte enquanto profissão. A seguir, aprofunda-se essa modalidade de esporte, assim como sua dinâmica e suas particularidades.

A profissionalização no esporte é um processo de transição dentro do esporte no qual um atleta passa do amadorismo, no qual não recebe salários por sua prática, para uma condição de receber remuneração por sua participação competitiva (Besnier et al., 2018). Campos (2015, p. 31) define o esporte profissional ou de alto rendimento como sendo "disputado com regras distintas e regulado por normas instituídas e padronizadas internacionalmente, constituindo a principal fonte de renda de seu praticante". Conforme citado, é importante distinguir a prática regular de atividade física, que se situa mais próxima do lazer, do esporte profissional, que é "uma prática institucionalizada, regrada, que objetiva o rendimento e, portanto, a vitória" (Rubio, 2001, p. 15). O esporte como profissão se organiza de tal forma que ocupa integralmente o tempo de seus praticantes, já que, além da rotina de treinamentos e competições, requer a manutenção de hábitos saudáveis, como alimentação e descanso, de modo a manter o corpo apto à manutenção ao alto rendimento.

No esporte profissional há diversas modalidades, tanto individuais como por equipes. Nas competições disputadas por equipes, é possível fazer uma separação: algumas são disputadas por equipes que entram em disputa simultaneamente e com interação direta entre os membros, como no caso de futebol, basquete e vôlei; outras são disputadas por equipes em que cada atleta tem sua participação individual e o resultado se dá pelo conjunto dos esforços de cada um, como é o caso da ginástica artística e das provas de revezamento. Alguns esportes possuem restrições físicas bastante rígidas, como a questão da altura no basquete (embora existam exceções), por exemplo, enquanto em outros há espaço para indivíduos de portes físicos variados. Entre estes, Campos (2015) destaca o futebol, que considera "o esporte mais democrático do mundo, porque não exige um tipo físico – não é necessário ser alto ou forte ou possuir qualquer outra configuração corporal específica. Tampouco exige materiais caros ou equipamentos complicados" (p. 123).

Outras modalidades são consideravelmente menos inclusivas, tanto no que diz respeito às condições físicas para a prática quanto em relação às condições financeiras para a inserção. Atualmente, na maioria dos esportes, "jogar, assistir e atingir excelência em esportes depende de recursos providos por indivíduos, famílias, governos ou corporações" (Coakley, 2015, p. 266, tradução nossa[19]). Isso faz com que as oportunidades para participação esportiva estejam

[19] "Playing, watching, and excelling in sports depend on resources supplied by individuals, families, governments, or corporations"

intimamente ligadas a aspectos sociais. Ainda assim, a discursividade dominante no esporte afirma que o ele é um meio que oferece oportunidades iguais para todos e "desigualdades relacionadas a dinheiro, posição e influência não têm efeito" (Coakley, 2015, p. 267, tradução nossa[20]).

Competições esportivas envolvem regras, competições, sistemas de pontuação, vencedores e perdedores, tabelas e temporadas, recordes, treinadores, juízes e órgãos reguladores (Coakley, 2015). São organizados para incluir e promover ações planejadas e reguladas, com os participantes colocando em prática suas habilidades para o entretenimento dos espectadores. Ehrenberg (2010) define a competição esportiva como a aplicação de regras de confronto idênticas a todos "num ambiente estável e sem imprevistos temporais" (p. 42). Tal forma de competição ocupa socialmente o lugar de um ideal de justiça meritocrática, embora seja desde sempre marcado pelo que se pode pensar como o que o próprio Ehrenberg definiu como uma *justa desigualdade*. Isso porque há distinções fundamentais de porte e preparo físico, habilidade técnica, entre outras condições que afetam o andamento e resultado das partidas[21]. Essa questão entre justiça e igualdade remete a uma nota de rodapé de "O mal-estar na civilização", onde Freud (1930/2010) indica de que modo essa noção é problemática:

> [...] se esta luta invocar a igualdade entre os homens como exigência abstrata de justiça, é fácil objetar que a natureza, dotando os indivíduos de aptidões físicas e talentos intelectuais bastante desiguais, introduziu injustiças contra as quais não há remédio. (p. 79)

Assim, o esporte não trata necessariamente de um conceito absoluto de justiça, mas busca, com suas regras, a criação de condições iguais para que se descubra o melhor, o mais apto ou o mais preparado naquele momento. Existem, porém, outros pontos que se impõem em uma competição esportiva e que permitem questionar o caráter de justiça que se faz presente no discurso tradicional do esporte. Para além das condições físicas e técnicas do indivíduo, há grandes diferenças entre o poder econômico de diferentes equipes, federações e mesmo países, o que faz com que alguns atletas tenham melhores condições para treinar e desenvolver suas habilidades, o que tende a se traduzir em melhores resultados. Embora não se trate de uma garantia nem do único fator decisivo, uma análise do quadro de medalhas olímpicas mostra que este em geral reproduz a ordem das principais potências políticas e econômicas. Em campeonatos nacionais de diferentes modalidades, também se observa que a

---

[20] "inequalities related to money, position, and influence have no effect"

[21] Isso sem entrar, neste momento, no mérito da questão da dopagem e de outras formas de burlar as regras, que ocorrem com frequência em diversas modalidades.

maior parte dos títulos é conquistada pelas equipes que possuem mais poder econômico e centros de treinamento com melhor estrutura.

Rubio (2001) discorre sobre este tema, enfatizando esse funcionamento:

> O esporte é na atualidade um dos principais fenômenos sociais e uma das maiores instituições do planeta. Ele tem refletido a forma como a sociedade vem se organizando, espelhando as diferenças entre Estados, povos e classes sociais, além de se tornar um dos principais elementos da indústria cultural contemporânea, matéria-prima dos meios de comunicação de massa e umas das poucas formas reconhecidamente honestas de rápida ascensão social. (Rubio, 2001, p. 107)

Embora haja tal reconhecimento social do esporte como oportunidade para ascensão social, ganho de reconhecimento e rendimentos financeiros, os casos em que isto efetivamente ocorre são raros (Coakley, 2015). Em 2016, a Diretoria de Registro e Transparência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgou um levantamento sobre os salários[22] recebidos por atletas em atividade no Brasil. Tal estudo apontou que aproximadamente 82% dos jogadores recebiam até mil reais e 96% recebiam até cinco mil reais, enquanto um atleta recebeu mais do que quinhentos mil reais (Confederação Brasileira de Futebol, 2016). Este exemplo, que trata do esporte mais popular no Brasil e no mundo, ilustra a realidade da maioria dos atletas, que não recebem grandes salários. Somando-se a isto a curta duração da carreira, torna-se difícil a concretização da mobilidade social em decorrência da atuação como esportista. A narrativa do esporte como algo que gera grande renda para o atleta, porém, se associa aos valores esportivos, onde se afirma a meritocracia como princípio norteador. A participação esportiva pode auxiliar o atleta a ganhar respeito e prestígio, sobretudo em sua comunidade, mas dificilmente irá mudar sua condição econômica (Coakley, 2015). As exceções, é claro, são atletas de sucesso.

Os esportes competitivos são organizados de modo a inspirar histórias e narrativas que reafirmam as ideologias dominantes. Um dos principais discursos que dominam esse meio é a de que "pessoas podem conquistar qualquer coisa através de esforço e disciplina, e que o fracasso é resultado de preguiça e más escolhas" (Coakley, 2015, p. 17, tradução nossa[23]). Tal noção se relaciona intimamente ao já citado ideal de justiça meritocrática que costumeiramente se atribui às competições esportivas. Nesse âmbito, atletas e técnicos vencedores são vistos como modelos de sucesso, ocupando lugar de ideal tanto para a

---

[22] É importante apontar que os jogadores de futebol dos principais clubes, além de seus salários fixos, recebem valores por seus direitos de imagem, aumentando assim seus rendimentos mensais. Tais atletas representam uma minoria dentro do universo dos jogadores no Brasil.

[23] "people can achieve anything through hard work and discipline, and that failure is the result of laziness and poor choices"

sociedade quanto para jovens que estão iniciando suas carreiras no esporte. Competições esportivas e seus resultados são utilizados como evidências de que "desigualdades são baseadas em mérito, que competições identificam vencedores e que perdedores deveriam se esforçar mais ou mudar caso queiram ser vencedores, ou simplesmente levantar e tentar novamente" (Coakley, 2015, p. 271, tradução nossa[24]).

2.4 A relação entre esporte e cultura

Na atualidade, não se pode pensar o esporte como mera prática recreativa ou forma de entretenimento sem levar em consideração seu lugar na sociedade capitalista como parte significativa da economia global. Ehrenberg (2010) realça a entrada em uma nova era do esporte, na qual "a prática esportiva e a linguagem do esporte penetraram a tal ponto em todos os poros da sociedade que está em via de se tornar uma passagem obrigatória para os valores da ação" (p. 10). Uma das principais mudanças citadas pelo autor nessa nova era é a mutação do imaginário esportivo, já que o esporte "se desconectou em grande parte de suas conotações populares e se apropriou da realização pessoal do consumo" (Ehrenberg, 2010, p. 14). Isso ocorre em grande parte pela maneira como o esporte e os esportistas se inserem na sociedade moderna.

> O esporte está a tal ponto ancorado no cotidiano que ele não constitui apenas uma forma de lazer ou uma atividade corporal específica pensada e organizada em vista de *performances* a se alcançar, mas a manifestação de uma relação generalizada com a existência. . . . O esporte saiu dos estádios e ginásios; ele abandonou o contexto restrito das práticas e dos espetáculos esportivos: é um sistema de condutas em si que consiste em implicar o indivíduo na formação de sua autonomia e de sua responsabilidade. (Ehrenberg, 2010, p. 18)

O esporte ocupa hoje um lugar que transcende o de um trabalho para atletas ou de modalidade de entretenimento para os fãs. Ele representa um conjunto de valores, um modo de vida que deve ser apropriado por todos, sejam esportistas ou cidadãos. A espetacularização dada pela mídia contribui para isso, reproduzindo tal lógica. A função do esporte em tal apropriação pode se explicar pela própria visão social que se tem de tal prática: "o esporte, enquanto signo da sociedade contemporânea, remete a imagem do viver bem, estar bem consigo, ser vitorioso" (Rubio, 2001, p. 103). Esses ideais estão em conformidade com aqueles da sociedade capitalista, mas tal percepção ignora o mal-estar que há no esporte. O

[24] Sports "proof" that inequalities are based on merit, that competition identifies winners, and that losers should work harder or change themselves if they want to be winners, or simply get up and try again.

que ocorre é a transmissão, uma versão idealizada e romântica da prática esportiva, que deve ser usada como exemplo para uma vida nos padrões do que a sociedade espera dos indivíduos.

Isso vai de encontro ao que defende Velho (2012, p. 11), ao afirmar que "o esporte de alto rendimento não pode mais ser pensado dissociado da espetacularização e de sua importância dada pela mídia". Atualmente há, tanto no Brasil como em diversos países, uma variedade de canais de televisão dedicados exclusivamente ao esporte, com transmissões de partidas de diversas modalidades e com diversos programas de discussão sobre o esporte, nos quais o desempenho dos principais jogadores será debatida exaustivamente. Os principais momentos das competições, incluindo lesões ou falhas individuais, serão reproduzidas em *replays*. Assim, os atletas estão constantemente em visibilidade, sendo valorizados ou criticados, o que faz com que toda atuação reforce seu valor como profissional e mesmo como indivíduo em alguns casos, aumentando o nível de tensão em que se encontram. Muitas vezes o debate vai além do próprio desempenho na competição, pois não é raro que incidentes durante os treinamentos ou mesmo na vida pessoal dos atletas se tornem assunto para discussão em tais programas.

O esporte, sobretudo em sua modalidade profissional, se insere na sociedade capitalista e reproduz sua discursividade, colocando o alto rendimento, vitória e superação como objetivos principais dos indivíduos. Em uma cultura que valoriza o espetáculo e o heroísmo, o esporte constitui uma forma ideal para a manifestação de ambos, sendo visto como uma técnica de fabricação da autonomia. Ehrenberg (2010) acrescenta que a prática esportiva se torna "um reservatório de significações performáticas, um sistema de referências legítimas para todas as atividades que põem em jogo, simultaneamente, as dimensões da concorrência e da justiça" (p. 28). Na sociedade moderna, observa-se uma mudança no que o autor chama de "mitologia da autorrealização" (Ehrenberg, 2010, p. 11). Um dos principais apontamentos de tal mudança é uma sobreposição do dever de aparecer socialmente ao que antes seria valorizado como proezas obscuras, o que se alinha com o papel da mídia na atualidade.

Nesse lugar social ocupado pelo esporte, alguns atletas se tornam celebridades e as narrativas da mídia especializada se ocupam de reforçar tal condição, dando ênfase ao aspecto heroico da prática. Para Coakley (2015), os atletas passaram a ser avaliados "por seu valor de entretenimento assim como suas habilidades físicas" (p. 352, tradução nossa[25]). E "em termos comerciais, o estilo e a persona de um jogador frequentemente são tão valiosos quanto suas

[25] "by their entertainment value as well as physical skills"

habilidades técnicas" (Coakley, 2015, p. 364, tradução nossa[26]). Isso faz com que nem sempre o melhor atleta da equipe ou da modalidade seja aquele que recebe mais atenção da mídia e dos fãs ou os maiores salários ou patrocinadores.

Ainda sobre a visibilidade na mídia e as consequências desta para os atletas, Campos (2015) afirma:

> O esporte profissional do século XXI é um fenômeno e uma expressão da cultura pós-moderna que expressa bem seus conflitos e particularidades. É perceptível que o esporte possui uma propriedade de visibilidade que torna difícil ocultar o espetáculo dramático de superação de limites e conflitos, de exposição de inseguranças muito pessoais que proporciona. [...] Esportistas profissionais aparecem na mídia impressa, televisiva e virtual, em toda sua glória ou decadência, suas conquistas ou derrotas muito bem documentadas e louvadas ou criticadas, e não apenas em tempos de grandes competições internacionais. Estes atletas povoam o imaginário da atualidade. (Campos, 2015, p. 19)

A dramaticidade é um elemento altamente presente no esporte, sendo parte de seu apelo para os espectadores. Cabe lembrar que diversos eventos esportivos históricos são lembrados popularmente como nomes que poderiam ser utilizados como títulos de romances ou filmes, como a Batalha dos Aflitos[27], a Luta do Século[28] e o Milagre no Gelo[29]. Em geral, grandes eventos esportivos são lembradas por um resultado inesperado, por uma grande apresentação de um ou mais atletas, ou por algum fator externo que se inseria na narrativa do evento, e recebem um título que represente o que transcorreu. Nos exemplos citados, o primeiro se refere a uma vitória em condições extremamente desfavoráveis, o segundo, a uma luta de altíssimo nível técnico entre dois dos maiores competidores da história da modalidade, e o terceiro, a um caso onde uma equipe sem prestígio venceu um adversário considerado muito superior, em um contexto de tensão política[30].

O esporte foi sendo influenciado por transformações sociais e culturais, absorvendo características da sociedade industrial moderna, o que contribuiu para que o rendimento fosse

---

[26] "in comercial terms, a player's style and persona often are as valuable as technical skills"

[27] Náutico x Grêmio, decisão da série B do Campeonato Brasileiro de 2005.

[28] Diferentes lutas foram chamadas por esse nome, mas o nome é mais popularmente associado ao primeiro combate entre Muhammad Ali e Joe Frazier, em 1971.

[29] Estados Unidos x União Soviética, no hóquei no gelo nas Olimpíadas de Inverno de 1980.

[30] O Milagre no Gelo foi a vitória dos Estados Unidos sobre a União Soviética por 4 a 3. Na época, a equipe soviética era considerada praticamente imbatível e tinha vencido todas as competições olímpicas e campeonatos mundiais desde 1963 até então. A equipe americana era a mais jovens da história até então, formada exclusivamente por atletas universitários. Em contraponto aos atletas soviéticos que possuíam apoio do governo e por isso eram considerados amadores, podendo participar dos Jogos Olímpicos, mas competiam em um nível análogo ao profissionalismo. Além disso, a partida ocorreu em um momento de grande tensão política, em meio a invasão soviética do Afeganistão, a crise de reféns na embaixada americana no Irã, e o boicote americano das Olimpíadas de Moscou, recém anunciado. Alguns meses antes da partida, as duas seleções se enfrentaram em um amistoso em Nova Iorque que foi vencido pela União Soviética por 10 a 3. Por esses motivos, uma vitória dos Estados Unidos era considerada altamente improvável (Goldberg, 2001).

um de seus princípios norteadores (Rubio, 2001; Quintilio, 2016). Não é coincidência, portanto, que os valores que ditam o esporte contemporâneo estejam alinhados com aqueles da sociedade, que também colocam no lugar de valorização os vencedores, considerados os melhores, mais fortes e habilidosos. Estes são "utilizados como exemplo para os perdedores (termo que, aliás, é tido pelos mais competitivos como adjetivo dos mais desmoralizantes) e contribuem para a perpetuação de um tipo de conduta" (Rubio, 2001, p. 11). Assim, o rendimento acaba sendo o princípio norteador tanto do esporte como da sociedade, e nesse cenário "o esporte de alto nível deixa pouco espaço para a prática lúdica, impondo-se a velocidade de um meio onde a produção de resultados é imperativa" (Campos, 2015, p. 125). Ao mesmo tempo, para Coakley (2015), "a maioria das pessoas associa esportes com ludicidade, e elas vêm atletas como se estivessem se divertindo ao invés de trabalhando" (p. 377, tradução nossa[31]). Tal percepção do senso comum traz questões para os atletas, pois faz com que muitas vezes os torcedores não levem em conta, por exemplo, demandas trabalhistas, como o direito de cobrar salários atrasados ou de entrar em greve.

2.5 Esporte e política

Este trabalho está em conformidade com Coakley (2015), que afirma ser impossível eliminar a dimensão política no esporte. Assim, para compreensão do fenômeno esportivo na sociedade, é fundamental levar em conta o elemento político. Conforme citado, historicamente o esporte se relaciona intimamente com a política, transpondo o lugar de competição, lazer ou de elemento promotor de saúde, o esporte se relaciona intimamente à política, muitas vezes servindo aos interesses da classe dominante. A maioria dos governos nacionais financia equipes e atletas e oferece-lhes centros de treinamentos. Em contrapartida, apresentam os esportistas, sobretudo os vencedores, como representantes da nação. Para Coakley (2015), essa é uma forma de buscar legitimidade e aceitação perante a população, e "é por esse motivo que tantos líderes políticos se apresentam como amigos do esporte ou mesmo como torcedores fiéis" (p. 441, tradução nossa[32]). A união emocional criada por um esporte ou equipe pode ser estabelecida para reafirmar a identidade que conecta ainda mais as pessoas com a cidade ou nação. No Brasil, Ramos (1984, p. 35) aponta como o futebol, sobretudo a seleção brasileira, foi utilizado como "coadjuvante ideológico" durante a ditadura militar:

---

[31] "Most people associate sports with play, and they see athletes as having fun rather than working"
[32] "This is why so many political leaders presente themselves as frends of sport, or even as faithful fans"

> O novo governo [Médici] quis mudar a sua imagem. A Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República (AERP) foi decisiva nesse processo. Buscou a exploração de temas populares, como o futebol e o carnaval, para legitimar o governo. (Ramos, 1984, p. 35)

Na época, Médici, inclusive, opinava e exercia pressão sobre a convocação e escalação da seleção. Com a vitória na Copa de 1970, houve uma tentativa de legitimização do governo, que era altamente impopular, e de acobertamento do autoritarismo e repressão existentes no país (Ramos, 1984). Ainda na época da ditadura, o Corinthians estabeleceu dentro do clube o que ficou conhecido como democracia corintiana, momento em que todas as decisões sobre os rumos do clube eram tomadas democraticamente, com todos os membros do clube tendo direito a voto. Estava estabelecida então a contradição entre o regime que estava no poder no país e a postura política de um dos clubes mais populares da nação (Florenzano, 2010). O movimento durou de 1982 até 1984, e foi importante para apontar o esporte como um sítio possível para resistência política.

Os exemplos vão além do futebol. Os Jogos Olímpicos foram palco de diversas manifestações políticas, como a conquista de quatro medalhas de ouro no atletismo por parte de Jesse Owens, atleta negro, nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, enquanto Hitler tentava usar os jogos para provar sua teoria da superioridade da raça ariana. Na ocasião, "o governo nazista havia dedicado recursos consideráveis para o treinamento dos atletas alemães" (Coakley, 2015, p. 439, tradução nossa[33]) e as vitórias de Owens desafiaram a ideologia da supremacia ariana (Besnier et al., 2018).

Outro caso famoso foi o dos atletas Tommie Smith e John Carlos, que realizaram um protesto político no pódio dos Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México. Após conquistarem as medalhas de ouro e bronze na prova dos 200 metros, foram à cerimônia de premiação descalços e ergueram um punho com uma luva negra durante a execução do hino nacional, saudação associada ao movimento *Black Power* americano.

> Tommie Smith e John Carlos tiraram seus sapatos e levantaram um punho com uma luva para protestar contra o racismo e a pobreza. . . . Essa ação causou que eles fossem expulsos do time americano e mandados de volta para os Estados Unidos, onde foram criticados e humilhados por mais de vinte anos. (Coakley, 2015, p. 557, tradução nossa[34])

---

[33] "the Nazi government devoted considerable resources to training German athletes"

[34] Tommie Smith and John Carlos took off their shoes and raised gloved fists to protest poverty and racism [...]. This action caused them to be expelled from the U.S. team and sent back to the United States, where they were widely criticized and demeaned for more than twenty years

Ambos foram duramente criticados nos Estados Unidos e pelo Comitê Olímpico Internacional, sendo expulsos da vila olímpica e da equipe olímpica americana de atletismo. Além disso, sofreram ameaças de morte, até eventualmente serem reconhecidos pela sociedade após muitos anos. Em 2005, ambos foram homenageados com uma estátua na Universidade de San José, na Califórnia, onde estudaram[35] (Small, 2008).

Alguns casos mais recentes de atletas que se posicionaram politicamente, muitas vezes sofrendo consequências, podem ser citados. Um dos principais deles é o do jogador de futebol americano Colin Kaepernick, que decidiu se ajoelhar durante a execução do hino nacional nas partidas, em protesto contra a violência policial contra a população negra nos Estados Unidos. O jogador sofreu diversas críticas, inclusive por parte do Presidente americano Donald Trump, sendo chamado de antipatriota. Após o término de seu contrato não conseguiu mais alguma equipe para jogar, e processou a liga por conluio[36]. No basquete, LeBron James, considerado um dos principais jogadores de basquete do mundo há diversos anos (e tido por muitos como um dos maiores da história), fez críticas a Trump, o que levou a jornalista conservadora americana Laura Ingraham a dizer em rede nacional que James deveria "calar a boca e jogar"[37] (Chavez, 2018). O governo Trump tem sido alvo de diversos protestos por parte de atletas, como a recusa de equipes campeãs a visitar a Casa Branca após o título, uma tradição esportiva nos Estados Unidos (Coakley, 2015).

Além disso, conflitos entre nações também têm impactos no meio esportivo. Durante a Guerra Fria, houve o boicote dos Estados Unidos à Olimpíada de Moscou, em 1980, e o subsequente boicote da União Soviética aos jogos seguintes, realizados em Los Angeles, em 1984[38]. A Guerra Fria como um todo foi um período em que as principais nações envolvidas no conflito "usaram as Olimpíadas e outras competições esportivas internacionais para reivindicar a superioridade de seus sistemas e ideologias políticas e econômicas" (Coakley, 2015, p. 440, tradução nossa[39]). Nesse panorama, o uso de dopagem também foi constante. Tal uso do esporte se mostrou oposto ao ideal de paz e amizade entre as nações que o Barão Pierre de Coubertin almejava atingir quando fundou os Jogos Olímpicos modernos (Coakley,

---

[35] Para mais detalhes sobre o contexto histórico do protesto e dos personagens envolvidos, recomenda-se o documentário *Black Power Salute* (Small, 2008).

[36] Em Fevereiro de 2019, Kaepernick e a Liga Americana de Futebol chegaram a um acordo que encerrou o processo. Ambas as partes assinaram uma clausula de confidencialidade, portanto pouco se sabe sobre os termos do acordo (Draper & Belson, 2019)

[37] '*Shut up and dribble*', no original.

[38] Por não se tratar do foco principal do trabalho e por uma questão de espaço, a questão dos boicotes aos Jogos Olímpicos não será aprofundada. Para mais detalhes, ver Coakley (2015), p. 445.

[39] "Used the Olympics and other international sport competitions to make claims about the superiority of their political and economic systems and ideologies"

2015). Por outro lado, Pizarro (2014) é um autor que cita o potencial político do futebol, ao lembrar que, em alguns casos, "conflitos históricos de ordem econômica, política e religiosa são colocados de lado em partidas" (p. 16).

A política no esporte e a correlação entre poder político e econômico e o sucesso competitivo são abordados por Rubio (2001), na medida em que há grande disparidade entre a capacidade de investimento financeiro no esporte de diferentes nações:

> O espetáculo esportivo mescla sonho, política e pragmatismo, na medida em que as competições, sejam elas regionais ou internacionais, revelam no balanço do quadro de medalhas as discrepâncias que diferenciam as nações, tanto em nível econômico, político-ideológico quanto sociocultural. (p. 97)

Ainda assim, o esporte é uma das vias pelas quais um país pode se sobrepor a outro em um contexto que economicamente seria impossível, como é o caso de países subdesenvolvidos que vencem potências econômicas e políticas em competições. Além disso, há jogos em que o componente político está posto, o que muitas vezes ocorre devido a um histórico colonialista entre as duas nações, como é o caso de partidas de críquete entre a Inglaterra e suas ex-colônias. Outro caso é o de competições disputadas entre países em estado de tensão entre si, como foi o caso do jogo de futebol entre Irã e Estados Unidos na Copa do Mundo de 1998 e a partida de hóquei entre Estados Unidos e União Soviética, nas Olimpíadas de Inverno de 1980, o já citado Milagre no Gelo. Há ainda o caso de partidas entre equipes cujas origens remetem a religiões que estão em conflito, como o *Rangers* e o *Celtic*, da Escócia, uma das maiores rivalidades do futebol mundial, em que os times têm origem protestante e católica, respectivamente. Eventos como esses colocam em jogo um nível ainda mais alto de tensão. Ainda que os atletas não se identifiquem necessariamente com a questão política em jogo, a identificação do clube ou seleção com a causa política faz com que os torcedores coloquem na vitória sobre o rival uma satisfação narcísica, que, em caso de derrota, se transforma em hostilidade tanto direcionada para o rival quanto para os atletas que não conseguiram a vitória.

2.6 O esportista

Embora o quadro sociopolítico que se impõe no esporte ponha em jogo elementos que aumentam a dramaticidade e o apelo perante o público, parte fundamental da atratividade do esporte se relaciona àquele que está no centro da cena esportiva: o atleta.

> Apesar da "loucura" ou do "desespero" vivido por torcidas e, por vezes, nações diante de um resultado, os componentes ideologia e paixão não são os únicos a mover o esporte. Grande parte do interesse despertado por espectadores e/ou torcedores com relação à disputa esportiva não se distingue do mistério e polêmica que envolvem o protagonista do espetáculo esportivo. (Rubio, 2001, p. 97)

Um fenômeno de massa como o esporte precisa que haja "heróis", "estrelas" ou "ídolos" para manter seu apelo, já que é a existência de tais figuras que permite que pessoas se identifiquem com o evento (Helal, 1998). Os organizadores, patrocinadores e a mídia, que veem no esporte um produto de consumo a ser vendido, precisam "criar protagonistas para vender um espetáculo esperado e desejado" (Rubio, 2001, p. 103). Isso faz com que seja do interesse da mídia (e também de dirigentes) constituir o que Coakley (2015) chama de uma narrativa novelesca, de forma a gerar tal apelo e identificação a competidores ou equipes. Uma das principais maneiras como isso se dá é por meio da construção de histórias de superação, no caso de atletas que se recuperam de lesões graves ou perda de familiares, para citar dois exemplos.

Outra forma de construção narrativa no esporte é a criação de dualidade entre atletas ou equipes, colocando heróis e vilões na cena esportiva, fabricando rivalidades. Isso se vê, sobretudo, nas competições entre um atleta da nação e um estrangeiro, que muitas vezes é colocado no lugar de alguém frio, quando não propriamente mau, em contraponto ao herói nacional, que leva consigo a honra da nação e de seu povo. Nesse processo estão estrategicamente posicionadas questões nacionais e patrióticas que se revelam em práticas discursivas e que tocam em questões da identidade de um povo ou nação (Coakley, 2015). As narrativas se mostram também em esportes em que há a figura do promotor, como o boxe e as artes marciais mistas. Este busca criar um enredo que aumente a atratividade do evento, como um sentimento de ódio entre os lutadores, a busca por redenção após algum problema pessoal, uma revanche, entre outras possibilidades. Tudo é organizado e apresentado com o objetivo de "entreter audiências da mídia e manter patrocinadores felizes" (Coakley, 2015, p. 393, tradução nossa[40]).

Um exemplo de narrativa no esporte foi a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1958, que deixou marcas culturais e identitárias na nação. Para a compreensão do impacto de tal conquista e da narrativa associada a ela, é importante contextualizá-la. Em 1950, a Copa do Mundo foi disputada no Brasil, e a seleção nacional chegou à última partida como grande

---

[40] "To entertain media audiences and keep sponsors happy"

favorita para a conquista do título, dependendo apenas de um empate contra o Uruguai. Após marcar o primeiro gol, a equipe brasileira acabou derrotada por 2 a 1, e o jogo ficou conhecido como *maracanazo*, sendo lembrado até hoje como uma tragédia do esporte nacional. Naquele momento, e sobretudo após tal derrota, houve a percepção de que os jogadores brasileiros não conseguiam vencer as principais equipes do mundo, não por falta de capacidade técnica, mas por se considerarem inferiores, o que ficou conhecido como "complexo de vira-lata", termo cunhado por Nelson Rodrigues, justamente às vésperas da Copa de 1958.

> Por 'complexo de vira-latas' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos 'os maiores' é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: e perdemos da maneira mais adjeta. Por um motivo muito simples: porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (N. Rodrigues, 1993, p. 52)

A conquista na Suécia em 1958 foi vista como uma superação de tal complexo, embora o termo volte a ser empregado com alguma frequência, não se limitando ao meio do futebol. Ainda assim, estabeleceu-se o fim dessa condição em tal partida, o que consequentemente mudou a narrativa a respeito do futebol e dos jogadores brasileiros.

A cobertura da mídia, porém, é focada nos principais atletas dos esportes mais populares, o que não representa a realidade vivida pela grande maioria dos esportistas. Uma consequência desse tipo de abordagem do fenômeno esportivo é que ele passa a ser observado e interpretado por essa ótica romantizada, o que leva a uma visão distorcida do esporte e da vida dos atletas. Pouco espaço e atenção são dados aos casos encontrados mais comumente entre os esportistas – isto é, "aqueles que praticam uma modalidade por uma ou duas temporadas antes de serem cortados ou forçados a abandonar por outros motivos, especialmente lesões" (Coakley, 2015, p. 288, tradução nossa[41]). É comum que, em esportes coletivos, jogadores assinem um primeiro contrato de curta duração e que este não seja renovado ou até que seja rescindido. "Muito mais típicos que jogadores de 30 anos contemplando mais uma temporada são os de 24 anos encarando o fim de suas carreiras profissionais" (Coakley, 2015, p. 288, tradução nossa[42]).

---

[41] "Those who play for one or two seasons before being cut or forced to quit for other reasons, especially injuries"

[42] "Much more typical than 30-year-old players contemplating another season are 24-year-olds facing the end of their professional sport careers"

No atual estágio do esporte, federações, clubes e mesmo carreiras são geridos num modelo empresarial. Um exemplo é o pai do atacante Neymar, que também administra a carreira do atleta e afirmou em entrevista que o filho era a empresa da família (Espn, 2011). Em tal contexto empresarial, todos esses membros da cena esportiva "precisam de vitórias e conquistas para terem lucro" (Ramos, 1984, p. 66). Essa situação acaba por colocar um elemento a mais na relação entre o esportista, sua prática e a busca por vitórias. É por meio de seu desempenho que conseguem abrir novos mercados e atrair mais investimentos de seus torcedores e patrocinadores. A venda de camisas e produtos, além da renda de bilheteria e direitos de televisão, é parte fundamental desse mercado que movimenta bilhões anualmente. "Hoje o esporte espetáculo atrai multidões e é veículo tanto para a construção de carreiras, quanto para a realização de negócios" (Campos, 2015, p. 60). Tais fatores aumentam a exigência sobre os atletas, já que seus desempenhos muitas vezes afetarão todo esse mercado. O que está em disputa não são apenas vitórias e ganhos financeiros pessoais, mas o de diversas outras pessoas, incluindo aquelas que podem influenciar seu futuro profissional, como dirigentes e empresários. Um aspecto obscuro desse funcionamento se observa nos casos de manipulação de resultados para favorecer apostadores ou outros interessados, o que já levou a escândalos no futebol brasileiro e no italiano[43].

Mesmo nos casos em que os atletas obtêm sucesso, "oportunidades profissionais no esporte são de curto prazo, durando entre três e sete anos, em média, em esportes de equipe e de três a 12 anos em esportes individuais" (Coakley, 2015, p. 288, tradução nossa[44]). Embora haja variação na duração da carreira dependendo da modalidade e de condições singulares de cada atleta, se comparado a outras áreas de trabalho, trata-se de uma carreira breve. Conforme citado anteriormente, o envolvimento com o esporte demanda dedicação em tempo integral, o que dificulta a aquisição de recursos e outra formação acadêmica e profissional. Isso contribui para gerar uma marca singular na relação dos atletas com seu atividade laboral.

2.7 Propaganda e consumo

Conforme citado anteriormente, esportistas de sucesso das principais modalidades estão em um lugar de constante visibilidade em diversas mídias. Seus feitos são discutidos na televisão, rádio, internet, redes sociais e na mídia impressa. Para além de seus resultados, as

[43] No Brasil o caso ficou conhecido popularmente como *Máfia do Apito*, e na Itália, como *Calciopoli*. Em ambos os casos os árbitros foram utilizados para manipular os resultados de determinadas partidas.

[44] "Professional sport opportunities are short-term, averaging three to seven years in team sports and three to twelve years in individual sports"

principais estrelas do esporte mundial ocupam um lugar particular dentro dos meios de comunicação e da cultura, com seus nomes e imagens se tornando marcas. No futebol, por exemplo, o número da camisa, antes associado à posição que ocupava em campo (os camisas sete e 11 sendo os pontas direita e esquerda, por exemplo), hoje se torna parte da marca do atleta[45]. Esportistas de diversas modalidades possuem marcas de roupas que levam seu nome, como Michael Jordan (basquete) e Roger Federer (tênis). As marcas pessoais dos atletas e suas imagens estão intimamente atreladas a seus patrocinadores, desde o fabricante de material esportivo a marcas de produtos variados. O lugar que o esporte de alto rendimento ocupa na sociedade e as narrativas construídas nas competições o tornam um meio para que empresas explorem o potencial publicitário dos atletas e competições. "Os produtos da mídia emergem a partir de um elaborado processo que envolve economia e cultura. O público é atraído por mensagens e valores que refletem as expectativas contemporâneas, porém não de maneira direta e objetiva, mas quase sempre metafórica" (Rubio, 2001, p. 101).

A propaganda, de fato, é um aspecto que atualmente é indissociável do contexto esportivo. Há forte disputa entre as grandes fabricantes de materiais esportivos para patrocinar atletas, clubes e federações e, no caso dos indivíduos, há uma associação entre o indivíduo e a marca que o patrocina. Alguns casos famosos são Ronaldo-Nike e Messi-Adidas. Nas campanhas publicitárias das fabricantes de material esportivo, é frequente o uso da imagem de algum dos principais esportistas do mundo seguido de um *slogan* envolvendo alguma forma de imperativo, seja em busca da glória no esporte ("Escreva o futuro"), da beleza estética do jogo ("Joga bonito") ou simplesmente a tomada de uma ação indeterminada ("*Just do it*").

Entre as campanhas já realizadas, uma que cabe destacar por seus elementos discursivos é a *Impossible is Nothing* ("Impossível é Nada"), da Adidas, de 2004. A maior parte das propagandas dessa campanha trata de casos de superação de adversidades no esporte por parte de atletas, como fracassos anteriores, dificuldades físicas e preconceitos[46]. Chama a atenção que, em uma das propagandas veiculadas, a citação "Impossível é nada", que serve como *slogan* principal da campanha como um todo, seja atribuída ao boxeador Muhammad Ali, considerado um dos grandes atletas da história do esporte.

---

[45] A marca de roupas de Cristiano Ronaldo é a CR7, a do alemão Mesut Özil se chama M10 e a empresa de marketing de Ronaldo se chamava 9ine, incorporando os respectivos números das camisas, apenas para citar alguns exemplos. A importância do número da camisa como parte da marca do atleta atualmente é de tal ordem que, segundo o jornal inglês *The Sun*, uma das condições para Özil renovar seu contrato com o Arsenal era que lhe dessem a camisa de número 10 da equipe, devido à associação com sua marca (Heath-Smith, 2018).

[46] Entre as diversas propagandas veiculadas na época, destacam-se: Layla Ali, filha de Muhammad Ali, falando sobre superar o preconceito contra mulheres no boxe; Lionel Messi, que superou um problema hormonal na infância para se tornar um jogador profissional de sucesso no futebol; Gilbert Arenas, no basquete, que teve que lidar com a rejeição por parte da comissão técnica no início da carreira.

> Impossível é só uma palavra grande dita por homens pequenos que acham mais fácil viver no mundo que lhes foi dado do que explorar o poder que eles têm para mudá-lo. Impossível não é um fato. É uma opinião. Impossível não é uma declaração. É um desafio. Impossível é potencial. Impossível é temporário. Impossível é nada. (*Impossible is Nothing*, 2004, tradução nossa[47])

Ali foi um atleta celebrado por seu engajamento político, denunciando a desigualdade racial nos Estados Unidos e tendo se recusado a lutar na Guerra do Vietnã, o que lhe causou a perda de seu cinturão de campeão e o banimento de três anos do esporte. Após retornar ao boxe, recuperou seu título mundial, e é considerado um dos maiores lutadores da história. Apesar de a citação utilizada na campanha ser associada a ele, não há qualquer registro oficial de Ali proferindo tal frase, e na propaganda ela é dita por sua filha, Layla. Curiosamente, diversas fontes informais atribuem a frase a ele, o que pode ser observado em uma pesquisa na *internet*. Trata-se de um caso de publicidade não apenas fazendo uso da imagem do atleta, mas acrescentando novos elementos a ela.

A escolha de um atleta com essa trajetória, associada à frase que permeia a campanha, é significativa. O *slogan* parece se adequar ao discurso esportivo e reproduzi-lo, segundo o qual todo obstáculo é meramente algo a ser superado. "Impossível é nada" parece remeter a uma tentativa de negação da falta, movimento que é constantemente colocado em jogo no esporte de alto rendimento. Conforme citado anteriormente, a discursividade e as narrativas que se formam no esporte colocam a superação como imperativo e o alto rendimento como meta contínua. Dores, limitações e outras dificuldades ocupam o lugar de obstáculos a serem superados. Cria-se assim a noção de que o vencedor é aquele que consegue superá-los e os perdedores como aqueles que não tiveram determinação ou dedicação suficientes, mas que podem consegui-lo caso se esforcem mais (Coakley, 2015). As narrativas na mídia, que colocam os principais atletas como super-humanos e como heróis míticos, não fazem outra coisa senão contribuir para tal relação ilusória com a impossibilidade. Nesse meio onde o desempenho impera e a imagem do sucesso obtido por meio de uma soma de talento e esforço é elevada ao patamar de objetivo e glória maior para o ser humano, forma-se um discurso que parece não encontrar furos.

Uma análise mais aprofundada, tanto da discursividade como da prática esportiva em si, revela algumas contradições que devem ser colocadas em relevo. O discurso oficial do

---

[47] "Impossible is just a big word thrown around by small men who find it easier to live in the world they've been given than to explore the power they have to change it. Impossible is not a fact. It's an opinion. Impossible is not a declaration. It's a dare. Impossible is potential. Impossible is temporary. Impossible is nothing"

esporte valoriza o corpo natural e o equilíbrio, como se observa no primeiro princípio fundamental do Olimpismo, presente na Carta Olímpica, documento oficial do Comitê Olímpico Internacional (COI, 2012):

> O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina de forma equilibrada as qualidades do corpo, da vontade e da mente. Aliando o desporto à cultura e educação, o Olimpismo procura ser um criador de um estilo de vida fundado no prazer do esforço, no valor educativo do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais.

Embora o discurso tradicional pregue o respeito às regras e critique veementemente a dopagem, todos os saberes científicos aplicados ao esporte, como os avanços em Fisiologia, Nutrição e Ciências do Movimento, agem de modo a superar os limites naturais do corpo humano. Ainda, são constantes os progressos tecnológicos em instrumentos e métodos de mensuração do desempenho. Tais avanços evidentemente não estão disponíveis para todos, beneficiando as equipes e federações com mais poder financeiro. Assim, a dialética entre justiça e injustiça está sempre em jogo no esporte e surge também em outras situações, como erros de arbitragens. No esporte em geral, "desigualdades e justiças andam sempre juntas, pois só são justos os resultados que são o produto de capacidades colocadas em obra naturalmente pelo indivíduo" (Ehrenberg, 2010, p. 158). A dinâmica do esporte profissional, porém, permite questionar que naturalidade é essa que está em jogo na atuação dos atletas.

Cada modalidade apresenta suas próprias contradições. No futebol, ao mesmo tempo em que há valorização da disciplina tática e um bom posicionamento dentro de campo, cobra-se e espera-se um grande jogador que, em um lance de improviso, faça algo inesperado e criativo, como um drible, que eleve a qualidade estética do jogo. No basquete, espera-se que os grandes jogadores sejam decisivos e assumam a responsabilidade de fazer as jogadas nos principais momentos, mas também são cobrados de jogar "para o time", compartilhando a bola com os outros jogadores. Em esportes de combate como o boxe e as artes marciais mistas (MMA), valoriza-se a habilidade técnica, mas cobra-se uma exibição excitante por parte dos lutadores, o que algumas vezes não ocorre justamente devido ao nível técnico elevado e o equilíbrio entre os competidores. Ademais, os esportes em geral incentivam o *fair play*, uma relação ética com as regras do jogo e com o adversário. Por outro lado, muitas vezes a "malandragem" é socialmente valorizada[48], quando o jogador consegue levar uma vantagem

[48] A valorização da malandragem se dá também em função de seus resultados e de quem é beneficiado. O gol de mão de Maradona, na Copa do Mundo de 1986, é valorizado na Argentina e criticado em outros países, sobretudo na Inglaterra, que foi eliminada da competição na partida em questão. Há também um elemento

indevida. Situações assim são comuns principalmente no futebol, ocorrendo na maioria das partidas, como a simulação de uma falta ou agressão por parte de um adversário. Tais contradições raramente são levantados, mas podem deixar marcas nos sujeitos que se encontram envolvidos em tal discursividade, já que se encontram tendo que dar conta de tais demandas muitas vezes contraditórias.

---

cultural em questão. Os ingleses, por exemplo, tendem a ser bastante críticos com jogadores que simulam faltas, os apelidando de *divers* (mergulhadores).

3 MAL-ESTAR, TRABALHO E ESPORTE

Ao falar sobre o esporte de alto rendimento e os atletas que nele competem, fala-se acima de tudo sobre uma escolha profissional. Enquanto para a maioria das pessoas o esporte pode ser uma forma de lazer, uma prática diária ou esporádica com fins diversos (saúde, estética, socialização) ou uma forma de entretenimento, para os atletas trata-se de seu trabalho e, consequentemente, sua principal fonte de renda e sustento. Assim, para obter melhor compreensão sobre o que se impõe na vida dos esportistas, o mal-estar que pode ser gerado ao longo de sua prática e seu impacto no psiquismo, é necessário contextualizar o lugar do trabalho na sociedade. É importante, ainda, discutir a maneira como as pessoas se relacionam com suas profissões e carreiras. Para isso são citados principalmente os textos de Freud que abordam o tema e alguns dos conceitos utilizados pelo autor que se relacionam à importância do trabalho, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. O ponto de partida da discussão será o conceito de mal-estar, que Freud traz como parte inerente à vida em comunidade e que terá efeitos na relação dos indivíduos com o trabalho e entre si.

3.1 Sobre o conceito do mal-estar na teoria freudiana

No texto *O mal-estar na civilização*, de 1930, Freud discorre sobre as causas e efeitos do mal-estar na sociedade, e como este permeia e impacta a vida em comunidade. Para Freud, trata-se de algo inerente ao próprio viver, e o autor cita algumas de suas fontes, às quais todos os indivíduos estão sujeitados. Também são explicitadas por Freud algumas das possibilidades para lidar com esta condição:

> A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos. [...] Existem três desses recursos, talvez: poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria; gratificações substitutivas, que a diminuem; e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível. (Freud, 1930/2010, p. 28)

Freud prossegue no texto, afirmando que as possibilidades de felicidade são restritas pela própria constituição do psiquismo. Tal estado é descrito como uma "satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico" (Freud, 1930/2010, pp. 30-1). Um prolongamento deste estado, desejado pelo princípio do prazer, gera apenas um bem-estar desprovido de intensidade, pois "somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado" (Freud, 1930/2010,

p. 31). Ainda assim, Freud sugere a busca (e a manutenção, uma vez encontrada) da felicidade como meta dos seres humanos. Sobre tal procura, afirma:

> O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio do prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não somos capazes de – abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização.... Em nenhum desses caminhos podemos alcançar tudo o que desejamos. No sentido moderado em que é admitida como possível, a felicidade constitui um problema da economia libidinal do indivíduo....Não há, aqui, um conselho válido para todos; cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz. (Freud, 1930/2010, pp. 40-41)

Essa procura se dá por duas vias, uma positiva e uma negativa: a busca pela vivência de fortes prazeres e a evitação de dores e desprazer. Esse contraponto entre dor e prazer já determina pontos relevantes no que diz respeito ao fenômeno esportivo, pois ambos frequentemente se misturam no esporte. Conquistas esportivas muitas vezes são alcançadas em meio a sacrifícios e grande esforço físico. Este tema da relação entre dor e prazer será aprofundado mais adiante.

Freud prossegue o texto falando sobre a relação dos indivíduos com a felicidade e com a infelicidade, esta sendo mais facilmente encontrada. O autor destaca de que maneiras os homens se encontram ameaçados pela perspectiva de sofrimento:

> É bem menos difícil experimentar a infelicidade. O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro. (Freud, 1930/2010, pp. 30-31)

Sob tais ameaças de infelicidade, e frente à dificuldade de experimentar estados de felicidade, os indivíduos tendem a moderar as pretensões de alcançá-la. A busca por evitar o sofrimento muitas vezes se sobrepõe à de conquistar o prazer e a felicidade. No caso esportivo, porém, isso é mais complexo, já que o imperativo da busca pelo alto rendimento e pela vitória, articulada na ética do esporte, não autoriza que o atleta se acomode ou modere suas pretensões ao sucesso. A vitória é vista como a glória maior, e de fato pode servir tanto para afastar o mal-estar quanto para obter alguma felicidade. Essa inserção do atleta em um meio e em uma discursividade que demandam a sujeição aos ideais culturais de desempenho e superação gera outras formas de angústia e infelicidade no processo. Mesmo no caso de sucesso e vitórias, estes serão comemoradas por algum tempo e logo o foco se voltará para a

competição seguinte. Caso isso não parta do próprio atleta, será demandado dele por torcedores, treinadores, dirigentes ou mesmo pelos próprios colegas.

Outra via da busca da felicidade e da tentativa de evitar o sofrer proposta por Freud (1930/2010, p. 39) afirma ser uma "orientação de vida que tem o amor como centro, que espera toda satisfação do amar e ser amado" e que: "[...] localiza a satisfação em processos psíquicos internos, valendo-se aí do mencionado caráter deslocável da libido, mas não se afasta do mundo exterior, agarra-se aos seus objetos, pelo contrário, e obtém felicidade de uma relação afetiva com eles" (Freud, 1930/2010, p. 38).

Freud imediatamente identifica a fragilidade dessa técnica, afirmando: "nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor" (Freud, 1930/2010, p. 39). O esporte de alto rendimento coloca a questão do amor na vida do indivíduo de maneira distinta da maioria do que se observa em outras profissões, já que, novamente, o desempenho surge como algo que irá mediar a relação do atleta com o outro. Esse lugar do outro é ocupado por diversas pessoas, como colegas, fãs, dirigentes, membros da mídia. Atletas de sucesso ocupam um lugar idealizado para grande parte dos fãs de sua modalidade. Devido ao investimento libidinal dos torcedores no esporte, as vitórias ou derrotas muitas vezes têm impacto emocional, o que se interfere na percepção que o público tem do atleta. Uma manifestação deste investimento por parte dos torcedores se mostra na frase comumente utilizada para se referir a vitória do time ou atleta apoiado: "nós ganhamos!"

Com o advento das redes sociais, as expressões de amor ou ódio tornam-se instantâneas, com centenas de comentários a cada partida. O ganho ou perda do amor do público é um elemento que é posto em jogo a cada vez que o atleta entra em campo. Além do desempenho em competições, outro elemento que afetará essa admiração é a percepção de sua dedicação e paixão à sua prática, ou seja, sua adequação e submissão à ética do esporte. Assim, a manutenção do amor está associada à permanência do atleta no lugar do ideal, que por sua vez é um lugar que só se pode ocupar a partir de uma sujeição ao discurso do alto rendimento. Isso suscita mais um ponto, já que se retirar de tal discursividade é abrir mão do lugar privilegiado e, portanto, do amor do público. As críticas e a perda de amor não vêm potencialmente apenas do público, mas também dos colegas e da comissão técnica, podendo levar, inclusive, à saída da equipe. Retomando Coakley (2015), o atleta é reconhecido como tal primordialmente pelos colegas de modalidade. Sendo assim, a perda da admiração e do respeito desses pares pode acarretar um questionamento da sua própria identidade como atleta. Todos esses fatores relacionais tornam ainda mais difícil para o atleta se retirar dessa

lógica. Parte do que se apresenta para cada indivíduo, em sua busca pela felicidade, é a seguinte:

> Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel. (Freud, 1930/2010, p. 58)

Portanto, as relações sociais são fonte de sofrimento para os indivíduos. Freud formula a hipótese de que está posto nessa relação entre o homem e o social algo daquilo que nomeou de *natureza indomável* da constituição psíquica humana. O próprio autor se questiona se há possibilidade de solução para a o mal-estar na cultura e nas relações. Frente à demanda de amar o próximo, imposta pela sociedade, encontra-se o impulso agressivo do indivíduo. Na vida em sociedade, todos devem contribuir com o sacrifício de seus instintos, com a sociedade sendo construída justamente com base na renúncia instintual. Com base nisso, afirma que "boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização" (Freud, 1930/2010, p. 44). Este tema é tratado também no texto *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, no qual Freud (1908/1996, p. 187) aponta a moral sexual civilizada como "uma obediência moral sexual àquilo que, por outro lado, estimula os homens a uma intensa e produtiva atividade cultural". Para ele, a civilização "repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade" (Freud, 1908/1996, p. 192). As exigências de renúncias têm aumentado e se tornado mais rígidas com o processo da civilizatório. A essas, Freud soma as exigências impostas à eficiência de cada um. Ao mesmo tempo, o autor aponta em todas as classes sociais o aumento de necessidades individuais e a ânsia por prazeres materiais.

Dentre as demandas dos indivíduos na vida em sociedade, Freud (1930/2010) cita a beleza:

> Exigimos que o homem civilizado venere a beleza, onde quer que ela lhe surja na natureza, e que a produza em objetos, na medida em que for capaz de fazê-lo. [...]. Requeremos ainda ver sinais de limpeza e ordem. [...]. A sujeira de qualquer tipo nos parece inconciliável com a civilização; estendemos para o corpo humano a exigência de limpeza. (p. 53)

Esse é um ponto fundamental para a análise do esporte na atualidade, uma vez que há cada vez mais a valorização social tanto do corpo atlético, que se torna a referência do que é

belo[49], quanto do movimento estético do esportista em competição, repetido em câmera lenta diversas vezes ao longo da programação esportiva na televisão. Muitas modalidades, como a ginástica artística, a patinação e os saltos ornamentais, colocam na beleza e plasticidade dos movimentos um dos principais critérios para avaliação da apresentação, juntamente com a dificuldade das técnicas realizadas.

Assim, a hostilidade é um elemento presente nas relações humanas. Uma de suas faces na sociedade se mostra no *narcisismo das pequenas diferenças*, que refere a separação entre os indivíduos pelas diferenças, muitas vezes sutis, que "formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade. . . que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo e sobrepujar o mandamento de que todos os homens devem amar ao seu próximo" (Freud, 1917/1996, pp. 208-9). Freud retoma brevemente o conceito em *O mal-estar na civilização*, mostrando haver aí "uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade" (1930/2010, p. 80).

No esporte, a hostilidade ocupa um lugar particular na sociedade. A existência da agressividade em diversas modalidades envolvendo violência física ou não e as rivalidades tornam o esporte um sítio para a manifestação dessas pulsões de uma maneira que é aceita pela comunidade. É importante registrar que tal aceitação só se dá enquanto a agressividade estiver dentro das regras da modalidade. No boxe, por exemplo, qualquer golpe abaixo da linha de cintura é considerado ilegal, assim como cabeçadas e cotoveladas. Todas as demais artes marciais apresentam restrições particulares, e qualquer competidor que faça uso proposital de algum desses golpes é considerado um lutador "sujo". Para administrar as manifestações de agressividade, as regras esportivas são desenvolvidas de modo a propiciar uma tensão entre ordem e perturbação, sendo folgadas o suficiente para permitir ações agressivas, mas com rigidez suficiente que elas não se tornem violência descontrolada (Coakley, 2015)

Portanto, essa competição constante e intensa que se verifica entre indivíduos e equipes no esporte potencializa a vivência da agressividade que é rejeitada no laço social. Assim, é possível que, embora existam diversos elementos da dinâmica do esporte profissional que engendram o mal-estar no ser humano, haja também a possibilidade de satisfação de pulsões agressivas. Soma-se a isso o lugar ocupado pelo atleta no laço social, o

[49] Vide os concursos de beleza e competições de fisiculturismo.

que também traz ganhos narcísicos. Esses elementos também auxiliam na explicação da atratividade de uma carreira no esporte.

3.2 Lugar e função do trabalho na sociedade e no psiquismo

Ainda no texto *O mal-estar na civilização*, Freud sublinha o trabalho como um destino privilegiado de deslocamentos libidinais que garantem o equilíbrio pulsional necessário aos homens. Sobre a importância de tal equilíbrio, ele cita: "como um indivíduo não dispõe de quantidade ilimitada de energia psíquica, tem que dar conta de suas tarefas mediante uma adequada distribuição da libido" (Freud, 1930/2010, p. 67). Ele discorre sobre a relação entre indivíduo e trabalho em nota de rodapé do texto, afirmando ser um elemento que prende a pessoa firmemente à realidade, e "no mínimo a insere de modo seguro numa porção da realidade, na comunidade humana" (Freud, 1930/2010, p. 36). O autor prossegue:

> A possibilidade que oferece de deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais – narcísicos, agressivos e mesmo eróticos – empresta-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade. (Freud, 1930/2010, p. 36)

É importante ressaltar que, nessa passagem, Freud menciona não apenas o trabalho em si, mas os "relacionamentos humanos a ele ligados". O trabalho é, para ele, uma das principais maneiras pelas quais um indivíduo se insere na vida social. A alusão feita aos deslocamentos libidinais também para as relações dá a dimensão de que o aspecto social do trabalho e as trocas que nele ocorrem são de grande relevância. Em outro texto em que trata longamente de aspectos sociais, *Psicologia das massas e análise do Eu*, de 1921, Freud descreve a relação entre indivíduo, a comunidade, a dinâmica da relação que se forma e na qual se insere. Nele expõe o ganho libidinal de se ver inserido no grupo, entregue às suas paixões:

> [...] temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, 'por amor a eles'. (Freud, 1921/2011, p. 45)

Assim, pode-se dizer que a inserção no meio profissional, a escolha (quando há de fato a possibilidade de uma escolha) de uma carreira e a realização de um ofício são formas fundamentais de entrada e permanência na comunidade. Ao mesmo tempo, não trabalhar

tende a colocar o indivíduo em oposição aos demais membros da massa. O mesmo se aplica em alguma medida a indivíduos que escolhem formas de trabalho alternativas ao modelo capitalista empresarial tradicional, muitas vezes sendo criticados. Ou seja, não se trata apenas de se inserir ou não no mercado de trabalho, mas da maneira *como* se insere. Espera-se do indivíduo também que se posicione de maneira competitiva, assim como no esporte de alto rendimento. Nesse ponto, o esporte profissional pode ser pensado como um ambiente cujos valores da sociedade capitalista estão estabelecidos de maneira mais evidente e imediata, não podendo ser pensado como um meio, uma lógica à parte.

Ainda no texto do mal-estar, nele Freud (1930/2010) discorre também sobre a possibilidade de satisfação dos humanos em suas vidas profissionais, afirmando que há mais chances de ocorrer quando a profissão é escolhida livremente, já que, dessa forma, "permite tornar úteis, através da sublimação, pendores existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados" (p. 36). A sublimação é, para Freud (1908/1996), uma das vias possíveis para a satisfação dos instintos, devido a "sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade" (p. 193). Trata-se de "um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada" (Freud, 1930/2010, p. 60). Uma das formas de defesa frente ao mal-estar, ela permite um ganho de prazer por meio de trabalhos psíquicos e intelectuais e seria uma alternativa considerada socialmente mais aceitável para lidar com os instintos agressivos.

> A satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente. Agora podemos dizer apenas, de modo figurado, que ela nos parece "mais fina e elevada", mas a sua intensidade é amortecida, comparada à satisfação de impulsos instintuais grosseiros e primários; ela não nos abala fisicamente. (Freud, 1930/2010, p. 35)

Nesse ponto, o esporte pode ser visto como um lugar privilegiado para a sublimação de instintos, já que a maioria das modalidades põe em jogo algum grau de tensão e agressividade. Além disso, em diversos esportes há a possibilidade de manifestar pulsões agressivas[50] em ações diretas e indiretas, desde sob a forma de provocações, tentativas de

[50] Diversas modalidades esportivas colocam em jogo uma forma de violência metaforizada, que se mostra inclusive em diversos termos empregados na prática. Nos esportes coletivos geralmente há a disputa entre ataque e defesa. No futebol, aquele que faz muitos gols é um artilheiro, e o grande goleiro muitas vezes é chamado de muralha. Um chute muito potente pode ser chamado de um tiro, míssil, bomba ou canhão. Dominar uma bola também é conhecido como "matar". Em diversos esportes se fala em "matar a jogada". Partidas eliminatórias são

intimidação[51] e ameaças de violência até a dominação física do adversário, como nas artes marciais. No esporte de alto rendimento isso não só é possível, como muitas vezes incentivado. As possibilidades de manifestações agressivas dentro das regras do jogo existem não apenas nos esportes de combate, nos quais o uso da agressividade se dá de maneira mais evidente e direta, mas também em modalidades como o futebol americano, o rúgbi, ou mesmo o futebol, no qual há algum grau de valorização, por parte de torcedores, de jogadas agressivas.

Diversos esportes envolvem alguma forma de violência ou agressividade regulamentada e controlada, sendo parte de seu apelo com o público. Neste contexto, "alguns atletas em esportes de poder e *performance* são bem pagos por sua disposição e habilidade para fazer violência em campo" (Coakley, 2015, p. 152). A violência no esporte, para o autor, cria laços de respeito mútuo entre atletas. Pode-se pensar em uma identificação entre eles que os une. Além disso, a violência também é incorporada nas estratégias de jogo, quando técnicos usam jogadores para intimidar os adversários e mesmo machucá-los. Esses jogadores são conhecidos nos Estados Unidos como *"enforcers"*, *"goons"*, e *"hit men"*[52] (Coakley, 2015). A violência existente em algumas modalidades tem efeitos significativos na saúde de esportistas, trazendo consequências como artrite, traumatismo craniano, fraturas ósseas, rompimentos ligamentares e outras lesões. Muitas vezes os efeitos da prática destes esportes só serão percebidos após o encerramento da carreira. Ainda assim, mesmo com o impacto na saúde dos atletas causado pela violência inerente a estes esportes, mudanças em regras que diminuam a violência e a possibilidade de manifestações agressivas na competição são criticadas por jogadores (Coakley, 2015)

O próprio Freud, porém, lista as limitações do mecanismo da sublimação, já que, segundo ele, poucos poderiam acessá-lo, pois "pressupõe talentos e disposições especiais" (1930/2010, p. 36). Além disso, mesmo aqueles indivíduos que poderiam de fato alcançar tal sublimação dos instintos não estariam totalmente protegidos do sofrimento. Outro elemento

---

chamadas de "mata-mata". Em algumas modalidades, o modo de decisão para partidas que terminam empatadas é a "morte súbita", onde a equipe que marcar primeiro será a vencedora (Queiroz, 2005).

[51] Em diversos esportes há a cultura do chamado *trash talk*, termo sem uma tradução aproximada em português, que consiste em criticar, provocar ou mesmo ofender os adversários antes, durante e depois das partidas, com o objetivo de desestabilizá-los emocionalmente, prejudicando seu desempenho. Esta se torna outra forma de dar vazão, no meio esportivo, à hostilidade perante o próximo de uma maneira culturalmente aceita, e em alguns casos valorizada. Alguns atletas ficaram famosos e mesmo são celebrados por seu *trash talk*, como o boxeador Muhammad Ali e o jogador de basquete Larry Bird.

[52] Os três termos são informais, e todos referem a pessoas violentas ou que agem deliberadamente por intimidação para conseguir seus objetivos. A aproximação mais próxima possível para o português seria "bandido" ou "capanga". No futebol, costuma-se usar o termo "brucutu" (Queiroz, 2005), porém os *goons* e *enforcers* se diferenciam por empregarem maior intencionalidade e estratégia em suas ações para intimidar ou mesmo ferir adversários.

que dificulta a possibilidade sublimatória é quando, segundo Freud, “o próprio corpo é a fonte do sofrer” (Freud, 1930/2010, p. 36). Aqui a questão para os atletas é ainda mais intensa, já que, conforme citado anteriormente, no esporte profissional o corpo é tanto o principal instrumento de trabalho como, frequentemente, a própria fonte da dor. O sofrimento do corpo no esporte pode se dar tanto pela já citada via da dor física quanto pela sua inadequação a um ideal que exige que este esteja em constante desenvolvimento e obtendo resultados. Há uma relação entre ambos, pois, frente às demandas do discurso do alto rendimento, o corpo é exposto a cargas e regimes de treinamento cada vez maiores e mais intensos, aumentando as dores e os riscos de lesões.

Assim, enquanto a prática esportiva pode ser uma via para a sublimação de instintos, a própria dinâmica do esporte pode dificultar ou mesmo impossibilitar o aspecto sublimatório da prática. Os atletas estão constantemente sujeitos a lesões de graus variados, que podem causar desde leve dor ou desconforto até impedir que exerçam sua profissão. Na eventual impossibilidade de competir em decorrência de alguma questão física, seja temporária ou permanente, além do próprio mal-estar da lesão, o indivíduo se vê tendo que lidar com essas pulsões que não podem mais ser sublimadas, mesmo que parcialmente, na prática esportiva. Além disso, o atleta em tais situações se encontra impossibilitado de trabalhar e buscar o alto rendimento, o que é colocado como ideal dentro do esporte. Estes fatores potencializam o mal-estar em tais casos.

Freud (1930/2010, p. 36) reconhece que não há grande apreciação do trabalho como via para a felicidade, e que “a imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade”. Um dos fatores de tal falta de satisfação se relaciona à impossibilidade para a maioria dos indivíduos de escolher sua profissão. Sobre isso, L. Santos (2011, p. 40) evoca o reduzido número de pessoas que “podem fazer alguma coisa que seja efetiva e realmente escolhida – que poderíamos considerar uma sublimação razoavelmente eficiente”. O autor cita os modelos econômicos e sociais que dificultam o acesso de maior número de indivíduos à escolha pessoal e livre de uma carreira ou ofício, com estes sendo relegados a fazer o possível e necessário para a subsistência. L. Santos (2011) lembra ainda que, mesmo no caso daqueles que escolhem suas carreiras, não há garantia de se encontrar satisfação.

Nesse ponto, o esporte ocupa um lugar particular, já que, em muitos casos, trata-se de uma carreira desejada e mesmo idealizada por muitos, não apenas por aqueles que se tornam atletas, mas por parte da população que, por uma variedade de motivos, não têm a oportunidade de seguir uma trajetória esportiva profissional. Conforme citado, para muitas pessoas, o atleta é visto como alguém que não está trabalhando, mas se divertindo (Coakley,

2015). Ainda assim, essa percepção social de que o atleta é alguém que está vivendo a carreira de seus sonhos muitas vezes é ilusória. Exemplo disso é o tenista André Agassi, que, no início de sua autobiografia afirma sempre haver detestado jogar tênis:

> É o último Aberto[53] da minha carreira, talvez a última competição da qual participo na vida. Jogo tênis para viver, embora deteste esse esporte. Detesto o tênis com uma paixão secreta e sombria, e sempre detestei. . . .Assim que esse último elemento da minha identidade encaixa no quebra-cabeça, fico de joelhos e sussurro: tomara que tudo isto acabe. Em seguida: não estou preparado para que isto acabe. (Agassi, 2010, p. 10)

A maioria dos atletas, porém, tem uma relação ambivalente com o esporte, apreciando alguns aspectos da prática e não gostando de outros, como no caso do boxeador citado por Wacquant (2004, pp. 206-7, grifos do autor, tradução nossa[54]), que afirma amar a imprevisibilidade do esporte, mas odeia a sensação da derrota.

> [...] eu odeio perder, eu odeio ir para o meio do ringue e eles levantarem a mão do outro cara, eu odeio, *eu odeio isso profundamente*...
>
> Se divertir, é, *é emocionante*: você não sabe o que vai acontecer no ringue e *eu amo isso*.

Nesse trecho, chama a atenção que os aspectos da modalidade que o atleta afirma amar e odiar estão entrelaçados, uma vez que o risco de ser derrotado é parte da imprevisibilidade do boxe. Assim, mesmo os atletas que gostam de elementos de sua prática, em geral também são forçados a lidar com outras partes que geram incômodo, estando longe da visão idealizada pelo senso comum de alguém que está vivendo uma carreira prazerosa.

A atividade profissional e a função nela exercida estão fortemente entrelaçadas nos processos identificatórios dos indivíduos na sociedade, e os investimentos nas relações profissionais podem se transformar em fontes de valorização ou de feridas narcísicas. Na sociedade capitalista, o trabalho transcende o lugar de fonte de renda, sendo um elemento por meio do qual as pessoas organizam suas rotinas. É algo essencial para o estabelecimento de relações e trocas sociais, envolvendo o cotidiano ao ponto em que história particular e profissional se mesclam. Situado entre o coletivo e o individual, o âmbito profissional é um espaço promotor de socialização (Rodrigues, Ayabe, Lunardelli & Canêo, 2005; Hornstein,

---

[53] Torneio aberto a participantes independentemente de seus *status* profissional, idade, nível de habilidade e outros fatores.

[54] "[...] I hate losin', I hate goin' up to the middle of the ring an' they raise another guy's hand, I hate, I hate that with a passion…
To have fun, it's it's thrillin': you don't know what's gonna happen in the ring an' I love it"

1989; Kegler, 2011). Isso remete à citação de Freud sobre a importância dos deslocamentos libidinais para o trabalho e as relações ligadas a ele (Freud, 1930/2010).

A relação do indivíduo com seu trabalho, independente de apreciá-lo, é outro aspecto que deve ser colocado em questão. Não é raro, na cultura, que um indivíduo inicie uma fala se apresentando para alguém nomeando sua profissão, e diversos sobrenomes em vários idiomas têm suas origens em profissões ou ofícios[55]. No esporte isso se dá de maneira particularmente intensa, e o reconhecimento do atleta se verifica não apenas por meio de sua prática esportiva, mas pelo sucesso alcançado na modalidade e pela percepção de sua dedicação.

Tal relação de identificação social transcende o período de atividade profissional, já que em muitos casos os indivíduos são reconhecidos por seus feitos no esporte, sejam eles sucessos ou fracassos, mesmo décadas após suas aposentadorias. A identificação é, segundo Freud (1921/2011), "a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa".

> [...] primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetal libidinosa, como que através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação. (Freud, 1921/2011, p. 65)

A ligação entre os indivíduos na massa é, para Freud, da ordem de tal identificação. O que favorece tal união é a existência de algo em comum, como a ligação a um líder (Freud, 1921/2011). O meio do esporte profissional possui figuras que representam autoridades formais, como presidentes de federações, dirigentes ou donos de clubes ou comitês organizadores, porém não parece haver identificação ou mesmo uma relação de afeto dos atletas para com tais indivíduos e os lugares ocupados por eles. O que se apresenta é uma relação de ambiguidade ou mesmo de hostilidade direcionada a eles, já que muitas vezes não se trata de pessoas que seguiram carreiras esportivas, estando ausente esse elemento fundamental que fortalece a identificação para os atletas. Além disso, são indivíduos que ocupam posições de poder e podem decidir aspectos práticos que afetam a vida dos atletas, como a retirada do time e valores salariais. A relação com os treinadores também possui elementos de ambiguidade, pois é outra figura que pode afetar a carreira, além de ser alguém que cobra o alto desempenho de maneira mais próxima no dia a dia dos treinos e competições.

No meio esportivo, assim, os atletas tendem a se identificar com outros atletas, estejam eles em atividade ou já aposentados. Isso é observado principalmente em jovens

[55] Entre os inúmeros exemplos, podem-se destacar o inglês Smith (ferreiro) e o alemão Schumacher (sapateiro).

atletas que, ao se identificarem com algum atleta mais velho, o colocam no lugar de inspiração, modelo e até de ideal. Isto remete ao que Freud (1921/2011) afirma no texto *Psicologia das massas e análise do Eu*, ao conceituar o outro como ocupando o lugar de modelo, objeto, auxiliador ou adversário para o indivíduo. Um exemplo que ilustra esse tipo de relação é LeBron James, citado anteriormente, eleito o melhor jogador da NBA em quatro anos e considerado um dos grandes jogadores da história do basquete. Ele citou em diversos momentos da carreira ter admirado Michael Jordan, inclusive escolhendo o mesmo número da camisa, 23. Em uma entrevista em 2016, citou que sua principal motivação era "o fantasma que perseguia. O fantasma [que] jogava em Chicago" (James, 2016, tradução nossa[56]), em alusão à equipe em que Jordan competiu. Após bater o recorde de pontos de Jordan, falou também sobre sua admiração por ele:

> Eu fazia praticamente tudo que MJ [Michael Jordan] fazia quando eu era criança. Eu arremessei *fadeaways*[57] antes do que eu deveria. Eu usava uma manga de perna na perna e dobrava para que desse pra ver a parte vermelha. Eu usava tênis vermelho e preto com meias brancas. [...] Eu fiz tudo que o Mike fazia, cara. Eu queria ser Mike. (James, 2016, tradução nossa[58])

Na citação anterior, James menciona outra forma bastante comum de manifestar a identificação com um atleta admirado, a imitação de movimentos ou aspectos da vestimenta, desde as chuteiras ou tênis a algum acessório. Ainda assim, mesmo nos casos de um ídolo, este não constitui um líder para a massa, já que trata-se algo particular de cada esportista, que terá um ou alguns indivíduos ocupando esse lugar, e tal pluralidade não basta para manter a união entre os membros da comunidade. Em uma passagem do texto *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/2011, p. 55) considera a possibilidade de o lugar do líder ser ocupado por "uma ideia, uma abstração, uma tendência comum ou um desejo partilhável", o que pode auxiliar na compreensão deste funcionamento no esporte. Para os esportistas, portanto, esse lugar de liderança, que serviria para manter a união e a ligação entre os membros da massa, é ocupado pelo ideal do alto rendimento e da busca constante pela vitória, que Coakley (2015) chama de ética do desempenho. Essa relação com o desempenho não está restrita ao meio esportivo. Na sociedade atual, os aspectos valorizados nos indivíduos em âmbito profissional são produção, potência e êxito. Assim, pode-se pensar que a cultura

---

[56] "This ghost I'm chasing. The ghost played in Chicago"
[57] Uma das técnicas de arremesso no basquete mais associadas a Michael Jordan.
[58] I did pretty much everything that MJ did when I was a kid. I shot fadeaways before I should have. I wore a leg sleeve on my leg and folded it down so you saw the red part. I wore black-and-red shoes with white socks. […] I did everything that Mike did. I wanted to be Mike

impõe para os membros da comunidade um ideal a ser buscado, o que se estende ao âmbito profissional. Em particular no esporte, é a identificação dos membros da massa a esse discurso o que gera elo libidinal entre eles, e o questionamento ou recusa da lógica do alto rendimento e enfraquece essa relação. Freud (1914/2010) auxilia a compreensão desta relação, ao afirmar que "do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Além do seu lado individual, ele tem o social, é ideal o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação" (p. 50).

3.3 O trabalho do atleta profissional

O trabalho é considerado uma forma primordial para se demonstrar produtividade em nossa sociedade. No esporte, a avaliação da produtividade se dá de maneira muito mais direta e imediata, já que os resultados são observáveis em tempo real. Com os avanços tecnológicos, as análises estatísticas são cada vez mais complexas e elaboradas, sendo possível observar em detalhes os acertos ou erros de cada atleta. Devido à visibilidade dada aos jogos, o juízo de valor sobre cada esportista está posto em evidência para um público muito maior do que para o trabalhador de outras áreas. A demanda por resultados é constante e, devido à frequência de jogos e competições[59], a produtividade está sendo constantemente posta à prova. Uma queda no rendimento é recebida com questionamentos e críticas. Um erro será transmitido para milhões de pessoas e repetido diversas vezes, o que contribui para que alguns atletas ficam permanentemente associados a falhas individuais, sobretudo quando elas ocorrem em momentos decisivos[60]. O que fica marcado não é apenas a imagem do atleta, mas a imagem do desempenho em competição, tornando ainda mais difícil a dissociação entre o indivíduo e seus feitos dentro do esporte.

Tal demanda constante por produtividade é somada a outras condições da organização do trabalho que podem apresentar riscos à saúde mental dos trabalhadores (Heloani & Capitão, 2003; Menezes, 2012). Entre elas, podem-se destacar aspectos como o ritmo acelerado, a ameaça de desemprego e a competitividade desenfreada, que se fazem presentes constantemente na carreira de esportistas. Sobretudo o risco de desemprego é um item que

---

[59] A temporada regular de beisebol é composta por 162 jogos para cada equipe, no basquete são 82 jogos. No futebol há um número menor de partidas, mas as equipes disputam diversas competições simultaneamente, muitas vezes jogando duas vezes por semana. Com o advento dos canais exclusivos de esporte e do *pay-per-view*, virtualmente todas as partidas são transmitidas.

[60] Um dos casos mais marcantes disto é o do goleiro Barbosa, titular na já citada Copa do Mundo de 1950. O gol da vitória, e do consequente título uruguaio, foi considerado uma falha do goleiro, e Barbosa ficou marcado pela derrota. Ao ser entrevistado em 1994, chegou a afirmar que, embora no Brasil a justiça considere que a pena máxima para um crime seja de 30 anos, ele pagava há 44 anos pelo ocorrido na Copa de 1950 (Barbosa, 1994).

poucas vezes é mencionado ao se falar sobre uma carreira esportiva, embora seja significativo. A situação trabalhista de atletas é peculiar, já que nas modalidades individuais o atleta não possui um vínculo empregatício formal. No caso do boxe, por exemplo, a cada luta um contrato é assinado, estipulando as condições do combate e do pagamento. Na maioria das modalidades individuais o atleta se filia a um clube ou federação no qual treina e se prepara para competições. O fracasso em competições, porém, pode fechar as portas dos clubes e fazer com que perca rendimentos, na forma de patrocínios e premiações, além de outras oportunidades em sua carreira, o que se assemelha aos riscos encontrados na possibilidade do desemprego no mercado de trabalho formal.

Nas modalidades por equipes, por outro lado, há o vínculo com o clube, mas este se dá sob a forma de um contrato com um período de tempo delimitado. Para demitir um atleta, o clube, via de regra, deve pagar uma multa rescisória. O risco do desemprego se apresenta principalmente no momento do término do contrato, com a perspectiva da não renovação ou da falta de outras equipes interessadas. Os esportistas que têm visibilidade na mídia, contudo, são os mais bem-sucedidos, e é raro que o desemprego seja um risco real para eles, ao menos até os últimos anos de carreira, ou que ocorra alguma lesão mais grave, que afete seu desempenho. Na maioria dos casos, mesmo que haja piora no rendimento, ainda será possível continuar a carreira em uma equipe menor. Tais atletas, porém, representam a minoria dos casos encontrados no esporte. Um exemplo que representa melhor a situação da maioria dos atletas é o do jogador de hóquei Ben Meisner, que escreveu sobre sua experiência no esporte para a página do *The Players' Tribune*. Ele inicia o texto se definindo como alguém que não é uma estrela do esporte ou um talento transcendente:

> Eu sou apenas um goleiro que trabalha duro, que se esforçou bastante pra se tornar um profissional e então quicou ao redor de diversas ligas profissionais por alguns anos e atualmente joga na Alemanha. Você nunca ouviu falar de mim. Você não sabe o meu nome. (Meisner, 2018, s.p., tradução nossa[61])

Em seguida, o atleta explica a dinâmica do hóquei no gelo nas ligas menores, onde o salário é pago semanalmente, incluindo plano de saúde e alojamento. Devido a tal funcionamento, o time pode demitir o atleta a qualquer momento, e caso não surja outro time interessado, não há alternativa para o jogador continuar sua prática profissional. Para um goleiro, como Meisner, há 196 vagas nas 98 equipes profissionais na América do Norte,

[61] "I'm just a hardworking goalie who busted his butt to become a pro and then bounced around the lower professional leagues for a few years and is currently playing overseas in Germany. You've never heard of me. You don't know my name"

principal mercado do hóquei no gelo. Ao mesmo tempo, há aproximadamente 320 goleiros sem equipe buscando uma destas vagas, segundo os cálculos do próprio jogador. Estes números dão a dimensão da competição por vagas de trabalho em um contexto esportivo, o que é um dos fatores pode levar ao sofrimento psíquico, como ocorreu com o atleta em questão.

> Eu não tinha nada contra nenhum desses caras, mas na minha mente eles se tornaram meus inimigos. [...] Isso me deixou ainda mais ansioso, paranoico e... com medo. A maioria das minhas horas acordado eram passadas preocupado sobre perder a minha subsistência e ficar sem trabalho e aquém do meu sonho. (Meisner, 2018, s.p., tradução nossa[62])

Uma das reflexões que surgem em situações como essa é que a própria dinâmica da disputa por vagas na equipe que gera o mal-estar é um dos motivos que levam os atletas a não se sentirem confiantes para compartilhar suas demandas. Há o medo de perder espaço ou mesmo ser dispensado do clube, como ilustra Meisner (2018, s.p., tradução nossa[63]):

> [...] na minha mente, se eu falasse, "treinador, eu preciso de ajuda porque eu tenho uma ansiedade severa e meu transtorno obsessivo compulsivo está fora de controle", eu estaria desistindo do meu sonho de chegar até a NHL. Eu sentia que se eu dissesse algo, ou pedisse ajuda, um desses outros goleiros ao redor do mundo estaria num avião pra pegar o meu lugar.

No episódio em questão, o atleta eventualmente procurou ajuda e conta no texto que procurar um psicólogo "salvou sua vida" (Meisner, 2018). Embora não dê detalhes do processo que atravessou, afirma estar se sentindo melhor e feliz jogando na Alemanha. Ainda assim, seu exemplo exibe como o próprio modo de funcionamento do esporte inibe que os atletas que passam por algum tipo de dificuldade busquem ajuda.

Conforme citado, o trabalho do esportista profissional se distingue da maioria das carreiras em outras áreas. A maioria dos trabalhadores desenvolve suas carreiras de maneira linear e seguindo formação e aprimoramento profissional, podendo estes ser teóricos, práticos ou uma junção de ambos (Campos, 2015). No esporte, por sua vez, o trabalho se inicia antes da profissionalização, geralmente nas categorias de base ou em algum programa de iniciação esportiva. Crianças e adolescentes nessa fase seguem programas de treinamento, participam

---

[62] "I had nothing against any of those guys, but in my mind they became my enemies. And lots of times it seemed like I could actually feel them breathing down my neck. All 320 of them. That made me even more anxious and paranoid and … afraid. Most of my waking hours were spent worrying about losing my livelihood and being out of work and falling short of my dream"

[63] "But in my mind, if I said, 'Coach, I need some help because I have severe anxiety, and my OCD is running wild,' I would be giving up my dream of making it to the NHL. I felt that if I said something, or asked for help, one of those other goalies out in the world would be on a plane to take my spot"

de competições e são cobrados por seu desempenho, sob o risco de serem desligados do programa e, consequentemente, não poderem seguir no esporte (Coakley, 2015). Em geral, o pagamento nessa fase é da ordem de alguma ajuda de custo ou benefícios como moradia, alimentação e condições de estudos. Muitas vezes são essas condições que motivam os jovens atletas a participarem de tais programas, principalmente no caso de jovens provenientes de famílias de baixa renda (Campos, 2015).

Outro ponto que diferencia o trabalho do esportista ao longo de sua carreira é que esta se desenvolve de maneira menos linear, se comparada a outras áreas. O trabalhador em geral se aprimora técnica e/ou teoricamente, obtendo mais conhecimento e habilidades conforme segue sua trajetória profissional. É importante realçar, contudo, que devido a quadros socioeconômicas, isso nem sempre se traduz em melhores oportunidades de trabalho e rendimentos financeiros. Já no esporte há uma pluralidade de experiências e trajetórias. Embora haja acréscimo de conhecimento e de habilidades da modalidade ao longo da carreira, o lado físico pode afetar o aprimoramento do atleta. Alguns deles alcançam o auge do desempenho em uma idade precoce, enquanto outros se desenvolvem em suas carreiras e obtêm seus melhores resultados no fim da carreira. Há também casos de atletas que chegam ao auge no meio da trajetória e posteriormente têm um decréscimo no desempenho. A perda de rendimento pode ser súbita ou progressiva. Tais alterações podem ocorrer devido a diversos fatores, como questões físicas e lesões; mudanças no programa de treinamento ou na comissão técnica; perda de interesse pela modalidade, entre outros. Esta variabilidade se traduz também nos ganhos financeiros obtidos pelos atletas.

Para o esportista, o trabalho demanda alto nível de dedicação e tempo, invadindo sua vida particular. Embora o esportista profissional esteja comumente associado aos momentos de competição, seu trabalho envolve outras circunstâncias, como treinamentos, eventos publicitários e mesmo descanso, já que o alto rendimento do corpo requer uma alimentação saudável e repouso para a recuperação física após lesões e desgaste físico em competições. Assim, o esportista deve adaptar sua rotina e seus hábitos mesmo fora dos momentos de treinamentos e campeonatos, tornando a carreira esportiva uma prática de tempo integral. Isso deve ocorrer, inclusive, quando ele se encontra desempregado, pois é quando se torna necessário que ele esteja em forma para conseguir uma nova oportunidade profissional. A ausência de novas possibilidades de inserção em uma equipe é um dos motivos que podem levar à aposentadoria involuntária.

Outra questão que surge é referente ao fim da carreira esportiva. Ao contrário da maioria dos outros trabalhadores, o esportista se aposenta em idade precoce, na grande

maioria dos casos antes dos 40 anos. Assim, o fim da carreira como atleta envolve a passagem para o trabalho em outra área ou mesmo ainda no esporte, mas em outra função, como treinador, empresário ou dirigente, por exemplo.

Tornar-se e manter-se envolvido em um esporte é um processo complexo de socialização e de formação de identidade. A participação em um esporte na infância e adolescência impacta suas relações e é impactada por elas. A entrada para uma modalidade esportiva muitas vezes é influenciada por pessoas próximas, como pais, irmãos, amigos ou professores. Outras vezes se dá pela identificação com um ídolo da modalidade. Não é raro que o jovem que esteja competindo em uma categoria de base ou mesmo no time da escola ou universidade seja visto com prestígio e admiração por colegas, familiares e outras pessoas (Coakley, 2015).

A identificação e aceitação como atleta são dadas primordialmente por outros atletas, a partir da adesão à cultura, o que inclui comportamentos e a adoção de uma linguagem particular à modalidade em questão. Isso remete ao que refere Dejours (2002) sobre o julgamento oriundo dos pares ser mais significativo para os trabalhadores. Esse processo de aceitação, contudo, não ocorre uma vez e de modo permanente. "Participação em uma cultura esportiva é sempre temporária; *ela depende do que você faz hoje, não do que você fez no passado*" (Coakley, 2015, pp. 57-58, tradução[64] e grifos nossos). Assim, a demanda pela provação da identidade como atleta é contínua ao longo da carreira, sendo necessárias a manutenção de bom desempenho e a adequação à ética do esporte.

Essa demanda contínua por alto desempenho faz com que o atleta esteja sendo constantemente confrontado com um ideal. Para Freud (1914/2010; 1923/2010), o indivíduo mede seu Eu em relação ao ideal, e a tensão entre as duas instâncias leva ao sentimento de culpa quando o sujeito se vê aquém de tal ideal.

[64] "Membership in a sport culture is always temporary, it depends on what you do today, not what you did in the past"

4 DIMENSÕES DO MAL-ESTAR NA CARREIRA ESPORTIVA

Para análise mais profunda da carreira esportiva, é necessário contextualizá-la e estudá-la em cada uma de suas etapas. É desse ponto que o presente capítulo parte. Em seguida, a trajetória dos indivíduos no esporte será abordada em suas três principais fases: a iniciação esportiva nas categorias de base, ainda na infância, os anos no profissionalismo e o fim da carreira no momento da aposentadoria. Cada uma dessas fases apresenta particularidades que podem levar ao mal-estar aqueles que passam por elas. A proposta, portanto, é investigar que especificidades do meio esportivo, com sua discursividade, seus valores e sua ética, contribuem para o mal-estar ao longo da carreira. Para obter tal compreensão, os elementos encontrados na cultura esportiva serão analisados fazendo uso do referencial teórico freudiano.

Uma carreira esportiva é entendida como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva de escolha do atleta, tendo como objetivo o alto desempenho em um ou mais eventos esportivos (Alfermann & Stambulova, 2007). É um processo que demanda grandes níveis de dedicação e tempo, invadindo a vida particular dos atletas, já que a alto desempenho do corpo requer a manutenção de hábitos alimentares saudáveis e descanso. Assim, o esportista deve adaptar sua rotina e seus hábitos mesmo fora dos momentos de treinamentos e competições, tornando a carreira esportiva uma prática de tempo integral.

Para Rubio (2001), a trajetória do atleta segue os seguintes termos: “a escolha e dedicação à modalidade, a conquista das posições em times e seleções e a retirada do mundo competitivo e início de uma atividade inédita, associada ao esporte ou não, caracterizada como uma nova vida” (p. 17). Durante a carreira, para ele, a máxima é a vitória e o alto rendimento constante, valores estes que estão em conformidade com a sociedade capitalista.

A trajetória da carreira do atleta passa por alguns pontos que são comuns a grande parte deles. O início da jornada, que na maioria dos casos envolve uma mudança geográfica, com a mudança de cidade ou mesmo de país, em alguns casos, deixando para trás o ambiente familiar (Rubio, 2001). Isso ocorre porque, via de regra, os principais clubes e centros de treinamentos esportivos estão localizados nas grandes cidades. Jovens nascidos em cidades menores, portanto, terão que se deslocar para esses lugares, para aumentar suas chances de inserção no meio esportivo. Muitas famílias não possuem condições de se mudar com o

jovem, que terá que morar com algum conhecido ou em alojamento oferecido pelo clube ou federação[65].

A chegada ao clube, momento seguinte, "representa a iniciação, propriamente dita, um caminho de provas que envolve persistência, determinação, paciência e um pouco de sorte" (Rubio, 2001, p. 99). O aspecto sorte ou acaso é algo que o discurso esportivo tenta negar, em detrimento a uma narrativa que coloca o sucesso em função do esforço e da determinação do atleta. Ainda assim, diversos elementos que podem ser decisivos para a trajetória do jovem estão fora do seu controle, como as condições financeiras e de treinamento do clube, a qualidade da comissão técnica e dos companheiros e mesmo a ausência de lesões ao longo do processo de formação dentro da modalidade.

A chegada à seleção nacional da modalidade é descrita pela autora como o auge da carreira e como um momento de desfrute por parte do atleta. Esse ponto pode ser questionado, pois não só algumas modalidades não possuem esse elemento de competições entre seleções nacionais (como o boxe profissional e o futebol americano, por exemplo), como há diversos casos de atletas que rejeitam a convocação para suas seleções[66]. Ademais, embora competir representando o país possa um momento de desfrute para o esportista, é importante colocar em questão o mal-estar que também se observa nesta etapa da carreira. A entrada para a seleção nacional de fato é considerada o auge profissional em muitas modalidades, colocando o atleta em disputas continentais e mundiais e aumentando sua visibilidade, o prestigio e a possibilidade de ganhos financeiros. É fonte de grande satisfação narcísica para diversos esportistas, já que se trata de um lugar de diferenciação em relação aos demais concorrentes. Ao mesmo tempo, é o momento de maior pressão para o atleta, por ser o auge das expectativas de público e mídia. Principalmente nos Jogos Olímpicos, há um investimento libidinal de grande parte da população de cada país e há grande expectativa depositada no

---

[65] Um exemplo que ilustra esse cenário é o do jogador de futebol Andrés Iniesta, que aos 12 anos se mudou de sua cidade natal para morar com os demais jovens em La Masía, academia de treinamento das categorias de base do Barcelona. Em sua autobiografia, o espanhol afirmou ter sofrido durante a transição: "Tive uma sensação de abandono, de perda, como se tivessem tirado algo de dentro de mim. Foi um momento muito duro. Eu queria estar ali, sabia que era o melhor para meu futuro, mas passei um tempo muito difícil, tive que ficar sem minha família e ficar sem vê-los todos os dias, não os ter por perto. É muito duro" (Iniesta, 2016, p. 53, tradução nossa). No original: "Tuve una sensación de abandono, de pérdida, como si me hubiesen arrancado algo de dentro, en lo más profundo de mí. Fue un momento durísimo. Yo quería estar allí, sabía que era lo mejor para mi futuro, por supuesto, pero pasé por un trago muy amargo, tuve que separarme de mi familia, no verlos todos los días, los sentirlos cerca... Es muy duro"

[66] A recusa à convocação é relativamente comum entre jogadores de basquete americano, que preferem se concentrar em suas equipes e não arriscar lesões em jogos da seleção. No futebol há diversos casos, como o italiano Francesco Totti, que se aposentou da seleção após a Copa de 2006, continuando a carreira apenas em seu clube até sua aposentadoria, em 2017. As competições entre seleções, como campeonatos mundiais, se dão fora da temporada regular da maioria dos esportes, invadindo o período de férias dos atletas, o que contribui para o desinteresse.

desempenho de cada atleta, em maior ou menor grau, dependendo da cultura. Um declínio no desempenho e derrotas significam, nesse cenário, perder tanto o lugar de prestígio perante a sociedade quanto ganhos materiais e financeiros, levando o atleta a experimentar significativo mal-estar simultâneo ao que poderia ser o prazer de viver essa fase da carreira.

Retomando as fases da carreira propostas por Rubio (2001), o momento seguinte se dá após o auge do desempenho e da carreira, o que muitas vezes envolve um retorno ao clube de origem e, eventualmente (ou no mesmo momento), a aposentadoria do esporte. Esse é um momento que gera outras implicações que afetam o indivíduo, já que potencialmente envolve feridas narcísicas, questionamentos da própria identidade, a vivência de um luto e mudanças nas relações com familiares, com o público, com o esporte e consigo mesmo.

Após esta breve introdução da carreira esportiva e de suas etapas, cada uma delas será abordada de maneira mais aprofundada, seguindo a ordem cronológica. A ênfase da análise está no impacto psíquico para os atletas em cada uma dessas etapas.

4.1 As categorias de base

A carreira no esporte possui uma particularidade em relação às demais, na medida em que o atleta deve realizar grande investimento de tempo e esforço antes mesmo de se tornar um profissional, sem que haja nenhuma garantia de que alcançará tal etapa. A entrada no esporte de alto rendimento se dá após um período que se nomeia iniciação esportiva. O início acontece com um primeiro contato com alguma modalidade, e geralmente ainda na infância. Esse contato pode ocorrer por interesse da própria criança ou intermediado por pais, amigos ou pela escola. Apenas posteriormente, após um período de experimentação com a modalidade e, possivelmente, com outros esportes, haverá mais investimento de tempo e dedicação na busca por uma formação na modalidade. Jovens em programas de treinamento de alto rendimento treinam em suas modalidades por diversas horas, ano após ano, e competem regularmente durante seu desenvolvimento na modalidade até a chegada no profissionalismo.

O processo de tornar-se um atleta é dividido por Coakley (2015) em quatro momentos: a) a obtenção de conhecimento sobre o esporte em questão, que consiste no primeiro contato com a prática; b) a interação com outras pessoas envolvidas com a modalidade, como treinadores e outros jovens; c) o aprendizado sobre a participação no esporte escolhido e as expectativas sobre os atletas; d) e passar a ser reconhecido e aceito como um atleta na cultura da modalidade escolhida. Para o autor, a identificação e aceitação como atleta são feitas pelos

colegas da modalidade a partir da adesão à cultura, o que inclui comportamentos e a adoção de uma linguagem particular à modalidade em questão: "ao longo do tempo todo time cria e mantém uma *cultura* particular ou um modo de vida consistindo de valores, crenças, normas e rotinas sociais cotidianas" (Coakley, 2015, p. 5, tradução nossa[67], grifo do autor). Isso se aplica tanto ao clube como instituição como ao grupo particular de jogadores.

4.1.1 A inserção no esporte e as relações do jovem atleta

Pais e mães se mostram cada vez mais envolvidos e investidos na prática esportiva de seus filhos e preocupados com os resultados obtidos nas categorias de base. "O sucesso do filho no esporte é especialmente importante para seus pais" (Coakley, 2015, p. 90, tradução nossa[68]), pois quando um jovem atleta obtém sucesso, não é raro que seja feita associação entre os resultados dos filhos e sua criação. Os pais são parabenizados por pares e são indagados por estes sobre o que fizeram para "criar" um prodígio (Coakley, 2015), inclusive pela mídia, em alguns casos de mais sucesso. Esta relação com a prática esportiva dos filhos remete ao que Freud (1914/2010) afirma em *Introdução ao Narcisismo*, ao abordar o amor dos pais para com seus filhos, afirmando haver nessa relação algo do narcisismo dos pais.

> Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos. [...] também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar todas as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela. (Freud, 1914/2010, pp. 36-7)

Assim, o sucesso esportivo dos filhos, juntamente com o reconhecimento social que recebem em consequência, traz satisfação narcísica para os pais. Outra possibilidade identificada por Freud é o caso em que os pais projetam seus sonhos frustrados na criança, e esta deve concretizá-los (Freud, 1914/2010). Isso acontece quando os pais tiveram pretensões atléticas para eles mesmos e não puderam realizá-las ou não obtiveram o sucesso esperado. Em ambos os casos o investimento narcísico na prática de seus filhos faz com que os pais muitas vezes adotem atitudes que invadem o espaço do jovem atleta como forma de defender

---

[67] "Over time every team creates and maintains a particular culture or a way of life consisting of values, beliefs, norms, and everyday social routines"
[68] "A child's success in sports is especially important for parents"

o que acreditam ser seus interesses. Isso se mostra em situações de brigas com juízes, treinadores, dirigentes e mesmo outros pais, para citar alguns exemplos. Tais expectativas sobre o sucesso dos filhos faz com que se coloque uma pressão a mais sobre o jovem para que vença e se desenvolva na modalidade.

A oferta de acesso ao esporte não se dá de maneira uniforme. Algumas crianças e jovens têm oportunidades de experimentar e praticar diversas modalidades esportivas para posteriormente decidir por uma delas. Essa decisão pode ser por uma preferência pessoal ou por mais aptidão física ou técnica pela modalidade. Muitos jovens, por outro lado, não têm acesso a uma variedade de modalidades e a escolha é simplesmente praticar ou não a modalidade à qual teve acesso (Coakley, 2015). As modalidade acessíveis a cada um é algo que depende de fatores culturais e socioeconômicos. No Brasil é comum que os jovens tenham mais acesso ao futebol, principalmente nas quadras em escolas e nos campos de várzea. É mais comum que jovens de famílias de classe média alta tenham acesso a mais modalidades.

Algumas modalidades são bastante restritivas quanto à possibilidade de acesso, devido aos altos custos da prática, como a filiação a um clube e os custos com materiais. Entre elas se destacam o automobilismo, o hipismo e o golfe. Não é raro que pais que gastem grandes quantias em equipamentos, treinos e viagens relacionadas ao esporte, citem que estão investindo no futuro de seus filhos. Coakley (2015, p. 91, tradução nossa[69]) faz um alerta quanto a esse tipo de relação familiar:

> [...] quando os pais pensam nestes termos, o sucesso de seus filhos no esporte é relacionado à expectativa de ganhos sociais e financeiros, e o patrocínio de seus filhos é frequentemente visto como um investimento para o qual eles esperam certas recompensas.

Tais recompensas podem ser a satisfação narcísica de ver o filho obtendo sucesso e o reconhecimento oriundo de tal cenário ou também podem vir na forma de ganhos materiais e financeiros, a depender do caso. Assim, surge nesse primeiro momento do envolvimento com o esporte o fato de que tal inserção já se dá rodeada por expectativas e projeções, como explica Campos (2015, p. 71): "o esporte em geral representa uma esperança de independência financeira mais rápida para uma grande maioria. Os pais muitas vezes contribuem para incutir nas crianças a marca dessa relação imaginária". A carreira esportiva é

[69] "When parents think in these terms, the success of their children in youth sports is linked to anticipated social and financial payoffs, and the sponsorship of their children is often seen as an investment for which they expect certain rewards"

vista como uma possibilidade de ascensão social e é comum ouvir atletas de sucesso contarem em entrevistas que compraram casas para seus familiares[70], muitas vezes com o primeiro salário como profissional. O que ocorre, então, é que o jovem passa a ocupar o lugar de depositário de esperanças e anseios de pessoas ao seu redor, além de ter suas próprias ambições como indivíduo. Assim, não se trata apenas da superação de um obstáculo dentro do esporte ou da competição, mas da superação de uma própria condição social, para si e para os familiares. O fato de que o esporte se trata da principal, e muitas vezes única, fonte de renda de seus participantes apenas contribui para a pressão a que estão submetidos.

No geral, esportes nas categorias de base deixaram de focar na experiência da criança ou adolescente, enfatizando a vitória e deixando de lado o aspecto lúdico, de aprendizado e ganhos sociais. A presença de pais com grandes expectativas contribui para isso, já que estes pressionam os clubes, instituições e treinadores para que invistam em tal aspecto da prática esportiva. Uma das possíveis consequências de tal modo de trabalho é a especialização precoce na modalidade, que pode levar ao desgaste o jovem atleta, a lesões por sobrecarga ou uso excessivo e à desistência da modalidade.

Em seu estudo investigando a prática esportiva de adolescentes, Coakley e White (1992) revelaram que um dos fatores que atraem jovens ao esporte é principalmente a sensação de desenvolvimento e controle sobre suas vidas. A realização de objetivos pessoais também foi um aspecto mencionado, que lhes gerava a sensação de competência e ganhos sociais. Uma questão que surgiu em tal estudo foi que menos jovens do sexo feminino imaginavam poder realizar tais conquistas por meio da prática esportiva, o que contribuiu para menos participação esportiva. Isso pode se explicar por diversos motivos, desde a falta de mais apoio para a prática de esportes por parte de pais e familiares no geral, registrada no estudo, até a reduzida visibilidade do esporte feminino na sociedade.

Algo que tem sido cada vez mais enfatizado nas categorias de base e esportes juvenis competitivos é o que Coakley (2015) nomeia ética do desempenho. Trata-se de "um grupo de ideias e crenças enfatizando que a qualidade da experiência esportiva pode ser mensurada em termos da melhora de habilidade e sucesso competitivo[71]" (p. 88, tradução nossa[72]). Dessa maneira, os participantes de tais programas esportivos "são encorajados a avaliar suas experiências em termos de seu progresso no desenvolvimento de habilidades técnicas e a

[70] Alguns exemplos são Amari Cooper, Deion Sanders e Ty Law, jogadores de futebol americano (Blair, 2017; Sanders, 2019; Law, 2019).
[71] Como o próprio autor cita, "a aplicação da ética do desempenho não está restrita aos esportes organizados" (Coakley, 2015, p. 89).
[72] "A set of ideas and beliefs emphasizing that the quality of the sport experience can be measured in terms of improved skills and competitive success"

passagem a níveis mais altos de competição" (Coakley, 2015, p. 86, tradução nossa[73]). Assim, aspectos como diversão, socialização e outros ganhos são relegados a segundo plano em nome do desempenho na modalidade.

Em nome do alto rendimento e seguindo tal ética, é autorizado que treinadores usem medo e intimidação para transformar jovens atletas em vencedores, "sem ter que prestar contas a nada a não ser forças de mercado" (Coakley, 2015, p. 90, tradução nossa[74]). A demissão do treinador pode ocorrer em caso de resultados negativos, mas o comportamento com os atletas dificilmente será motivo para sanções internas. Muitos pais e mesmo jovens atletas acreditam que a menos que os treinadores adotem tal postura, eles não conseguirão treiná-los e motivá-los da maneira mais eficiente e, consequentemente, não os transformarão em esportistas de elite. A relação do atleta com a dor física na prática esportiva começa a se estabelecer nessa fase da carreira:

> [...] se eles [jovens] praticam esportes organizados, suas interações com técnicos, colegas de equipe e mesmo médicos pode levá-los a redefinir a dor como uma parte normal da prática esportiva e a enxergar as lesões causadas pelo esporte como *símbolos de seu compromisso com a equipe e de sua identidade como atleta*. (Coakley, 2015, pp. 52-53, tradução[75] e grifos nossos)

A crescente organização dos esportes juvenis em torno da realização de objetivos mensuráveis em termos de rendimento também contribui para que o aspecto lúdico da participação esportiva seja colocado em segundo plano ou deixado totalmente de lado (Tubino, 2001; Coakley, 2015). Quando tal ludicidade não está presente nas experiências esportivas de jovens, "as taxas de desistência são altas e a probabilidade de retornar ao esporte é baixa" (Coakley, 2015, p. 98, tradução nossa[76]). A organização das instituições e estrutura de autoridade, desde os pais até os treinadores, pode levar os jovens ao afastamento do esporte. Quando a pressão por resultados afeta negativamente outras oportunidades, experiências e relacionamentos dos jovens, há a tendência a que muitos deles se afastem do esporte, por não sentir que a participação vale o esforço (Coakley, 1992). Em outros casos, há o prosseguimento dentro da modalidade, mas com o estabelecimento de uma relação ambivalente com a prática esportiva.

---

[73] "Are encouraged to evaluate experiences in terms of their progress in developing technical skills and moving to higher levels of competition"
[74] "Without being held accountable to anything but market forces"
[75] "If they play organized sports, their interaction with coaches, teammates, and even doctors may lead them to redefine pain as a normal part of playing sports and to see sports injuries as symbols of their commitment to a team and their identity as an athlete"
[76] "Dropout rates are high and the likelihood of returning to the sport is low"

4.1.2 Oportunidades e perspectivas para jovens atletas

Jovens atletas inseridos em programas de desenvolvimento esportivo de alto nível, em sua grande maioria, vislumbram um futuro no esporte profissional, visão compartilhada por muitos dos pais e apoiadores. Contudo, as chances de tais objetivos se tornarem realidade são baixas. É difícil mensurar a proporção de jovens que conseguem realizar a transição completa, desde a categoria de base até o profissionalismo, mas alguns dados da Associação Atlética Universitária Nacional (NCAA), que organiza e regula os esportes universitários nos Estados Unidos, oferecem um panorama. Em 2017, do total de atletas universitários, 1,9% se tornou profissional no futebol americano, 9,5% no beisebol, 1,4% no futebol e 6,4% no hóquei no gelo. No basquete, 19,3% dos homens e 4,9% das mulheres conseguiram uma equipe profissional, embora os números de entrada nas principais ligas sejam bem mais modestos: 1,2 e 0,9%, respectivamente (NCAA, 2019). A amostra analisada trata apenas dos atletas que participaram de alguma modalidade no nível universitário, uma porcentagem baixa se comparada ao total[77] de jovens que iniciaram em determinada modalidade.

Esses números mostram que a grande maioria dos jovens que se envolvem com a prática esportiva deixa sua modalidade antes de atingir o profissionalismo. Em alguns casos, o afastamento se dá voluntariamente, conforme citado, enquanto em outros o atleta é desligado do programa ou do clube. Esse é um momento que nem sempre é esperado e pode ser uma experiência de desilusão, de feridas narcísicas e um questionamento da identidade, além de fazer com que o jovem atleta tenha que lidar com as projeções e expectativas, tanto dele mesmo quanto de outras pessoas.

Outro ponto relevante é que, embora o esporte de alto rendimento de fato proporcione a possibilidade de grandes ganhos financeiros, os sonhados grandes salários e a vida luxuosa são reservados para pouquíssimos atletas, apenas a elite, e em algumas modalidades. É justamente com esses atletas, porém, que a maioria dos jovens que está iniciando no esporte irá se identificar. A imagem dos atletas de sucesso serve como modelo e inspiração para jovens atletas. Em modalidades por equipe, nem sempre o ídolo é o jogador mais habilidoso do clube ou o mais vencedor, havendo outros elementos que entram em questão, como a identificação com o clube e a dedicação dentro de campo ou quadra, chamada popularmente

[77] No caso do futebol americano, por exemplo, dos jovens que praticam a modalidade durante o ensino médio, apenas 6,9% continuaram no nível universitário. A modalidade em que mais jovens prosseguiram do ensino médio para o esporte universitário é o hóquei no gelo masculino, com 11,9%.

de *raça* (Queiroz, 2005). Há algo do investimento libidinal dos jogadores com o clube e dentro de campo que reverbera na relação com os torcedores e com os jogadores jovens. Tal identificação impacta também na propaganda e nas vendas de produtos, o que faz com que as chuteiras e camisas de jogadores prestigiados sejam sucessos comerciais. No caso de jogadores jovens, nota-se a imitação de cortes de cabelo como uma evidência da identificação com o ídolo, além de outros traços, como vestimenta, a escolha por determinado número da camisa e estética dos movimentos[78].

Além disso, fora das modalidades por equipes, muitas vezes os atletas dependem de patrocínios para conseguirem manter sua prática profissional, já que possuem diversos gastos, como equipamentos, nutrição, profissionais médicos, fisioterapeutas, etc. Essa necessidade de financiamento para a continuidade da prática em nível competitivo, por sua vez, reforça a urgência da obtenção de resultados na modalidade:

> É conhecida a dificuldade de um atleta ou equipe encontrar patrocínio para continuar mantendo um nível realmente competitivo em nível internacional de sua prática. E quando essa ajuda vem, isso tem seu preço. Os investidores esperam resultados e assim o atleta passa pela situação de sofrer até ameaças de desemprego quando algum campeonato se aproxima, caso não mostre a que veio. (Campos, 2015, p. 80)

Em se tratando dos atletas que atravessam todo esse processo e atingem o profissionalismo, surgem outras questões que serão abordadas a seguir.

4.2 O profissionalismo

Após a passagem para o profissionalismo, o atleta passa a ocupar outro lugar no laço social, estando em um lugar de constante visibilidade. Além disso, há mudanças significativas em suas relações, sua rotina e as expectativas que recaem sobre ele. A dinâmica e a discursividade vigentes no meio esportivo geram efeitos para os esportistas que potencializam o mal-estar vivenciado ao longo da carreira.

Pode-se pensar na carreira esportiva como um dos paliativos citados por Freud, tanto para o atleta que compete em alguma modalidade, quanto para o público que assiste às partidas e acompanha as equipes e esportistas diariamente. Isso aumenta o investimento libidinal no esporte por parte dos fãs e torcedores e, consequentemente, as expectativas e

[78] Como no caso de LeBron James e Michael Jordan, citado no capítulo anterior.

demandas que são investidas nos atletas, que devem ao mesmo tempo vencer e entreter o público.

A partir da passagem para o profissionalismo, a relação do atleta com o corpo, com seu tempo e com seus semelhantes sofre alterações significativas.

4.2.1 O corpo

Ao falar sobre as dimensões do mal-estar, Freud (1930/2010) inicia se referindo ao sofrimento proveniente do corpo, que é fadado ao declínio. Na carreira do atleta isso pode se apresentar tanto de maneira súbita - como uma lesão ou com dores advindas do esforço físico -, como progressivamente - com um desgaste natural que se traduz em perda de rendimento, muitas vezes levando à perda de espaço dentro da modalidade ou mesmo à aposentadoria involuntária. No caso do atleta, o mal-estar é potencializado, já que seu corpo é também seu principal instrumento de trabalho. E quando esse corpo se vê impossibilitado de atingir os resultados esperados, o esportista se vê fora do lugar com o qual se identifica e onde é reconhecido socialmente e por seus pares.

No mesmo texto Freud (1930/2010) afirma que o corpo é "sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho" (p. 43). A consciência de tal condição do corpo, contudo, não paralisa os indivíduos, "pelo contrário, ele mostra à nossa atividade a direção que deve tomar. Se não podemos abolir todo o sofrer, podemos abolir parte dele, e mitigar outra parte" (Freud, 1930/2010, p. 43). Ainda assim, no esporte há a tentativa constante de superar os limites, seja a partir de novas tecnologias (materiais esportivos mais leves, novas tecnologias para avaliação do desempenho, entre outras), seja com novas e mais complexas metodologias de treinamento e pela exigência de mais esforço do atleta, ou com base na manipulação química, de modo a aumentar o rendimento do corpo, a chamada dopagem. O imperativo da superação no esporte tem, em seu funcionamento, a lógica da tentativa de negação dos limites do ser humano e de seu corpo.

Anteriormente, em sua obra, Freud já havia tratado da relação do indivíduo com o corpo. No texto *O Eu e o id*, Freud define o corpo, principalmente sua superfície, como "um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente" (Freud, 1923a/1996, p. 31). No caso da dor física, Freud (1914/2010) a coloca como algo que afeta significativamente o indivíduo e suas relações:

> É algo sabido, e tomamos por evidente que alguém que sofre de dor orgânica e más sensações abandona o interesse pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito ao seu sofrimento. Uma observação mais precisa mostra que ele também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos, que cessa de amar enquanto sofre. A banalidade desse fato não pode nos dissuadir de lhe dar uma tradução em termos da teoria da libido. Diríamos então que o doente retira seus investimentos libidinais de volta para o Eu, enviando-os novamente para fora depois de curar-se. (Freud, 1914/2010, pp. 25-26)

Uma questão relevante para se pensar o mal-estar no esporte é que, neste, a dor orgânica se faz presente de maneira constante. Em meio à rotina de treinos e competições, contudo, não é permitido ao atleta perder o interesse "pelas coisas do mundo externo", como diz Freud, já que tal desinteresse certamente terá efeitos sobre seu desempenho. O que se apresenta na cultura esportiva é uma subversão da relação com a dor, que passa a ser vista como um traço que identifica o atleta e como signo de sua dedicação à modalidade e ao grupo (Coakley, 2015). Isso acaba por gerar uma ambivalência na relação com a dor e com o esforço físico ao longo da carreira. Há o incômodo, mas este é parte daquilo que insere o indivíduo no laço social desse grupo restrito.

Neste ponto, cabe retomar a entrevista do jogador de futebol Per Mertesacker citada na introdução deste trabalho, onde fala sobre sua aposentadoria e as diversas dores que sentia, mas que faria tudo novamente e que "valeu pelas memórias" (Mertesacker, 2018, tradução nossa[79]). Aí se observa algo da ordem da ambivalência na relação com a carreira esportiva. Embora haja um desgaste emocional gerado pelos anos no esporte e as lesões sofridas ao longo de sua prática, há um vínculo afetivo com a modalidade e a própria trajetória. É virtualmente impossível encontrar um atleta que não sinta dor física em sua prática esportiva, pois, conforme dito anteriormente, o esporte profissional se concentra no rendimento e nos resultados, estando distante da noção de bem-estar e de saúde. Muitos atletas, inclusive, fazem uso de medicações para conseguir lidar com a dor e participar de competições. Tais sacrifícios são considerados pelos atletas uma parte "normal" de uma carreira no esporte (Coakley, 2015).

4.2.2 O assujeitamento do atleta no meio esportivo

É esperado que os atletas vivam em conformidade a um código de demanda de dedicação, de sacrifícios e de disposição para colocar o próprio corpo em risco em nome da lealdade ao time e aos companheiros. Seguir tal código ao extremo é visto como "uma marca

[79] "It was all worth it for the memories"

de um *verdadeiro atleta*, que é aceito e respeitado pelos pares" (Coakley, 2015, p. 115, tradução[80] e grifos nossos). Isso cria condições que fazem com que o atleta se sinta impelido a tentar constantemente ir além de seus limites naturais.

> Para muitos atletas de elite, dor e sofrimento são parte inerente de seus treinos e competições. Mas com o tempo essas passam a ser vistas como indicadores diários de força interna e comprometimento; eventualmente, muitos atletas as enxergam como fontes de prazer. . . . Treinadores na maioria dos esportes de alto rendimento buscam atletas que se sintam desta forma e os usam como exemplos do que esperam de todos na equipe. (Coakley, 2015, p. 116, tradução nossa[81])

Para eles, esse não conformismo "é prova de sua dedicação e comprometimento" (Coakley, 2015, p. 118, tradução nossa[82]). Para os fãs essa postura é fonte de excitação e identificação, e para a mídia é algo vantajoso, pois a dramaticidade auxilia a promoção dos eventos e favorece aumento de telespectadores. A relação do atleta com pessoas de fora do esporte, porém, é complexa. Esportistas acreditam que as pessoas de fora do esporte não conseguem entender quem eles são ou o que fazem. Embora os atletas apreciam a aprovação do público, não é para eles que buscam a reafirmação de suas identidades enquanto atletas, pois entendem que os fãs ignoram o sacrifício diário que é necessário para ser um atleta (Coakley, 2015). A rotina do atleta, portanto, se observada mais atentamente, apresenta um contexto diferente do que se verifica no senso comum e na visão idealizada propagada pela mídia. Tal demanda pelo desempenho constante faz com que haja pouco ou nenhum espaço para a demonstração de incertezas e fragilidades que possam colocar em questão a adesão a tal ideal cultural (Rubio, 1998; Vaz, 1999).

> Submetido a uma rotina desgastante de treinos e jogos, o atleta se vê envolvido por questões como a ausência de contato com a família, superexposição na mídia e a impossibilidade de admitir – para si e para o público – suas fragilidades, angústias e incertezas. (Rubio, 2001, p. 98)

Segundo Campos (2015, p. 182), "o atleta-homem não encontra facilmente, nesse universo onde o rendimento impera, lugar para colocar-se como sujeito". É frequente que o atleta escolha guardar para si seus problemas, "por medo de ser visto como problemático pelo treinador e colegas" (Campos, 2015, p. 43). Socialmente, esportistas são reconhecidos

---

[80] "A mark of a true athlete who is accepted and respected by peers as one of them"

[81] "For many elite athletes, pain and suffering are an inherent part of their training and competition. But over time these come to be seen as daily indicators of inner strength and commitment; eventually, many athletes view them as sources of pleasure. . . . Coaches is most high-performance sports seek athletes who feel this way and use them as examples of what they expect from everyone on the team"

[82] "Is proof of their dedication and commitment"

primariamente por sua prática e seus feitos em suas respectivas modalidades, mesmo muitos anos após o término da carreira. Salvo raras exceções, são referidos como "ex-jogador" ou "ex-atleta", marcando constantemente aquilo que já não são mais, o lugar que não podem mais ocupar. Rubio (2001) ressalta a contradição entre o reconhecimento que recebem como ídolos e o esquecimento do lado humano do esportista.

Uma das principais maneiras pela qual se dá o assujeitamento e a tentativa de silenciamento dos indivíduos é o lugar que os atletas ocupam no meio esportivo no que diz respeito à possibilidade de tomar decisões sobre suas próprias vidas. "Atletas em esportes altamente comercializados geralmente perdem o controle efetivo sobre as condições de sua própria participação no esporte" (Coakley, 2015, p. 365, tradução nossa[83]). As decisões daqueles que controlam o esporte, os clubes e as equipes muitas vezes lidam com os atletas como objetos e mercadorias a serem gerenciados e negociados. Assim, "atletas em esportes comerciais geralmente são cortados do processo de tomada de decisão, mesmo quando as decisões afetam sua saúde e as recompensas que eles recebem por jogar" (Coakley, 2015, tradução nossa[84]). Quanto a isso, Ramirez (2003) traz o exemplo dos atletas do futebol. Há uma objetalização dos jogadores por parte de clubes, empresários mídia e torcedores, sendo negociados de um clube para outro, muitas vezes à sua própria revelia. Isso também acontece, embora de maneira distinta, nos esportes praticados nos Estados Unidos. Lá, no basquete, beisebol, futebol americano e futebol, os atletas têm contratos com suas equipes, que possuem a prerrogativa de trocá-los com outras equipes, independentemente do desejo do jogador e sem que este sequer tenha que ser informado antes que a troca seja efetuada. Isso muitas vezes ocorre durante a temporada, fazendo com que o atleta e sua família tenham que se mudar de cidade às pressas.

Esse panorama muda com o sucesso do jogador e o consequente aumento de sua importância para seu clube. A partir desse momento, ele passa a poder opinar sobre onde gostaria de jogar, entre as opções que se apresentam, ou até passa a ser considerado "inegociável". Outra opção para o atleta é recusar-se a jogar até que sua demanda como profissional seja atendida. Essa alternativa só é viável para atletas com carreiras já bem estabelecidas, pois se tal postura for adotada por um jogador que não tenha provado seu valor para e equipe e para os torcedores, a tendência é que ele seja dispensado e considerado "rebelde", o que trará dificuldades para conseguir uma nova equipe. Assim, é apenas por meio

[83] "Athletes in heavily commercialized sports generally lose effective control over the conditions of their own sport participation"
[84] "Athletes in commercial sports usually are cut out of decision-making processes, even when the decisions affect their health and the rewards they receive for playing"

do sucesso que os indivíduos passam a ter suas vozes ouvidas no panorama esportivo. Evidentemente trata-se de uma minoria, com a maioria sendo relegada à posição de responder às demandas e mesmo às ordens de treinadores e dirigentes.

Outro aspecto sobre o qual o atleta não pode decidir sobre sua vida é no uso de seu corpo e de parte de seu tempo livre, que passam a ser controlados pelos saberes científicos que regem a prática esportiva. Sua alimentação será controlada pelo nutricionista e seus horários e programa de treinamento pelo treinador e preparador físico. Em diversos esportes há o ambiente da concentração, onde os jogadores se reúnem alguns dias antes da competição, e seus horários e hábitos são observados de perto pela comissão técnica (Queiroz, 2005). Ainda assim, os atletas se submetem a tais condições por atribuírem a tais saberes científicos a possibilidade de atingir e manter o alto rendimento na busca por vitórias. Para a maioria dos atletas, "vencer é importante porque permite que eles continuem praticando o esporte que amam e retenham o respeito dos demais atletas" (Coakley, 2015, p. 130, tradução nossa[85]).

4.2.3 O lugar do atleta no laço social

Esportistas são indivíduos para os quais as exigências do grupo, seja este o dos demais atletas ou dos torcedores, estão sugeridas de maneira muito visível, sob a forma dos imperativos que regem a vida no esporte profissional: *vença, supere*. No laço social, atletas se inserem de maneira peculiar, possuindo ao mesmo tempo privilégios e restrições em relação aos demais cidadãos. Tal condição remete ao estudo realizado por Freud em *Totem e Tabu* (1913/2012), sobre os tabus em diversos povos ao longo da história[86]. Em muitos casos, esportistas podem realizar ações que, caso realizadas por cidadãos comuns, seriam criticadas ou mesmo punidas. Em algumas situações isso se dá devido às regras da modalidade (diversos esportes incluem em sua dinâmica agressões físicas que são passíveis de punição legal na sociedade), enquanto em outros os privilégios ocorrem por se tratar de alguém famoso e prestigiado na sociedade. Este aspecto em particular não se restringe a esportistas, mas a celebridades no geral. Por outro lado, são impostas restrições aos atletas que não se aplicam a outros cidadãos, por exemplo, no que diz respeito à alimentação. O atleta que não seguir à

---

[85] "Winning is important because it enables them to continue playing the sport they love to play and to retain respect from the other athletes"

[86] No texto em questão, Freud afirmou que os governantes de alguns povos possuíam privilégios perante os membros do grupo ou tribo, podendo realizar ações proibidas aos demais. Contraditoriamente, havia tabus específicos ao líder, fazendo com que este fosse limitado por outros tabus que não se aplicavam aos demais. Embora não se possa dizer que essa dinâmica persista da mesma maneira na sociedade atual, é possível traçar alguns paralelos com o lugar ocupado por atletas de sucesso.

risca a dieta prescrita por seu nutricionista será criticado duramente. O mesmo se aplica ao consumo de refrigerantes, bebidas alcoólicas e cigarros. Além disso, uma vida noturna intensa é criticada, por prejudicar o sono e a recuperação do atleta, além de ser interpretada como falta de foco na modalidade.

No que diz respeito a tais restrições, a mídia geralmente exerce papel de vigilância, colocando em evidência os comportamentos de atletas que não se adequam às expectativas do público. Os riscos de má publicidade são tamanhos para atletas e equipes, que todos os membros das organizações esportivas restringem o que falam para jornalistas (Coakley, 2015). Ainda assim, virtualmente todas as frases ditas pelas principais estrelas do esporte serão analisadas diariamente em programas de televisão, rádio e na internet. O impacto que jornalistas podem ter na vida de atletas faz com que a relação dos esportistas com a imprensa seja de tensão. A sobreposição do poder comunitário perante o individual não é sem consequências para as relações sociais, como defende Freud (1930/2010, p. 57):

> Sua essência está em que os membros da comunidade se limitam quanto às possibilidades de gratificação, ao passo que o indivíduo não conhecia tal limite. Portanto, a exigência cultural seguinte é a da justiça, isto é, a garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol de um indivíduo.

O processo civilizatório traz consigo a regulamentação das relações sociais, "que dizem respeito ao indivíduo enquanto vizinho, enquanto colaborador, como objeto sexual de um outro, como membro de uma família e de um Estado" (Freud, 1930/2010, p. 56). Para Freud, esse é o ponto que apresenta as maiores dificuldades no tocante a evitar as exigências ideais "e apreender o que é mesmo cultural" (Freud, 1930/2010, p. 56). Os atletas, na sociedade, ocupam um lugar particular, sendo depositários de identificações e idealizações por parte de cidadãos "comuns". Por estarem vivendo carreiras sonhadas por muitos e devido ao investimento libidinal dos torcedores, há uma expectativa de que os atletas cumpram as expectativas dos torcedores, que não levam em consideração o mal-estar e o lado humano do esportista.

Para o atleta, há uma pluralidade de relações com as quais ele deve lidar simultaneamente: familiares, amigos, colegas de equipe, dirigentes, mídia e fãs. Tais relacionamentos muitas vezes são conflitantes, já que a prática esportiva muitas vezes o afasta da família por longos períodos, além de algumas vezes haver conflitos entre familiares, dirigentes e torcedores. A relação com os dirigentes e fãs é pautada em grande parte por seus

resultados. Não é raro que atletas sejam ídolos durante uma fase vencedora de sua carreira e mais tarde caiam no esquecimento ou mesmo sejam tratados com antipatia.

A relação com os companheiros de clube é marcada por uma ambivalência. Nos níveis de elite de competição, atletas formam laços especiais uns com os outros (Coakley, 2015). Uma das principais questões que fortalece tais laços é a dedicação coletiva a um objetivo comum (a vitória), e a realização de sacrifícios por parte dos membros do grupo em nome da meta, como suportar a dor frente aos desafios dos treinamentos e competições. Ao mesmo tempo em que há identificação e vínculo entre os atletas, há também hostilidade e tensão, uma vez que na grande maioria dos esportes há a disputa dentro da equipe por uma vaga entre os titulares ou mesmo na própria equipe. Dessa maneira, um insucesso ou mesmo uma lesão do colega de equipe pode significar um ganho para o indivíduo. Essa hostilidade tende a permanecer no nível do inconsciente e pode gerar sentimento de culpa quando algo de tal ordem de fato ocorre.

A tensão das relações na vida de atletas não se resume a isso. Há também tensões dentro de uma mesma equipe, entre a equipe e os adversários, entre atletas de países diferentes e também com dirigentes, com a imprensa e mesmo com fãs. A satisfação dos impulsos agressivos é necessária para que se possa dar conta de tais interações. Conforme mencionado anteriormente, a própria dinâmica do esporte favorece tal satisfação por meio da agressividade presente em diversas modalidades. Além disso, o esporte é talvez o único meio cultural em que a hostilidade entre indivíduos é aceita e mesmo valorizada, na forma de rivalidades, muitas das quais são celebradas mesmo muitos anos após os duelos e competições[87]. Estas rivalidades tendem a ser exploradas pela mídia e muitas vezes ajudam na popularização do esporte, mesmo que temporariamente, como ocorreu com "*Magic*" Johnson e Larry Bird no basquete nos anos 80 (Edelman, 2010).

Freud (1921/2011) afirma que, na massa, os pensamentos e sentimentos dos indivíduos tendem a ser orientados nas mesmas direções, e há predomínio da afetividade e da psique inconsciente. Há a tendência à execução dos propósitos que surgem da maneira mais

---

[87] Alguns exemplos que ilustram esse fenômeno são as rivalidades entre Ayrton Senna e Alain Prost no automobilismo, Muhammad Ali e Joe Frazier no boxe e Nancy Kerrigan e Tonya Harding na patinação artística. Este último possui algumas particularidades. Nancy Kerrigan foi atacada na véspera do campeonato americano de patinação artística de 1994, após sair de uma sessão de treinos. A investigação policial apontou que o ataque foi planejado por Jeff Gillooly, à época marido de Harding. Após sua prisão, ele testemunhou que Harding estava envolvida no ataque, que teve como objetivo impedir que Kerrigan participasse dos Jogos Olímpicos de inverno, que ocorreriam alguns meses depois. Harding eventualmente confessou saber do ataque mas negou seu envolvimento. Ela foi banida da patinação artística e de se envolver com qualquer atividade relacionada à modalidade (Burnstein, 2014). É importante ressaltar que nem todas as rivalidades se dão em um contexto de inimizade entre os atletas ou, em muitos casos, após anos de hostilidade, se forma uma relação de respeito e amizade, como foi o caso de Bird e Johnson, no basquete (Edelman, 2010).

rápida possível, não havendo tolerância com a demora para a satisfação dos desejos e impulsos. Isso se encaixa de maneira muito intensa na cultura esportiva, havendo pouca tolerância com o fracasso, já que o rendimento de cada atleta é constantemente colocada à prova. No caso de uma queda no rendimento, há o risco constante da substituição por outro atleta que possa obter melhores resultados. No esporte, assim, está estabelecida uma discursividade que está sempre orientada para o "a mais": a próxima vitória, o novo recorde. Isso deixa pouco ou nenhum espaço para fraqueza ou dificuldades. Assim, os esportistas acabam duplamente impactados por essa urgência, tanto pela psique grupal quanto pela cultura esportiva.

Um elemento que pode surgir para atletas ao longo de suas carreiras é um sentimento de culpa. Para Freud (1930/2010, p. 94) este advém de uma ação reconhecida como má e "inicialmente o mal é aquilo devido ao qual alguém é ameaçado com a perda do amor; por medo dessa perda é preciso evitá-lo". Durante a carreira, o que ameaça o indivíduo com a perda do amor são a queda de rendimento, o abandono da discursividade e da lógica do alto rendimento e da ética do desempenho, o que faz com que o indivíduo não seja mais reconhecido como atleta por seus pares e perca prestígio perante o público. Não é raro que, após uma derrota (ou aposentadoria, como foi o caso de Gustavo Kuerten), o atleta peça desculpas aos torcedores, aos colegas, à sua cidade ou até ao país.

O sentimento de culpa, segundo Freud (1930/2010), se deve à introjeção da agressividade, que passa a voltar contra o próprio Eu como consciência moral e "dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos" (p. 92).

> À tensão entre o rigoroso Supereu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição. A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada. (Freud, 1930/2010, p. 92)

Freud aprofunda a explicação sobre o ideal do Eu em *O Ego e o Id*, o definido como uma instância moral e como o representante da relação com os pais.

> No curso posterior do desenvolvimento, professores e autoridades levam adiante o papel do pai; suas injunções e proibições continuam poderosas no ideal do Eu, e agora exercem a censura moral como *consciência*. A tensão entre as expectativas da consciência e as realizações do Eu é percebida como *sentimento de culpa*. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, com base no mesmo ideal do Eu. (Freud, 1923a/1996, p. 46)

O ideal do Eu, além de permitir analisar aspectos do mal-estar no âmbito particular, oferece melhor entendimento da Psicologia das massas, pois, "além do seu lado individual, ele tem o social, é o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação" (Freud, 1914/2010, p. 50). Não cumprir esse ideal gerará sentimento de culpa perante os demais membros da massa. Freud vê na origem de tal sentimento o medo do castigo e da perda do amor dos pais. Com o desenvolvimento do indivíduo e as relações subsequentes, o lugar dos pais passa a ser ocupado por diversos outros indivíduos e construções sociais. No esporte este papel pode ser tomado por torcedores, pela mídia, pelo clube ou mesmo pela pátria, o que terá impacto no psiquismo: "da mesma maneira, o superego, ao longo do desenvolvimento de um indivíduo, recebe contribuições de sucessores e substitutos posteriores aos pais, tais como professores e modelos, na vida pública, de ideais sociais admirados" (Freud, 1940[1938]/2018, p. 159).

Freud (1930/2010) realça essa forma de Supereu cultural que, assim como no indivíduo, coloca diversas exigências e ideais para os membros da comunidade.

> É lícito afirmar que também a comunidade forma um Supereu, sob cuja influência procede a evolução cultural. [...] O Supereu de uma época cultural tem origem semelhante ao de um indivíduo, baseia-se na impressão que grandes personalidades-líderes deixaram, homens de avassaladora energia espiritual, ou nos quais uma das tendências humanas achou a expressão mais forte e mais pura, e por isso também, com frequência, a mais unilateral. (p. 116)

O autor, inclusive, afirma que algumas manifestações do Supereu podem ser observadas mais facilmente no âmbito comunitário do que no individual. O não cumprimento de tais ideais é punido com a angústia de consciência. A consciência moral, de acordo com Freud (1914/2010), tem como tarefa buscar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e, para isso, observa o Eu atual, medindo-o constantemente pelo ideal. Trata-se de um processo normal da vida psíquica, mas que pode ter efeitos angustiantes para o indivíduo, já que:

> [...] este não se preocupa suficientemente com os fatos da constituição psíquica do ser humano, emite uma ordem e não se pergunta se é humanamente possível cumpri-la. Supõe, isto sim, que para o Eu do ser humano é possível, psicologicamente, tudo aquilo de que o incumbem, que o Eu tem domínio irrestrito sobre o seu Id. (Freud, 1930/2010, p. 118)

Durante seus anos de atividade, esportistas estão entre as figuras mais exploradas pela indústria cultural e científica na atualidade (Rubio, 2001). Em alguns casos, tal exploração já se inicia antes mesmo da chegada ao profissionalismo, como no caso citado anteriormente, de adolescentes altamente promissores. Muitos atletas de sucesso atingem a condição de

celebridades, tendo suas imagens e realizações associadas a marcas, produtos e estilos de vida a serem vendidos e consumidos pelo público. "As massas assistem e idolatram os poucos seletos que estão no topo" (Coakley, 2015, p. 66, tradução nossa[88]).

No contexto do lugar ocupado pelo esporte na sociedade atual, atletas podem ser ao mesmo tempo sujeito *e* objeto de investimento narcísico. Podem *ter* e *ser* um ideal. Principalmente em casos de atletas de elite, trata-se de algo relativamente comum, tendo-se que o indivíduo muitas vezes é colocado no lugar de ideal pela mídia, por torcedores e mesmo por outros atletas, especialmente por jovens que estão no processo de iniciação esportiva. Ao mesmo tempo, atletas, mesmo os mais famosos, geralmente colocam um outro atleta, normalmente de uma época anterior, no lugar idealizado. Ao longo da carreira, esse lugar do ideal é associado à vitória. Assim, o atleta não apenas deve vencer, mas também buscar o alto rendimento e a superação constantemente, como afirma Campos (2015). A autora cita os Jogos Olímpicos, mas a reflexão pode ser utilizada para além de tal competição:

> O que importa não é *apenas* vencer, mas quebrar recordes. Diferenças de milésimos de segundo separam o vencedor do perdedor, ou o "simples vencedor" da prova de um novo recordista olímpico. Ou seja, o ideal não é ser o melhor daquela prova naquela edição dos jogos, mas ser o melhor de todos até agora naquela modalidade, ser o maior do mundo, o mais forte, o mais rápido, o mais veloz de todos os tempos. (Campos, 2015, p. 66, grifo do autor)

Dias e Sousa (2012, p. 2) reconhecem que o esporte de alto rendimento "reverbera a lógica do laço social contemporâneo", com sua busca constante pelo "a mais", visando constantemente a superação de limites e recordes. Diante disso, é comum haver a desconsideração do atleta como sujeito, ficando este em uma "posição de objeto frente ao discurso da alta *performance*" (Dias & Sousa, p. 2). O que se mostra então é que não importa apenas vencer, mas estar em constante evolução e superar os recordes.

Com o aumento da presença da mídia no esporte e a evolução da capacidade de se obter e analisar estatísticas, há maior possibilidade para comparação entre atletas, tanto atuais quanto do passado. Os principais jogadores de futebol do mundo são comparados a Pelé ou Maradona e no basquete a Michael Jordan, por exemplo, em particular nos momentos de competições. As análises estatísticas, portanto, colocam mais elementos na relação entre o indivíduo e seu semelhante que, retomando Freud (1921/2011), ocupa o lugar de modelo, adversário ou auxiliador. Essa visibilidade constante do desempenho aumenta a tensão que

---

[88] "The masses watch and idolize the select few at the top"

está posta desde o início entre os participantes da cena esportiva, que muitas vezes são colegas do próprio time que disputarão uma vaga na equipe titular.

Além dessa disputa, com os competidores da outra equipe e dentro do próprio grupo do qual o atleta faz parte, em diversos momentos é feita a comparação do atleta consigo mesmo. Não apenas o esportista é confrontado com os desempenhos de ídolos do passado, mas com as próprias atuações e resultados em outros momentos da carreira. Frequentemente se observam na mídia análises do desempenho dos jogadores durante as temporadas, se houve aumento ou decréscimo nas estatísticas pessoais.

> Atletas aprendem que "você só é tão bom quanto o seu último jogo", e eles sabem que suas identidades e condição de membros da equipe estão sendo constantemente testados. Portanto, eles frequentemente adotam medidas extremas para provarem seu valor, mesmo que envolva violência. (Coakley, 2015, p. 151, tradução nossa[89])

Esses são alguns dos elementos que regem a vida de esportistas durante seus anos como profissionais. Contudo, conforme dito anteriormente, a carreira no esporte geralmente não é longa, e no momento da aposentadoria os indivíduos terão que lidar com o impacto do fim precoce do envolvimento nesse meio onde estão postas todas essas questões que envolvem indivíduo, comunidade e a relação entre ambos. Por isso, torna-se necessário um aprofundamento no estudo de como se dá essa transição e quais os efeitos da retirada de tal lugar para os esportistas.

4.3 O fim da carreira atlética

A aposentadoria é a transição final na carreira esportiva. O interesse acadêmico pelo tema do encerramento de carreira no esporte tem crescido rapidamente nos últimos 20 anos (Brandão et al., 2000; Marques & Samulski, 2009; Martin, Fogarty & Albion, 2014). As questões mais estudadas na área da Psicologia do Esporte são as dificuldades na adaptação à vida após o término da carreira e aspectos psicossociais dessa etapa, que é uma das principais passagens na vida de um atleta. Embora nem todos eles enfrentem dificuldades para lidar com o processo, o fim da carreira traz diversas mudanças e "requer dos ex-atletas ajustamentos nas esferas de vida ocupacional, financeira, psicológica e social" (Brandão et al., 2000, p. 1). O fim da atividade profissional é vivido como um momento de questionamentos e,

[89] "Athletes learn that 'you're only as good as your last game,' and they know that their identities and status as team members are constantly tested. Therefore, they often take extreme measures to prove themselves, even if it involves violence"

frequentemente, de angústia (Santos, M. F., 1990; Graeff, 2002). O lugar central que o trabalho ocupa na vida dos indivíduos contribui para o impacto da aposentadoria: "o parar de trabalhar está diretamente relacionado ao sentimento de fim da vida. Se trabalhar é viver, a vida sem trabalho denota finitude, simbolizando a impossibilidade de continuar interagindo, participando e vivendo em sociedade" (Costa & Soares, 2009, p. 103).

Os motivos que levam ao encerramento da participação esportiva são variados, desde lesões até uma queda natural no rendimento ou perda de interesse pelo esporte. A decisão de deixar a carreira nem sempre parte do atleta, o que é uma particularidade da carreira esportiva em comparação à maioria das outras áreas de atuação profissional. Sua trajetória no esporte pode ser encerrada involuntariamente por uma lesão grave que impeça a continuidade de sua prática ou por falta de oportunidades na modalidade, geralmente em decorrência de queda no desempenho (Selingardi, 2013). Mesmo nos casos em que a aposentadoria é voluntária, encerrar a carreira não é necessariamente uma decisão que os atletas tomam em um determinado momento e de forma permanente. Continuar no esporte é uma decisão diária e que pode ser reconsiderada a qualquer momento, conforme o significado e o sentido do esporte for se alterando em suas vidas (Coakley, 2015). Da mesma forma, há casos de atletas aposentados que decidem retomar suas carreiras[90].

Quando a aposentadoria se dá de maneira involuntária para o atleta, isso tende a potencializar efeitos negativos, sobretudo nos casos em que ela ocorre bruscamente, sem que o atleta possa se preparar ou organizar (Coakley, 2015; Lavallee, Gordon & Grove, 1997; Marques & Samulski, 2009). Isso é mais comum em casos de lesões graves, que podem ocorrer a qualquer momento da carreira e potencialmente encerrá-la ou abreviá-la devido às suas consequências. Nesses casos, não há necessariamente decréscimo do rendimento esportivo ao longo do tempo, o que pode auxiliar na percepção da finitude da carreira e tende a dificultar o processo de elaboração do encerramento da participação do esportista na modalidade, afetando o processo do luto, como será abordado adiante. Entre esses efeitos negativos da aposentadoria súbita pode-se destacar o adoecimento, notadamente sob a forma de diagnósticos de depressão (Cazón, 2008), além do abuso de álcool e drogas, e o risco de suicídio (Pacheco, 2002; Coakley, 2015).

---

[90] Um exemplo que ilustra tal mudança de relação com a prática esportiva é o do lutador de MMA B.J. Penn. Após 10 anos como profissional e ser campeão em duas categorias de peso, o atleta anunciou sua aposentadoria após ser derrotado por Nick Diaz: "Eu tenho uma filha e outra a caminho. Eu não quero chegar em casa com essa aparência" (Penn, 2011), em referência aos ferimentos obtidos durante a luta. Naquele momento, houve uma mudança do sentido que o esporte tinha para ele. Ainda assim, ele voltou a competir cerca de um ano depois. Em 2014, após uma nova derrota, afirmou ter decidido se aposentar novamente, e mais uma vez voltou a competir no ano seguinte.

Outra particularidade da aposentadoria do esporte é que esta se concretiza quando o profissional se encontra tipicamente em uma idade considerada jovem. Enquanto em algumas modalidades, como o golfe, é possível prolongar a prática, em outras o encerramento da carreira é bastante precoce: "uma ginasta com 20 anos ou mais vivenciou uma carreira longa, geralmente com duração de dois ou mais ciclos olímpicos[91]" (Barker-Ruchti et al., 2016, tradução nossa[92]). Devido à precocidade da aposentadoria, outra questão no esporte é que tal transição geralmente envolve a passagem para uma nova carreira. Quanto a essa nova carreira, alguns atletas buscam esquecer totalmente o esporte, enquanto outros procuram manter-se no meio esportivo, assumindo outras funções, como treinadores, empresários ou dirigentes (Brandão et al., 2000; Coakley, 2015; Martin et al., 2014).

A transição de carreira pode ocorrer de maneira menos angustiante quando algumas das seguintes condições se apresentam: que os atletas tenham se aposentado por escolha pessoal; que tenham cumprido metas pessoais traçadas dentro da modalidade; que a saída do esporte ocorra logo após o atleta alcançar o topo na modalidade; e que tenham completado os estudos (Brandão et al., 2000). Trata-se de condições que raros atletas conseguem atingir. Nas últimas décadas, o aumento dos salários permitiu que alguns atletas guardassem e investissem dinheiro, o que permitiu ao menos uma melhor condição financeira no momento da aposentadoria. Tem havido uma maior conscientização da necessidade de administrar melhor seus recursos, para evitar passar por dificuldades financeiras posteriormente. Além disso, surgiram organizações chefiadas por esportistas aposentados com o intuito de auxiliar os atletas que estão encerrando suas carreiras. Ainda assim, tais casos estão restritos principalmente aos esportes mais populares e aos atletas de maior visibilidade e sucesso. A realidade para a maioria dos esportistas profissionais é uma carreira de curta ou média duração em níveis de competição onde não ganharão grandes quantias (Coakley, 2015).

Devido às especificidades do encerramento da carreira no esporte, "o que se sabe sobre o processo de aposentadoria na literatura geral deve ser reexaminado no contexto esportivo" (Martin et al., 2014, p. 4, tradução nossa[93]). Rubio (2016) enfatiza a peculiaridade do fim da carreira esportiva adotando o termo pós-atleta em detrimento a ex-atleta ou atleta aposentado para se referir àqueles que passaram por tal transição. A autora justifica a adoção de tal expressão por afirmar que o esportista, mesmo se vendo na necessidade de adotar novos

---

[91] Segundo as autoras, a média de idade das ginastas que competiram nos Jogos Olímpicos de 2012 e 2016 foi de 20.1 e 20.29 anos, respectivamente.

[92] "A gymnast of 20 years or older, thus, has experienced a long career, commonly spanning two or more Olympic cycles"

[93] "What we know about the retirement process from general literature has to be reexamined in the sporting context"

papéis sociais, não perde seu vínculo com o passado e seu papel de atleta, sendo reconhecido socialmente desse lugar. Essa sua relação com sua identidade como atleta é um dos fatores que podem gerar tensão durante e após a aposentadoria, tornando necessário abordar este tema em seguida.

4.3.1 A identidade do atleta

O atleta, após passar a maior parte de sua vida envolvido em treinos e competições, deixa a prática esportiva em uma idade considerada precoce, se comparado a outros profissionais, mas sem mais conseguir alcançar o desempenho físico necessário para o alto rendimento esportivo (Selingardi, 2013). Após a aposentadoria, segundo Pacheco (2002), os atletas sentem falta do prestígio social, admiração por parte de torcedores, da convivência com os demais atletas, além dos ganhos financeiros relacionados ao esporte. Alguns esportistas escolhem tentar continuar a prática esportiva em ligas menores onde o nível de competição é menos intenso, muitas vezes mudando para outra cidade ou país[94]. Isso pode ocorrer tanto para manter os ganhos financeiros trazidos pelo esporte como para prorrogar a vivência da experiência esportiva, continuar vivenciando a relação com o corpo que o esporte propicia, assim como a excitação da competição (Coakley, 2015). Muitos, porém, não possuem ou não querem tais oportunidades e encerram suas carreiras imediatamente.

Outra preocupação que surge no momento do encerramento da carreira é que o encerramento dos treinamentos de alto rendimento produz consequências físicas para os atletas, sob a forma do processo de destreinamento. Essa é uma consequência inevitável de tal interrupção e acarreta perdas musculares e de habilidades, sendo um processo natural de regressão, mas que são vistas pelos atletas como perdas e involuções (Cazón, 2008). Tais perdas podem ser pensadas como feridas narcísicas que afetam a relação do esportista com o corpo, levando ao mal-estar.

Após a aposentadoria, à exceção dos atletas de expressivo sucesso ou que acabam trabalhando na mídia, pouco se fala sobre suas histórias, trajetórias e dificuldades, deixando de ocupar lugar de visibilidade. Muitos deles enfrentam dificuldades financeiras, considerando que o período em que estão em atividade e acumulando renda é curto, se comparado a outras carreiras. Embora o tema da aposentadoria no esporte esteja sendo

---

[94] Tal movimento é comum no futebol, com os atletas jogando em ligas menores em países como Arábia Saudita e Catar. Também se observa isso em outros esportes, como o basquete e o futebol americano, porém geralmente com os esportistas permanecendo nos Estados Unidos em ligas menores.

investigado com mais frequência atualmente, ainda há pouca literatura científica ou mesmo atenção por parte da mídia para os atletas após o encerramento de suas carreiras. Esses indivíduos, que ao longo de seus anos de atividade no esporte ocupam lugar privilegiado no imaginário social, alguns deles em uma posição de ideal a ser atingido, passam então ao esquecimento e desinteresse por grande parte do público e da mídia (Rubio, 2001). Na cultura da sociedade capitalista, em que o trabalho é vital para a construção da identidade do indivíduo, e no esporte, aonde o valor dos atletas é dado de acordo com seu desempenho e seus resultados dentro da modalidade, parar de atingir tais objetivos ou de produzir tende a ser vivido com grande pesar.

Esportistas passam longos períodos de tempo afastados de suas famílias e dos amigos de fora do meio esportivo, devido à rotina de treinos, concentrações e competições. Assim, durante a carreira, eles passam significativa parte de seu tempo na companhia quase exclusiva de seus companheiros de time e da comissão técnica. É nesse ambiente que são compartilhados os momentos de dificuldades, superação, vitórias e derrotas, e é desse ambiente que são retirados no momento da aposentadoria. A saída de tal meio é agravada pela percepção por parte dos atletas de que pessoas que não fizeram parte do meio esportivo "não conseguem entender a dificuldade envolvida na perda da identidade enquanto atleta de elite" (Coakley, 2015, p. 136, tradução nossa[95]). O sofrimento é potencializado devido ao fato de que o atleta aposentado se vê retirado do lugar que ocupava e, "ao mesmo tempo, é substituído por alguém com todas as capacidades que ele foi obrigado a abdicar ou teve que reprimir" (Costa & Soares, 2009, p. 102).

A aposentadoria representa a separação de uma atividade que contribui para a formação da identidade na sociedade (Selingardi, 2013). Uma situação que potencialmente gera problemas durante a transição para a aposentadoria está relacionada à identificação do indivíduo com o lugar de atleta de alto rendimento. Esportistas que não expandiram suas experiências de vida para além do esporte, tendo suas identidades ligadas predominantemente ao lugar de atleta, tendem a enfrentar mais dificuldades em tal momento (Coakley, 2015). Ao atravessarem tal transição, precisam ressignificar suas trajetórias no esporte e suas identidades, principalmente nos aspectos destas que não estejam relacionados à prática profissional. Precisam também reorganizar seus relacionamentos, o uso de seu tempo e, na maioria dos casos, suas vidas financeiras e ocupacionais. Trata-se de uma questão delicada, pois socialmente o reconhecimento do indivíduo que segue uma carreira no esporte se dá

[95] "Can't understand the difficulty involved in dropping an identity as an elite athlete"

predominantemente pela sua prática e por seus resultados, e a própria rotina do esporte dificulta a expansão dos horizontes e interesses dos atletas. Nem sempre os esportistas adquirem recursos para realizar tais tarefas em suas carreiras, o que se deve em grande parte à própria dinâmica da carreira esportiva:

> O fato de que atletas hoje têm que fazer um compromisso tão completo a seus esportes desde uma idade precoce frequentemente os priva das próprias experiências e relações que eles precisariam para se ajustar à vida após eles pararem de competir. (Coakley, 2015, p. 295, tradução nossa[96])

Tal dificuldade remete a uma citação de Freud a respeito da busca pela felicidade: "assim como o negociante cauteloso evita imobilizar todo o seu capital numa só coisa, também a sabedoria aconselhará talvez a não esperar toda satisfação de uma única tendência" (Freud, 1930/2010, p. 41). No caso de muitos esportistas, esta não é uma opção, devido a fatores socioeconômicos. Ainda assim, nos últimos anos tem-se observado maior número de atletas de sucesso se envolvendo com projetos paralelos e mesmo abrindo empresas não relacionadas ao esporte, como o lutador Conor McGregor e a tenista Maria Sharapova, que lançaram, respectivamente, marcas de uísque e doces. A popularidade alcançada no esporte favorece o sucesso de um eventual empreendimento fora do esporte, pois este já surge associado ao nome do atleta, despertando algum interesse dos fãs. Evidentemente tratam-se de exceções, e nos casos de atletas cuja prática ou interesses pessoais não permitiram o desenvolvimento de outras habilidades, interesses e identidades, a tendência é que tentem se manter no esporte o quanto conseguirem. Nesses casos, frequentemente o que ocasiona o fim da carreira são lesões (Coakley, 2015).

Um elemento da subjetividade que é afetado em tal momento é o que Freud (1914/2010) nomeia como amor-próprio:

> O amor-próprio nos aparece de imediato como expressão da grandeza do Eu, não sendo aqui relevante o caráter composto dessa grandeza. Tudo o que se tem ou que se alcançou, *todo resíduo do primitivo sentimento de onipotência que a experiência confirmou*, ajuda a aumentar o amor-próprio. (p. 45, grifo nosso)

Os atletas, especialmente aqueles que competem nos mais altos níveis, estão em um lugar social de prestígio e admiração. No momento em que encerram suas carreiras, porém, à

---

[96] "The fact that athletes today have had to make such a complete commitment to their sports from an early age has often cut them off from the very experiences and relationships they need when they must adjust to after they stop competing"

exceção de grandes ídolos do esporte, deixam esse lugar, o que acarreta, entre outras consequências, a perda do amor por parte do público. Segundo Freud (1914/2010), não ser amado rebaixa o amor-próprio, enquanto ser amado o eleva, já que "ser amado representa o objetivo e a satisfação na escolha narcísica de objeto" (p. 45). Sendo amado, o indivíduo pode reaver parte de seu narcisismo, possibilidade esta esta que se perde no momento da aposentadoria.

Ainda sobre as identificações, Freud (1923a/1996) afirma que "se estas predominam, tornam-se muito numerosas e fortes, incompatibilizando-se umas com as outras, um desfecho patológico é provável" (p. 38). Nesse sentido, o que muitas vezes ocorre no esporte com os indivíduos majoritariamente identificados com o lugar de esportistas pode trazer ganhos durante os anos de atividade profissional, já que não haveria tantos conflitos com diferentes identificações do Eu. Por outro lado, após o encerramento da carreira, o indivíduo tem de se haver com a impossibilidade de se manter em tal lugar. Selingardi (2013) considera a transição de carreira como um momento em que os atletas podem "reconhecer os sentimentos envolvidos e ressignificar a identidade vinculada ao fato de ser atleta" (p. 110), o que nem sempre é fácil. Ao se ver frente ao término da carreira, é necessário que o indivíduo "lance mão de recursos psíquicos para a possível realização de uma reestruturação narcísica a partir do encontro de novos investimentos" (Kegler, 2011, p. 15).

Para além dos aspectos da identidade que surgem no momento da aposentadoria, é importante que se analise a vivência do luto do término da carreira por parte dos atletas. Este é o passo seguinte neste trabalho.

4.3.2 O luto

O luto é descrito por Freud (1915/2010, pp. 171-172) como sendo, via de regra, "a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc.". Embora o luto ocasione alterações no indivíduo e muitas vezes o afaste de suas atividades, tornando seu mundo "pobre e vazio" (Freud, 1915/2010, p. 175), não é visto como um estado patológico para o qual seja necessário tratamento médico. "Confiamos que será superado após certo tempo e achamos que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial" (Freud, 1915/2010, p. 172). A explicação do fenômeno prossegue:

> O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que não lembra o falecido -, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor – o que significaria substituir o pranteado -, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido. Logo vemos que essa inibição e restrição do Eu exprime uma exclusiva dedicação ao luto, em que nada mais resta para outros intuitos e interesses. Na verdade, esse comportamento só não nos parece patológico porque sabemos explicá-lo bem. (Freud, 1915/2010, p. 173)

Assim, no trabalho realizado pelo luto, a libido deve ser retirada de suas conexões com o objeto amado, já que este não existe mais. Lavallee et al. (1997) defendem que reações de sofrimento relacionadas à aposentadoria do esporte são similares às relacionadas a outros tipos de perdas. No luto gerado pelo fim da carreira esportiva, porém, há alguns fatores que tornam o processo mais complexo. O que se deixa para trás em tal situação é o próprio lugar ocupado no laço social como esportista e as consequências de estar inserido nesse meio, como o prestígio e admiração perante fãs, ganhos financeiros e narcísicos, entre outros. Algo do próprio indivíduo é perdido nesse processo: "quando perdemos o outro, a voz que lhe dirigimos vai junto. Também por essa razão é difícil reconhecer uma perda e que demandamos que as substituições recomponham e confirmem uma identidade desfeita" (Costa, 2001, p. 35)

O meio esportivo, porém, permanecerá da mesma forma após a saída do atleta. O que ocorre, em tais casos, é a substituição do esportista dentro da equipe ou federação por outro que ocupará seu lugar, geralmente alguém mais jovem e em melhor condição física, outro fator que pode gerar feridas narcísicas. O contato com a modalidade tende a permanecer, seja como espectador pela mídia ou por interações com colegas, funcionários ou fãs. Esse contato, de certa forma, favorece a manutenção do estado de luto por um período maior, pois este "gosta de ocupar-se com o falecido, evocar sua lembrança e conservá-la tanto quanto possível" (Freud, 1913/2012, pp. 97-98).

Embora o foco seja o luto vivenciado na aposentadoria, este não é necessariamente o único momento em que o atleta pode passar por isso. Há diversas perdas e mudanças ao longo da carreira esportiva que podem ocasionar um luto, desde outras transições como mudanças de equipes ou cidades, o encerramento da trajetória nas categorias de base, demissões, não convocações para competições ou mesmo derrotas e lesões. Um agravante nesses casos é que, ao viver um luto durante a carreira, raramente são dados ao atleta o tempo e os recursos necessários para que ele o elabore, sendo necessário continuar a prática competitiva, com suas demandas de desempenho e resultados.

Freud (1915/2010, p. 174) mostra o caminho para a resolução do luto:

> O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique.

O texto prossegue com Freud definindo o luto como não sendo um estado patológico e acrescenta que, "após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente livre e desimpedido" (Freud, 1915/2010, p. 174), processo que se dá gradualmente. O que se observa atualmente na sociedade, porém, é a não aceitação do tempo necessário para que haja o trabalho e a consequente superação do luto. A demanda por produtividade e a não aceitação social da dor faz com que se trate o sofrimento como uma doença a ser erradicada, combatida com o uso de remédios psiquiátricos em busca de um bem-estar normativo. Esta postura se reproduz no meio esportivo. Há na psicologia do esporte uma preocupação com a "qualidade da adaptação" à aposentadoria por parte de atletas. Dessa forma, há uma reprodução da discursividade do alto rendimento e da própria ética do desempenho, com a dificuldade enfrentada na aposentadoria sendo tratada como mais um obstáculo a ser superado. O que se mantém nesta abordagem do fenômeno é o silenciamento do sujeito, que permanece sem ser ouvido.

Uma das principais questões que surgiram ao longo deste trabalho é que a discursividade dominante no meio esportivo, que gera efeitos nos atletas ao longo de suas carreiras, potencializa o sofrimento na aposentadoria e deixa marcas nos indivíduos mesmo após tal transição. Para o estudo de tal elemento do meio esportivo, será utilizada a teoria lacaniana dos discursos.

5 ESPORTE, DISCURSO E MAL-ESTAR

A análise do fenômeno esportivo na sociedade e da carreira de atletas profissionais destaca as relações entre identidade, ideal, narcisismo e produtividade, sob a forma de um imperativo de superação e de obtenção de resultados constantes. Para melhor compreensão de como isso se articula no laço social e os efeitos no indivíduo e em suas relações, será empregada a teoria lacaniana dos quatro discursos. Esta teoria é um operador relevante para este estudo, por se tratar de uma valiosa ferramenta "para analisar as situações, tanto de sua própria clínica quanto da articulação dela com os processos históricos que involucram a subjetividade" (Rosa, 2004, p. 146).

No estudo e análise de um elemento cultural como o esporte de alto rendimento, que se relaciona intimamente com a lógica capitalista, é fundamental que se leve em consideração as relações discursivas e de poder que se estabelecem. Além disso, o entendimento de como a discursividade dominante se manifesta no laço social e quais são os seus efeitos é de grande valia para o estudo das dinâmicas envolvidas no esporte de alto rendimento. Conforme cita Costa (2015): "Lacan legou-nos a proposta de uma diferença de discursos, o que implica uma escrita de diferentes posições do sujeito nos laços sociais, que são laços discursivos" (p. 24) Assim, o uso da teoria lacaniana dos discursos possibilita uma análise mais complexa e profunda da relação entre os indivíduos e das questões que surgem ao longo suas carreiras no esporte. Com isso, propõe-se articular de que forma as relações de dominação e o imperativo do alto rendimento se inserem nas próprias relações que envolvem o esportista e sua prática.

5.1 A discursividade do esporte de alto rendimento na atualidade

Para iniciar a discussão do tema, é fundamental partir de uma compreensão da discursividade presente no meio esportivo. Na sociedade moderna, o esporte progressivamente suplantou atividades físicas, militares ou higiênicas tradicionais, passando a um lugar de hegemonia. O discurso predominante hoje não se manifesta apenas no esporte de alto rendimento, mas como um outro imperativo, "faça esporte" (Ehrenberg, 2010), que se dirige a todos e que representa um modo de relação com o corpo, com o próximo, com o tempo livre e com a sociedade como um todo. Com o avanço da sociedade capitalista, passou a surgir uma determinação aos cidadãos para que estes façam um uso sábio de seu tempo livre (Besnier et al., 2018). Além disso, a relação com o corpo passou a ser permeada por um ideal estético que é presença constante em propagandas e capas de revista e que se traduz em

significativa quantidade de saberes e produtos, na forma de dietas, treinamentos e suplementos alimentares. O discurso esportivo, portanto, trata do controle tanto do corpo como do tempo, invadindo a vida dos membros da comunidade.

Embora este seja um traço cultural da sociedade capitalista como um todo, no esporte de alto rendimento este controle se dá de maneira ainda mais intensa, já que há todo um grupo de profissionais cuja função é manter o corpo do atleta apto ao alto rendimento, desde o peso e o percentual de gordura corporal até o nível de fadiga muscular a cada momento da temporada. Um extremo dessa lógica se mostra nos esportes em que há a divisão dos atletas em categorias de peso, como nas artes marciais e no levantamento de peso. Nesses casos, é obrigatório que o indivíduo se apresente para a pesagem antes da competição, o que pode ocorrer na véspera ou no dia da competição, a depender da modalidade. No caso do boxe e do MMA, é comum que os atletas realizem o processo de *corte de peso*, no qual propositalmente se desidratam e se alimentam o mínimo possível, de modo a alcançar o peso necessário, para se recuperar até o momento da luta. Isso se mostra na prática como uma maneira de competir acima do peso estipulado pela categoria, porém sem quebrar as regras do esporte, já que só é necessário que o lutador esteja no peso estipulado no momento da pesagem. O processo de corte de peso, porém, é perigoso e traz consequências para o indivíduo, tendo causado a morte de alguns atletas nos últimos anos[97].

No esporte, o corpo do atleta passa a ser visto como uma máquina cujo objetivo é sempre a busca do "a mais", da superação dos limites. Tal busca é organizada pelos conhecimentos científicos heterogêneos que atuam sobre os esportistas (Fisiologia, Nutrição, Psicologia, entre outras disciplinas), visando melhorar o desempenho e orientando a ação dos indivíduos. No esporte profissional, atualmente o corpo do atleta "é mensurado, monitorado, classificado, condicionado, treinado, regulado, e avaliado em termos de seu desempenho sob várias condições" (Coakley, 2015, p. 19, tradução nossa[98]). Passando a ser visto e tratado como uma máquina, ele deve ter suas partes "desenvolvidas, coordenadas, mantidas, monitoradas e consertadas" (Coakley, 2015, p. 19, tradução nossa[99]). Esta maneira de construção social do corpo atlético tem efeito, já que

---

[97] Dois exemplos que foram noticiados nos últimos anos foram o do lutador de MMA Leandro Feijão e do lutador de *Muay Thai*, Jordan Coe. As notícias sobre o ocorrido podem ser lidas em: http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/09/lutador-de-mma-morre-pouco-antes-de-pesagem-do-shooto-43.html e https://esporte.ig.com.br/lutas/2017-03-27/luta-morte-perda-de-peso.html (acesso em 08/05/2019).

[98] "The body is measured, monitored, classified, conditioned, trained, regulated, and assessed in terms of its performance under various conditions"

[99] "Its parts must be developed, coordinated, maintained, monitored, and repaired"

> enfatiza controle e racionalidade. Isto leva pessoas a aceitarem formas de regulação do corpo como pesagens, mensurações de porcentagem de gordura corporal, testagens de capacidade aeróbica e anaeróbica, observações de respostas fisiológicas a estressores, análises de sangue, dietas, uso de drogas e outras substâncias, testes antidoping, entre outros. . . .Tudo isto ajuda os treinadores a saber como "disciplinar" os corpos dos atletas e atingir os objetivos de performance. (Coakley, 2015, p. 19, tradução nossa[100])

A prática esportiva, portanto, já não é vista apenas em decorrência de questões econômicas, políticas e sociais: "o esporte é tido como a atividade central nas sociedades contemporâneas, com um conjunto próprio de valores a serem observados e analisados" (Rubio, 2001, p. 101).

A discursividade dominante no meio esportivo demanda dos atletas que alcancem constantemente melhores resultados, superem recordes e vençam as competições das quais participam. Esse imperativo rege suas vidas sem questionamentos, se transferindo sempre ao próximo obstáculo a se enfrentar. Pouco depois uma conquista já se espera que o atleta ou equipe retome o foco para "defender" o título no ano seguinte, como se diz popularmente (Queiroz, 2005). A própria expressão adotada pelo meio esportivo para definir tal ação é relevante para uma análise da tensão entre os competidores que entra em jogo nas competições. O lugar do vencedor é almejado por todos os demais competidores ou equipes, assim, cabe ao atleta manter-se em tal posição. O título de campeão ou vencedor carrega consigo outras significações, sendo um lugar privilegiado, fálico, onde o atleta obtém prestígio, reconhecimento e amor, sendo assim algo cuja perda tende a ser duramente sentida. Impera então a urgência de "defender" a preservação deste lugar. Colocam-se em cena nessas situações, portanto, pulsões agressivas e hostilidade entre os competidores.

O atleta é identificado socialmente por seus resultados, sua dedicação e ambição. É esperado que suas atitudes estejam em conformidade com o ideal e a ética do alto rendimento. A partir do momento em que se observa queda do desempenho ou há percepção de desinteresse[101] por parte do atleta, surgem questionamentos por parte de público e mídia, que tendem a se basear na capacidade e na motivação do indivíduo em se manter competitivo. No primeiro caso, interpela-se a viabilidade da continuidade da prática profissional do atleta, e é comum que se estabeleça que o esportista se encontra em "fim de carreira" (Queiroz, 2005). O segundo caso, quando há a percepção de perda de interesse do atleta por treinamentos e competições, tende a ser recebido com mais hostilidade por parte do público. O que se

---

[100] "Emphasizes control and rationality. It leads people to accept forms of body regulation such as weigh-ins, measuring body-fat percentage, testing for aerobic and anaerobic capacity, observing physiological responses to stressors, doing blood analysis, dieting, using drugs and other substances, and on and on. . . . All this helps coaches know how to "discipline" athletes' bodies and achieve performance goals"

[101] O que pode não condizer com a realidade.

evidencia então é o grau no qual se espera que haja uma sujeição a tal discursividade. Em ambos se espera que o esportista se mantenha em alto rendimento ou abandone a carreira esportiva. Há aí um imperativo que pode assumir várias formas de demanda perante os esportistas: *vença*, *supere*, *conquiste*. Isso é observado constantemente na sociedade capitalista e, consequentemente, no esporte de alto rendimento, que reproduz sua lógica.

Exemplos de críticas a atletas em decorrência do desempenho e da motivação podem ser vistos em diferentes modalidades. Nos esportes por equipes, há uma hierarquia dos melhores lugares para se competir, onde se concentram as melhores equipes e jogadores e onde se disputam as principais competições[102] (Coakley, 2015). É esperado que os grandes esportistas queiram estar em tais lugares para competir e enfrentar os adversários mais qualificados. Alguém que escolha competir em uma liga menor, mesmo que o faça por escolher receber um salário maior, sofrerá críticas na mídia. Isso pode ocorrer também em esportes individuais, embora seja mais raro. Além disso, atletas que se dividem entre o esporte e algum empreendimento pessoal, como uma empresa, trabalhos no cinema e outros projetos pessoais, serão criticados caso seu desempenho não se mantenha em alto nível.

O que se observa em tal relação entre mídia, público e atleta é um estranhamento quanto a decisões que possam ser tomadas que evidenciem algo do indivíduo que não está de acordo com o ideal do alto rendimento e da competitividade. Essa idealização dos esportistas por parte da sociedade faz com que se espere que todos se posicionem em suas carreiras de acordo com os discursos vigentes no meio esportivo. Nessa lógica, há uma tentativa de naturalização da busca contínua por conquistas e recordes e dos sacrifícios realizados neste processo. Assim, para o grande público, o atleta deve seguir o imperativo e querer constantemente competir, ganhar títulos e bater recordes. Essa racionalidade é própria da sociedade capitalista, que é organizada a partir da circulação do que não tem outra função a não ser se autovalorizar (Safatle, 2016). Nesse contexto, as ações dos sujeitos são determinadas a partir da produção de valor, o que, para os esportistas, está intimamente ligado ao seu desempenho nas competições. Grandes atuações e a conquista de títulos aumentam o valor de mercado do atleta e também quanto ele receberá em salário e patrocínios. É esperado que o indivíduo queira sempre se valorizar mais, inclusive devido ao fato de que sua valorização trará ganhos para a equipe, dirigentes, patrocinadores e outros membros da cena esportiva.

---

[102] No futebol, por exemplo, as principais ligas e equipes estão na Europa, sobretudo Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha. No basquete, o principal centro são os Estados Unidos. No hóquei, além dos Estados Unidos, a Escandinávia é um lugar visado pelos atletas. No vôlei, a Itália.

Com essa lógica de produção, o atleta ocupa o lugar de ter que responder às demandas de dirigentes, treinadores, patrocinadores, mídia e torcedores. O imperativo da superação e da vitória rege a vida no esporte, e para se adequar a isso o esportista responde com seu corpo e seu tempo. Muitas vezes sacrifícios são realizados, desde tempo longe dos familiares até lesões por exageros em treinamentos e competições. O excesso é marca do esporte, já que há a necessidade de superar os limites pessoais, e a maior parte das provas e modalidades é marcada por suas dificuldades físicas e técnicas.

Tais excessos observados no esporte não são questionados, mesmo que causem sofrimento aos atletas. Isso é condizente com a normatividade interna do capitalismo, focada em acumulação e desempenho, que também não é posta em discussão. Mantém-se a lógica contábil e financeira, além da ilusão da autonomia de cada um, com ênfase na meritocracia (Ehrenberg, 2010). Esta ausência de questionamentos sobre aspectos como o imperativo do alto rendimento, a discursividade presente no esporte ou o sofrimento que tal lógica pode causar nos indivíduos envolvidos com tais práticas é significativa. Um dos principais motivos pelos quais isso ocorre é porque espera-se dos atletas identificação e sujeição absolutas à norma esportiva, com as exceções sendo criticadas e excluídas do meio. Os momentos em que surge algo da ordem de uma interpelação são justamente tais situações em que emerge algo de um mal-estar que não pode mais ser ocultado, como se observou em diversos dos exemplos citados neste trabalho. Para uma melhor compreensão desta dinâmica discursiva e os efeitos gerados por esta, o conceito lacaniano de discurso será empregado.

5.2 Os quatro discursos em Jacques Lacan

A ideia de discurso está presente no ensino de Jacques Lacan desde cedo, mas começa a ganhar certo estatuto de conceito a partir do Seminário 7, realizado entre 1959 e 1960. Nesse momento, Lacan faz a articulação entre uma fala e um discurso:

> É a partir do momento em que falamos de nossa vontade, ou de nosso entendimento, como de faculdades distintas que temos uma pré-consciência, e que somos capazes, com efeito, de articular num discurso algo desse palavrório pelo qual nos articulamos em nós mesmos, justificamo-nos, racionalizamos para nós mesmos, em tal ou tal circunstância, o encaminhamento do nosso desejo. (Lacan, 1959-60/2008, p. 78)

Lacan afirma tratar-se justamente de um discurso, um do qual nada sabemos, e o define como um campo específico. Nesse seminário é feita também a distinção entre fala e discurso. No Seminário 17, dez anos mais tarde, conceitua o discurso como “uma estrutura

necessária, que ultrapassa em muito a palavra" (Lacan, 1969-70/1992, p. 11), e que estrutura o mundo real.

> [este aparelho] está desde já inscrito naquilo que funciona como essa realidade de que eu falava agora mesmo, a do discurso que já está no mundo e que o sustenta, pelo menos aquele que conhecemos. Não apenas já está inscrito, como faz parte de seus pilares. (Lacan, 1969-70/1992, p. 13)

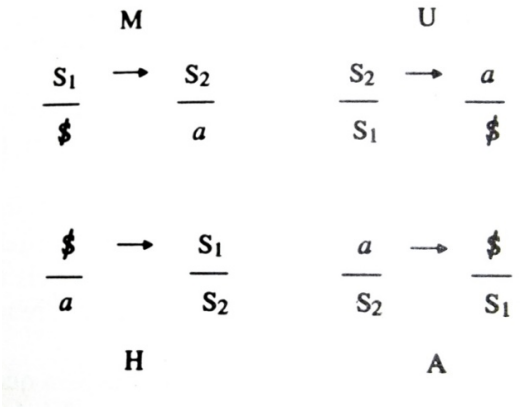
Lacan apresenta nesse seminário o que ficou conhecido como a teoria dos quatro discursos, que são operadores para se pensar sobre a clínica e o laço social. Neste momento de sua obra,

> os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem em seguida alojar-se neles. (Lacan, 1969-70/1992, p. 177)

Ao se tratar dos quatro discursos, é importante retomar o tema das impossibilidades. A primeira referência em Freud (1925/1996) às profissões impossíveis se dá em *Prefácio a juventude desorientada, de Aichhorn*. Neste, Freud cita educar, curar e governar como fadadas ao fracasso. Posteriormente, em *Análise terminável e interminável*, retoma o tema:

> Detenhamo-nos por um momento, para assegurar ao analista a nossa franca solidariedade pelas difíceis exigências que ele tem de cumprir ao exercer sua atividade. É como se analisar fosse a terceira daquelas profissões "impossíveis", em que de antemão se sabe que o resultado será insatisfatório. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são educar e governar. (Freud, 1937/1996, p. 319)

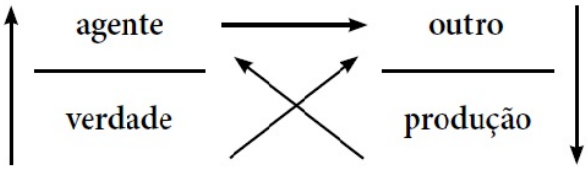
Retomando o Seminário 17, nele Lacan acrescenta uma quarta impossibilidade: fazer desejar. Estas quatro impossibilidades representam as formas de laço social, que por sua vez são articuladas nos quatro discursos. São eles o discurso do mestre, da histérica, do universitário e do analista, e se apresentam da seguinte maneira, na forma de matemas, introduzidos pelo próprio Lacan (1969-70/1992, p. 29):



Observando a construção dos discursos, observa-se quatro elementos e quatro lugares nos quais eles circulam através de operações de quarto de giro, mantendo assim a ordem entre os termos. Os termos em questão nos matemas são: S_1, o significante-mestre; S2, o saber; *$*, o sujeito; *a*, o mais-de-gozar (Lacan, 1970/2003). A ordem entre eles permanece a mesma, que é o que forma e distingue os quatro discursos.

> Se parece legítimo que a cadeia, a sucessão de letras dessa álgebra, não pode ser desarrumada, ao nos dedicarmos à operação de quarto de giro, iremos obter quatro estruturas, não mais, das quais a primeira lhes mostra de algum modo o ponto de partida. (Lacan, 1969-70/1992, p. 13)

Ainda sobre os matemas, a flecha na primeira linha indica uma relação definida por Lacan como impossível. "No discurso do mestre, por exemplo, de fato é impossível que haja um mestre que faça seu mundo funcionar. . . .O mestre nunca faz isso. Ele dá um sinal, o significante-mestre, e todo mundo corre" (Lacan, 1969-70/1992, p. 185). Na segunda linha não há algo semelhante, "e não apenas não há comunicação, mas há algo que obtura" (Lacan, 1969-70/1992, p. 185). Com base nos lugares lógicos no matema na imagem seguinte, observa-se que não há, portanto, relação entre produção e verdade. Tais lugares dentro da formalização de Lacan não se alteram independente de qual seja o discurso em questão, sendo eles:



Fonte: Lacan, 1969-70/1992; 1970/2003

Assim, cada um dos termos presentes, nas operações de quarto de giro, passam a ocupar outra função. São tais operações, portanto, que representam a mudança de um discurso para outro, e podem ocorrer em sentido horário ou anti-horário.

5.3 O discurso do mestre no esporte

Uma maneira de se pensar os discursos no esporte é citado pela psicanalista francesa Marie-Hélène Brousse, para quem esse conceito pode ser aplicado à atividade esportiva como instrumento de compreensão e análise desta.

> O esporte é, portanto, um discurso no sentido que Lacan dá, sendo uma forma de laço social, determinada por uma prática. O discurso esportivo tornou-se progressivamente um dos laços mais fundamentais ainda em atividade para nós e certamente determinante, que podemos manter com nosso corpo. Ele ainda quer se tornar um discurso hegemônico sobre o corpo ao se apresentar como o emblema de uma nova relação corpo-sociedade em nossa civilização. (Brousse, 1997, p. 32, tradução nossa[103])

A autora associa o discurso esportivo ao discurso do mestre. Este discurso mascara a divisão do sujeito, $, que ocupa no matema o lugar da verdade, que permanece oculta. "as verdades que nos importam, e não pouco, estão condenadas a serem obscuras" (Lacan, 1969-70/1992, p. 98). Lacan coloca o lugar do trabalho na sociedade como evidência do funcionamento do discurso do mestre:

> Como é que esse discurso, que se escuta tão maravilhosamente bem, pode ter mantido sua denominação? Isto é provado pelo fato de que, explorados ou não, os trabalhadores trabalhem.
>
> Jamais se honrou tanto o trabalho, desde que a humanidade existe. E mesmo, está fora de cogitação que não se trabalhe.
>
> Isto é um sucesso, então, do que chamo de discurso do mestre. (Lacan, 1969-70/1992, p. 178)

No caso, o S_1, significante mestre da prática esportiva, é "ganhar"[104] (Brousse, 1997), que se refere tanto aos outros competidores quanto a si mesmo, no caso da superação pessoal e dos próprios recordes e resultados prévios. Além disso, ganhar se refere a contabilização, tanto financeira quanto dos sucessos competitivos, o que pode ocorrer na forma de *rankings*

---

[103] "Le sport est par conséquent un discours au sens que lui donne Lacan, soit une forme de lien social, déterminé par une pratique. Le discours sportif s'est progressivement hissé au rang des liens les plus fondamentaux encore en activité pour nous et assurément déterminant, que nous puissions entretenir avec notre corps. Il tirent même à devenir un discours hégémonique sur le corps en se présentant comme l'emblème d'un nouveau rapport corps-société dans notre civilisation"

[104] Tradução nossa: no original, *gagner*. A escolha da tradução por "ganhar" em detrimento de "vencer" se deu pela manutenção da pluralidade de sentidos da palavra. Ganhar sublinha, além da competição, o aspecto financeiro, do acúmulo e de premiações.

ou compilações de estatísticas. O próprio termo “alto rendimento” que é frequentemente utilizado para se referir ao esporte profissional, inclui em si o elemento do ganho e acúmulo.

Na articulação do discurso esportivo trazido pela autora, o S_2 do matema, o saber, é constituído pelo conjunto de conhecimentos que organizam disciplinas e treinamento esportivos (Brousse, 1997). O saber no esporte se divide entre o saber do atleta - saber fazer, técnico, a habilidade técnica da prática de cada modalidade - e os saberes científicos multidisciplinares que regem os treinamentos, táticas e o controle do corpo do atleta. O treinador e sua comissão técnica detêm um saber que delimita que treinamentos serão utilizados, qual a intensidade e periodicidade dos treinos, a tática e estratégia de competição. Além disso, os saberes que controlam os corpos dos atletas envolvem a Fisiologia, Nutrição, Fisioterapia e outras ciências do esporte, que determinaram como o atleta e seu corpo devem ser trabalhados a cada momento. Isso se apresenta na prática como um controle da alimentação, descanso, intensidade dos treinos e mesmo a decisão sobre a participação ou não do atleta em determinada prova. Tais fatores muitas vezes são decisivos para o resultado de uma competição e ao longo da temporada.

Assim, seguindo o modelo do discurso do mestre criado por Lacan, tem-se o S_1 “ganhar” no lugar de agente, sendo o princípio determinante do esporte de alto rendimento. Tal significante está sempre em destaque no esporte e se estende a outros aspectos da sociedade capitalista, desde o culto ao empreendedorismo até as práticas de lazer (Ehrenberg, 2010). O outro desse agente, S_2, é o conhecimento esportivo, o saber entra em jogo na prática esportiva. O produto de tal discurso é o desempenho, objeto *a*, mais-de-gozar, o “a mais” que é buscado incessantemente pelos atletas e ao mesmo tempo é demandado deles por diversos membros da cena esportiva, que terão ganhos com o rendimento do esportista. Para este, mesmo após a eventual obtenção de uma conquista ou novo recorde, haverá a próxima competição ou recorde a ser batido, ou seja, haverá sempre uma falta, nenhuma conquista será plena. Tal constatação, que permanece oculta, representa verdade do discurso esportivo, *$*, ou seja, que o sujeito esportivo é barrado, verdade esta encoberta sob o significante mestre do imperativo ganhar. Toda a lógica esportiva e sua discursividade são voltadas para a negação de tal barra, sendo essa uma verdade que não pode aparecer para que o discurso permaneça funcionando.

O discurso esportivo, assim, se mostra como uma manifestação do discurso da mestria no campo das habilidades e ações motoras. Brousse (1997, p. 33, tradução nossa[105]) propõe dois níveis que organizam o laço social em jogo nesse campo:

> Um primeiro nível, aquele do sistema de signos, centrado por um significante mestre organizando o conhecimento do controle do corpo; e o nível do lado de baixo, inconsciente e reprimido, mas que articula um sujeito mortificado pelo sistema de signos a uma "carne" em oposição ao corpo racionalizado. Sob o ideal de mestria e potência, emerge um sofrimento que acompanha qualquer tentativa de cruzar fronteiras.

Esse corpo racionalizado, em oposição à carne, remete ao que o discurso esportivo visa construir a partir dos discursos científicos. Na tentativa de negação da castração, observa-se a busca por silenciar ou apagar os limites do corpo, de modo a tentar transformá-lo em uma máquina controlável e previsível, tentativa esta fadada ao fracasso: "sempre o que 'não funciona' é a não-adequação perfeita do corpo a uma imagem" (Costa, 2001, p. 149). É com essa dualidade da relação com o corpo que os sujeitos têm que lidar, sobretudo em momentos em que essa falha se faz evidente e quando, consequentemente, algo desse discurso cai, como em lesões e no fim da carreira.

Em tais situações, o limite do corpo, da carne, se faz presente e algo da ordem do impossível se apresenta para o sujeito, no que diz respeito a superar ou continuar produzindo com seu corpo nos termos em que este é demandado pelo outro. Assim, retomando a fala de Freud sobre as impossibilidades, fica evidente como a tentativa de governar o corpo sempre terá resultados insatisfatórios, o que remete a uma passagem de *O mal-estar na civilização*, onde afirma que o corpo é "sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho" (Freud, 1930/2010, p. 43). Frente esta impossibilidade, porém, o esporte, regido pela lógica capitalista, recorre à força de trabalho, na forma de novos e mais jovens atletas que substituíram aqueles que já não se adequam mais a lógica do alto rendimento.

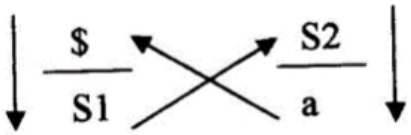
5.4 O discurso do capitalista

O discurso do capitalista é mencionado em diversos momentos do ensino de Lacan. No Seminário 17, Lacan se refere a ele como o discurso do senhor moderno, e envolve uma modificação no lugar do saber. No mesmo seminário faz referência a uma "mutação capital,

---

[105] "Un premier niveau, celui du système de signes, centré par un signifiant maître organisant les savoirs de la maîtrise du corps; le niveau du dessous, inconscient et refoulé, mais qui articule un sujet mortifié par le système de signes à une « chair » en opposition au corps rationalisé. Sous l'idéal de maîtrise et de puissance, se profile une souffrance qui accompagne tout tentative de franchissement des limites"

também ela, que confere ao discurso do mestre seu estilo capitalista" (Lacan, 1992, p. 178). Posteriormente, em 06 de Janeiro de 1972, afirma que o discurso do mestre passa por um "ínfimo deslizamento", se tornando discurso do capitalismo (Lacan, 1972/2011, p. 88). Nesta nova formalização, é realizada uma inversão das posições de *$* e S_1 no matema do discurso do mestre, passando assim ao discurso do capitalista. Nele, o Sujeito passa ao lugar do agente e o Significante Mestre ao lugar da Verdade.



A mudança dos lugares de agente e verdade não é sem consequências, alterando-se a relação do sujeito com o objeto e o desejo. Lacan afirma, em sua conferência em Milão, em 1972, que tal inversão no discurso do capitalista "será suficiente para que isso ande como se estivesse sobre rodas, isso não tem como andar melhor, mas desse modo isso anda rápido demais, isso se consome, isso se consome tão bem que isso se consuma" (Lacan, 1972/1978, p. 48).

Sobre o funcionamento do discurso capitalista na sociedade, Lacan afirma:

> O que distingue o discurso do capitalismo é isto: a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico, com as consequências de que já falei - rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor, meus bons amigos. Como vocês veem isso, não é pouca coisa, certo?
>
> Foi justamente por isso que, dois séculos depois desse deslizamento – vamos chamá-lo calvinista, por que não? -, a castração fez, enfim, sua entrada irruptiva, sob a forma do discurso analítico. (Lacan, 1972/2011, p. 88)

A castração é justamente o que aparenta ser rejeitado no discurso esportivo, como na já citada campanha *Impossible is Nothing*. O que ocorre, porém, é que o atleta eventualmente será confrontado com ela, seja por um resultado em competição, por uma lesão ou mesmo por uma queda gradativa em seu desempenho.

No esporte, essa ilusão se manifesta na busca pela vitória como algo que traria a completude. O lugar fálico do atleta vitorioso como resposta a castração e a falta. A questão, porém, é que isso é da ordem do inatingível, já que nenhuma vitória é plena e, conforme citado, sempre haverá a próxima competição, com os mesmos imperativos e demandas de

reconhecimento e provação. Outro contexto no qual se mostra uma das principais tentativas de mascarar a castração, não apenas no esporte, mas na sociedade como um todo, é pela busca ilusória do corpo jovem eterno (Marino & Priszkulnik, 2011). No esporte isso está sempre em questão, já os corpos estão em constante visibilidade e avaliação, e há o constante surgimento de atletas mais jovens. Observa-se que a demanda sobre o corpo, que deve estar sempre em condições de alcançar o alto desempenho, vai se tornando cada vez mais intensa conforme o esporte se desenvolve. Pode-se pensar que uma das consequências de tal movimento no esporte é o uso de dopagem, como forma de melhorar o rendimento ou a recuperação após lesões ou desgaste físico em treinamentos ou competições.

No discurso do capitalista, "quem continua 'ordenando' é o S_1: o moderno mestre capitalista. Ele o faz a partir do lugar da verdade e se dirige ao outro" (Dunker et al., 2016, p. 152). Aqui, o saber "opera por meio do saber científico (S_2), produzindo esses objetos desejáveis" (Dunker et al., 2016, p. 152). No caso do esporte, esse objeto desejável é o desempenho, inscrito no corpo do atleta, operado por meio dos saberes científicos que atuam sobre ele, que regem seus treinamentos e rotinas. Por sua vez, a ciência produz mercadorias, como equipamentos, camisas e diversos produtos, cada vez com novas e mais avançadas tecnologias, que serão utilizadas e promovidas pelos atletas em competições e em seguida vendidas ao público, fazendo uso da imagem do esportista e de sua prática. Os autores acrescentam ainda que "o sujeito, na cegueira de suas demandas, sem sabê-lo, inconsciente, acreditando na força do 'eu', faz atuar a ordem do mestre. O agente do discurso capitalista ($) 'faz semblante' de ser o mestre, acredita não estar sujeitado a nada" (Dunker et al., 2016, p. 152). A verdade que se oculta aí é a submissão a essa discursividade, o S_1, significante-mestre que rege o consumo.

> [...] impera a lógica do ter e do individualismo [...] Neste discurso o que se visa é o sucesso individual engendrado pela quantidade do ter de objetos-mercadorias oferecidos pelo capitalismo (mercado). Tais objetos são envoltos, imaginariamente, em promessas de felicidade – existe uma associação entre o objeto e sua posse e a satisfação de todos os anseios do ser humano – que promovem uma ilusão de completude. (Marino & Priszkulnik, 2011, p. 70)

Em tal lógica, portanto, cria-se a ilusão de que há um objeto no mercado que satisfará o desejo do sujeito, que nada quer saber a respeito do impossível (Sauret, 2003; Pacheco Filho, 2017). No capitalismo só os produtos são mercadorias, mas também os próprios trabalhadores, que vendem sua força de produção no "mercado" de trabalho (Pacheco Filho, 2017). Outro aspecto da relação indivíduo-mercadoria é apontado por Costa (2001), que cita a

maneira como o capitalismo “transforma o nome próprio em marca de consumo” (p. 145), citando o exemplo de Coco Chanel. O esporte profissional se insere em tal funcionamento de maneira particular e significativa. Esportistas, sobretudo os de sucesso, têm marcas, momentos e imagens associados a seus nomes, e seus resultados competitivos alteram os valores de suas marcas. Além disso, nas modalidades por equipes, os atletas têm um valor de mercado, na forma de multas rescisórias ou outras questões contratuais, que os colocam na posição de ser comprados, trocados ou vendidos por outras equipes.

5.5 Saber e poder na cena esportiva

Conforme citado, o agente do discurso do mestre encontrado no meio esportivo é o S_1, significante mestre que coloca em jogo o imperativo “ganhe”. Essa ordem é dada por diferentes membros da cena esportiva, muitas vezes simultaneamente. As relações que se estabelecem com cada um destes membros pode variar significativamente, inclusive por se tratar de relações de poder distintas. Como citado anteriormente, há diversos participantes da dinâmica do esporte de alto rendimento que possuem algum grau de controle sobre a carreira do atleta. O treinador controla o regime de treinos, quais atletas competirão em determinada prova e a própria continuidade de cada um dentro da equipe. Os dirigentes, ocupando um lugar mais distante da prática profissional no dia à dia, em geral não influem sobre os treinamentos, mas possuem poder para retirar tanto o atleta quanto o treinador da equipe, além de deter poder político e financeiro nas instituições. A comissão técnica, em geral uma equipe multidisciplinar, que controla os saberes científicos que regem os hábitos do atleta, detém poder na medida em que passa orientações que devem ser obedecidas. O não comprimento da dieta elaborada pelo nutricionista ou de um exercício recomendado pelo fisioterapeuta, para citar dois exemplos, pode acarretar punições. Ao atleta muitas vezes resta decidir se irá acatar as demandas e ordens ou não, o que pode lhe trazer consequências para a continuidade da sua trajetória no clube e na própria modalidade.

Outra figura significativa na vida de um atleta é a mídia, que detém significativo poder, na medida em que é presença constante na sociedade, e controla sobre a imagem e a narrativa que serão construídas sobre o atleta e sua trajetória. Com seus programas diários de discussões e análises das competições esportivas, a mídia influencia a percepção que o público terá de um atleta. Pode-se pensar em tal agente social como uma reprodutora do discurso do mestre, na medida em que destaca constantemente o significante mestre e medeia as consequências do fracasso em estar de acordo com o imperativo associado a ele.

Frente a essas figuras de autoridade, com seus saberes que envolvem formas de controle sobre o atleta, seu corpo e mesmo sua imagem, um outro saber deve ser aprofundado: o já citado saber do atleta. Este possui um conhecimento ao qual nenhum outro membro da cena esportiva tem acesso ou controle. Trata-se de um saber sobre o próprio corpo e também o saber prático do que existe diretamente na prática esportiva. Pode-se pensar nas técnicas, habilidades e movimentos necessários para o sucesso em competição, e também no saber do corpo, na medida em que apenas o atleta sabe o que está sentindo a cada momento. Esses saberes não são estáticos, sendo trabalhados ao longo da carreira no esporte, e crescem através dos treinamentos e do acúmulo de experiência dentro da modalidade. Essa relação entre os saberes remete ao que cita Lacan sobre o discurso do mestre, quando associa tal construção à dialética do senhor e do escravo, trazida por Hegel. O saber, em sua origem, está do lado do escravo, que sabe o que o mestre deseja.

Para melhor compreensão de aspectos da carreira do esportista, é relevante abordar aspectos das relações de trabalho que se estabelecem nesse meio. No futebol, por exemplo, atualmente vigora a Lei 9.615, sancionada em 24 de março de 1998. Essa lei, apelidada de Lei Pelé, mudou as relações formais de trabalho entre jogadores e clubes. Até então, vigorava no Brasil o que era conhecido como "Lei do Passe", que significava que o "passe" do jogador, e consequentemente ele próprio, era propriedade do clube no qual atuava.

> Para os clubes, o "passe" se mostrava como verdadeira premiação pela formação do atleta ou mesmo pela visibilidade que dava ao mesmo, permitindo sua valorização e posterior transferência de agremiação. Noutro sentido, na visão do atleta, o "passe" consistia em verdadeiro aprisionamento, uma vez que era tolhida sua liberdade de disponibilização da própria "força de trabalho" (prática do esporte), deixando-o à mercê das agremiações detentoras de seu "passe". (Correia de Melo & Correia de Melo, 2006, s.p.)

Em outros esportes, os vínculos se dão de maneira diferente. Nos Estados Unidos, os clubes detêm a posse dos contratos dos atletas, podendo trocá-los entre si caso desejem fazê-lo. Muitas vezes o atleta é trocado subitamente e precisa reorganizar sua vida. A única resposta possível para o atleta, caso esteja insatisfeito com suas condições, é se recusar a jogar na temporada. Isso é efetivo devido ao fato de nos esportes americanos haver um teto nos valores que cada equipe pode pagar aos seus elencos. Por isso, dificilmente uma equipe terá condições de pagar a um atleta para substituir aquele que não está participando das competições, sendo forçada a trocá-lo. Essa estratégia tem se tornado mais comum nos últimos anos em esportes como o basquete e o futebol americano. Esta se mostra uma das

poucas estratégias efetivas de resistência às relações de poder que se estabelecem entre dirigentes e atletas no meio esportivo.

5.6 Das resistências possíveis

Embora sejam casos ainda raros, há atletas que criticam publicamente a dinâmica e as estruturas de poder que se estabelecem no esporte. Uma das principais dificuldades em se abordar o tema é que atletas que tendem a adotar essa postura sofrem uma tentativa de silenciamento por parte das forças dominantes no meio esportivo. Assim, para que se aumente a probabilidade de que tais críticas sejam ouvidas, é necessário que elas venham de atletas de maior destaque, que geralmente têm muito a perder ao vir a público. Nesse sentido, o *The Players' Tribune* é uma ferramenta interessante, pois oferece espaço para que atletas de menor expressão possam fazer suas críticas, mesmo que estas não alcancem a mesma visibilidade.

Também são significativos os movimentos organizados com o intuito de realizar demandas políticas no esporte. Neste ponto, cabe citar dois exemplos: a já citada democracia corinthiana e o Bom Senso Futebol Clube**.** A democracia corinthiana foi um movimento que, em plena ditadura militar, promoveu no clube um sistema de autogestão democrática. Neste funcionamento, todos os funcionários, desde jogadores até a diretoria, tinham o direito e a oportunidade de opinar e deliberar sobre assuntos do clube, como contratações, escalação do time e a abolição da concentração antes dos jogos. Além disso, nesse período, a equipe se imiscuía em assuntos relacionados à política nacional, como a importância do voto (Florenzano, 2010). Já o Bom Senso Futebol Clube foi um movimento criado por atletas, que tinha como reivindicação a melhoria das condições de trabalho para os jogadores no Brasil, tendo algumas conquistas, como garantias trabalhistas e a aprovação de medidas de responsabilidade fiscal por parte dos clubes (Belmar, 2016). Ambos os movimentos tiveram curta duração, com o primeiro se mantendo ativo entre 1982 e 1984 e o segundo entre 2013 e 2016.

O questionamento desse S_1 que rege a prática do esporte de alto rendimento tem o potencial de promover mudanças significativas na lógica vigente, mas é possível supor que qualquer denúncia enfrentará grande resistência e tentativa de silenciamento e boicote na mídia. Perante o público, esportistas que se recusam a jogar com dor, por exemplo, são vistos como pouco determinados, não aguentando pagar o "preço" necessário para obter sucesso. Para os companheiros, não estão de acordo com o ideal do grupo (Coakley, 2015). São raros

os atletas, notadamente aqueles ainda em atividade, que se permitem criticar a lógica e cultura do esporte. Cabe lembrar o caso do atacante Émerson Sheik no futebol, que, saindo de campo após ser expulso em uma partida em 2014, proferiu a frase "*CBF,* você é uma vergonha" diretamente para a câmera que o filmava. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva puniu o atacante com a suspensão por uma partida.

Nesse sentido, o discurso histérico surge como possibilidade, por agir como uma espécie de sintoma do discurso do mestre, tendo como agente a exposição da divisão do sujeito e denunciando o mestre e demandando uma nova articulação de saber (Dunker et al., 2016). Uma possibilidade que parece ainda mais distante, no meio esportivo, é a de se alcançar o discurso do analista, "que coloca o objeto como agente, evidenciando que o laço social com o outro está baseado em relações de extração de gozo, indutoras de sujeitos, que surgiriam assim na posição de alteridade desse discurso" (Dunker et al., 2016, p. 129).

A análise dos discursos que regem as práticas esportivas na sociedade, sobretudo na modalidade de alto rendimento, permite pensar nas formas como se articulam as estruturas de poder e como se estrutura o laço social. A discursividade predominante no esporte de alto rendimento coloca vitória e superação como imperativos, não levando em consideração os limites dos esportistas, o que por sua vez leva ao mal-estar e à culpa pelo não cumprimento do ideal (Freud, 1930/2010). A articulação lacaniana dos discursos da histérica e do analista permitem pensar em possibilidades de formas diferentes de laço no meio esportivo. Para isto, é fundamental que os furos neste discurso sejam apontados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar tanto o fenômeno do esporte de alto rendimento quanto seu impacto naqueles que se envolvem em tal prática enquanto atividade profissional. De início alguns desafios se apresentaram para a pesquisa, dado que há pouca literatura utilizando a psicanálise para o estudo de questões do esporte. Isto tornou necessário recorrer a fontes de outras disciplinas, como a filosofia, a sociologia e a antropologia, de modo a formar um referencial teórico que pudesse dialogar com a teoria psicanalítica. Este processo se mostrou enriquecedor, na medida em que permitiu uma articulação de diferentes correntes de pensamento, criando conexões e desenvolvimentos que, além de terem propiciado as discussões realizadas neste trabalho, podem ser aprofundados e mesmo questionados no futuro.

Uma característica que se apresentou durante a realização da pesquisa foi a pluralidade de material disponível nas diferentes mídias, e o surgimento constante de notícias e ocorrências cuja análise seria relevante. Dentre estes, pode-se destacar o julgamento da atleta Caster Semenya a respeito de seu nível de testosterona e a imposição de um tratamento hormonal para que ela possa continuar competindo. O resultado foi divulgado algumas semanas antes do encerramento da escrita, porém foi considerado algo de grande relevância para se pensar algumas das questões discutidas ao longo do trabalho, sobretudo as relações de gênero no esporte. Sendo assim, foi necessário abordar o ocorrido.

Uma consequência que se observou ao longo do trabalho diz respeito ao próprio lugar do esporte no laço social. Devido ao apego emocional de diversas pessoas ao tema, a pesquisa despertou interesse de outrem. Ao mesmo tempo, não foram raros os momentos em que a discussão do trabalho e de questões relevantes subitamente ganhou ares de conversa informal, e os exemplos discutidos deram lugar a trocas de histórias do esporte. Com base nisso, algumas reflexões são possíveis. O interesse despertado pela pesquisa, somado ao aumento na quantidade de casos de atletas abordando o tema da saúde mental e do sofrimento psíquico no esporte, permitem afirmar que há espaço para mais trabalhos que tratem do esportista para além de seus resultados em competição. Não se trata de remover o aspecto da paixão e ludicidade que gera nas pessoas, já que, conforme citado anteriormente, este é grande parte do apelo do esporte. Ao mesmo tempo, é importante que haja cuidado para que tais discussões sejam feitas com rigor. Trata-se de encontrar espaços e possibilidades de transpor tais limites e tratar do tema de outro lugar.

O primeiro passo deste trabalho foi retomar brevemente a história do esporte na sociedade. Através disso, foi possível situar a forte conexão entre esporte e política ao longo dos séculos, e de que forma o domínio político-econômico de algumas nações se traduziu na expansão de determinadas modalidades em detrimento daquelas disputadas nas colônias, por exemplo. Com isto, o esporte se tornou um espaço onde foram colocadas em cena questões referentes a nacionalismo, soberania nacional e rivalidades internacionais. Conforme citado, estes elementos podem ser notados sobretudo em disputas entre países com divergências políticas ou um passado colonial. Outro aspecto fundamental que surge ao se analisar o esporte historicamente é como este, ao longo da história, colocou os atletas que participavam das competições em um lugar privilegiado socialmente.

Com a modernidade, o esporte adquiriu outro estatuto, e nas últimas décadas observou-se a passagem dos atletas a um lugar de idealização. Isto se deveu em grande parte à mídia, que passou a usar os "heróis" do esporte como estratégia para vender as transmissões das competições. Simultaneamente, o meio empresarial, através das propagandas, atuou de maneira similar, usando a imagem do esporte como forma de vender produtos e um modo de vida. Para isso, o conceito freudiano do ideal de Eu foi trazido para a discussão. Este lugar de ideal, conforme apontado, contribui para o mal-estar no esporte, já que impõe condições inatingíveis para aquele que se envolve com o esporte enquanto profissão. O ideal do atleta é aquele indivíduo que se dedica a sua prática acima de todas as coisas, e para quem dificuldades, dúvidas e outros problemas são obstáculos a serem superados. Ele deve buscar constantemente o alto rendimento, seja em competições ou em treinamentos. A este modo de funcionamento, foi utilizado o termo trazido por Coakley (2015): *ética do desempenho*.

O segundo momento da pesquisa foi a retomada do conceito freudiano de mal-estar, e sua articulação com o trabalho e com o laço social. Para isto, foram abordados diversos momentos da obra freudiana, sobretudo os textos em que o autor trata de análises culturais e de seus efeitos no indivíduo. O que se observou foi a noção, presente desde cedo na obra de Freud, de que o processo civilizatório deixa marcas em cada um, principalmente devido às renúncias pulsionais que são demandadas pela sociedade. Frente a isto, cabe aos membros da comunidade encontrarem formas de lidar com seu mal-estar e com a vida em grupo. Dentre essas, se destaca o trabalho, fonte de equilíbrio pulsional, inserção social e elemento auxiliador da formação da identidade e das trocas sociais. A atuação profissional pode ser vista, em alguns casos, como uma das possibilidades de sublimação dos instintos. Ainda assim, o próprio Freud já aponta a limitação das possibilidades sublimatórias. Freud inclusive questionava e demonstrava algum ceticismo quanto à possibilidade de evitar o mal-estar, e

apontava este como parte inerente da vida em comunidade, e, como o autor aponta em *O mal-estar na civilização*: "cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz" (Freud, 1930, p. 41). A percepção do mal-estar como algo que não pode ser evitado inteiramente leva ao seguinte apontamento: não se trata de pensar o esporte como causa do mal-estar, pois este já está posto na vida dos indivíduos. Propõe-se, no caso, pensar o esporte como meio pelo qual se engendra o mal-estar na vida dos atletas. O trabalho é uma das maneiras pelas quais os indivíduos em geral buscam lidar com as agruras da vida, tentativa que não obtém sucesso, como se sabe. Assim, o esporte pode ser pensado como mais uma forma pela qual se tentou aplacar este mal-estar e que, como todas as demais, fracassou.

Tendo sido feitos os estudos de esporte, mal-estar, trabalho e laço social, e munido deste referencial, o passo seguinte foi o estudo da carreira atlética em si, com o objetivo de investigar como o mal-estar se articula com particularidades de cada uma das etapas da jornada profissional dos esportistas. Algo que foi perceptível ao longo da pesquisa foi que, apesar de cada fase da carreira de um atleta possuir questões singulares em relação às demais, os elementos do ideal e das demandas de desempenho se mostram fatores significativos que levam ao mal-estar ao longo da carreira. Desde o início da carreira é demandado que o jovem atleta alcance resultados, sob o risco de ter sua carreira encerrada, risco que se mantém ao longo de seus anos de prática profissional. A aposentadoria do esporte, por sua vez, na maioria dos casos se dá em um contexto onde o esportista não consegue mais responder às demandas do alto rendimento. São raros os casos em que um atleta consegue bons resultados competitivos e decide se retirar do meio esportivo.

A visibilidade do esporte na mídia, que contribui para a idealização dos atletas, faz com que a maior parte dos esportistas aos quais o público tem acesso sejam os principais astros do esporte, os mais bem pagos e de maior sucesso. Essa dinâmica leva a uma distorção da percepção do que é a carreira esportiva. Jogadores de futebol, por exemplo, são associados a grandes salários, vidas luxuosas e repletas de bens materiais. A realidade, porém, é que estes não representam a experiência da enorme maioria dos atletas, que ganham salários moderados ou mesmo baixos durante uma carreira que dura poucos anos. Casos como estes raramente encontram espaço na mídia. Isso representa uma dificuldade para o estudo da realidade dos atletas profissionais, já que é difícil ter acesso a suas histórias, dado que é raro que encontrem espaços para contá-las. Neste contexto, foi relevante o texto escrito por Ben Meisner, utilizado na pesquisa. Trata-se de um raro caso onde é possível encontrar o relato de um jogador que não obteve grande sucesso profissional, e que expõe aspectos do que é ser um atleta em ligas menores. Evidentemente, não se pode utilizar o caso de um atleta para se

articular uma concepção generalista do que seria uma carreira esportiva, pois cada indivíduo terá sua trajetória e experiência singulares. Desta forma, houve o cuidado de pensar a articulação de cada exemplo empregado ao longo do texto com os desenvolvimentos teóricos, e tratar os casos dos atletas citados de maneira responsável, evitando interpretações e generalizações, mas utilizando-os para ilustrar os pontos abordados.

A última etapa desta pesquisa foi o uso da teoria dos quatro discursos, de Jacques Lacan, como forma de pensar as relações discursivas e de poder existentes no esporte. Tendo estudado a carreira esportiva e o mal-estar que se observa nela, se mostrou relevante dar um passo além na compreensão da inserção dos atletas na discursividade existente no esporte profissional. Através do estudo do discurso do mestre e de sua montagem no discurso do capitalista, foi possível compreender que o discurso do alto rendimento dominante no esporte, transformado em uma ética do desempenho, se coloca como um imperativo perante os atletas. A discursividade encontrada no esporte busca foracluir a castração, colocando quaisquer limites como superáveis e, retomando a propaganda da Adidas, o impossível como nada. Isso resulta, obviamente, em fracasso e mal-estar, já que eventualmente o corpo biológico encontra seus limites, seja na forma de lesões ou de um decréscimo da capacidade de render o que é demandado.

Este trajeto de pesquisa apontou, além das formas como o mal-estar é engendrado no esporte profissionais, perspectivas para futuros trabalhos neste meio. O uso da psicanálise para estudos relacionados ao esporte apresenta potencial para avanços relevantes, pois, retomando Sauret (2003), "a pesquisa psicanalítica contribui para a incidência da psicanálise no laço social contemporâneo, opondo-se à foraclusão da castração. Há, pois, uma aposta política" (p. 102). Tendo em vista o que se observou quanto aos discursos dominantes no meio esportivo, somados à relação entre política e esporte, existente desde a antiguidade, é possível apontar que uma maior inserção da psicanálise terá efeitos no laço que se forma em tal área. Embora existam outras linhas do conhecimento e da própria psicologia estudando o esporte e os atletas, a psicanálise pode oferecer uma compreensão singular.

> O método psicanalítico dá a palavra ao sujeito, leva em conta o efeito de falta introduzido pela linguagem e permite que essa falta fundamentalmente inconsciente seja mantida. O método mantém a ética da psicanálise enquanto ela preservar essa falta como causa do desejo... e enquanto ela der a prova de sua articulação ao discurso analítico. (Sauret, 2003, p. 98)

A citação acima aponta a importância do envolvimento da psicanálise no esporte, já que se trata de um meio que tenta, através de seu discurso, tamponar a falta nos sujeitos. O inconsciente não é levado em consideração no meio esportivo, à exceção de alguns eventuais

casos em que a mídia faz um uso do conceito para explicar uma derrota ou mau rendimento de determinado atleta ou equipe. A psicanálise desde Freud representa uma possibilidade de pensar os fenômenos sociais e culturais para além de demandas adaptativas ou de tentativas de negação do mal-estar. Neste sentido, é importante que os psicanalistas não se excluam deste debate.

Para além da discussão acadêmica e social, a psicanálise pode contribuir enquanto clínica. A hipótese é que oferecer sua escuta e o espaço para a fala dos sujeitos, sem demandas adaptativas ou de produtividade, pode produzir efeitos significativo nestes indivíduos que estiveram em contato com a lógica do esporte de alto rendimento ao longo de suas carreiras. Os atletas que possuem algum contato com a psicologia ao longo de suas carreiras, em geral têm contato com a análise do comportamento ou a teoria cognitivo-comportamental, por serem as duas linhas mais utilizadas no esporte profissional. No caso de surgir alguma demanda que transponha questões do esporte, é mais provável que eles procurem ou sejam encaminhados para um profissional de uma das duas linhas teóricas. Evidentemente, cada indivíduo é livre para procurar a abordagem que preferir, mas é importante que a psicanálise se insira e se apresente como uma opção para os atletas.

O referencial teórico da psicanálise, ao colocar em cena a dimensão da falta, oferece um contraponto ao discurso do alto rendimento e da superação a qualquer custo que impera no esporte. A atuação do psicanalista, pautada em sua ética, também pode trazer uma outra escuta para os sujeitos que lidam com o mal-estar gerado pela dinâmica do esporte profissional.

> O psicanalista escuta o sofrimento e descobre que não deve eliminá-lo, mas criar uma nova posição diante do seu sentido. O sintoma é realização do desejo, o lugar da verdade, do sujeito, uma mensagem, um enigma a ser decifrado; nele está o cerne da subjetividade. (Rosa, 2004, p. 341)

A importância do trabalho clínico com os esportistas é evidenciada por Campos (2015, p. 182):

> O atleta-homem não encontra facilmente, nesse universo onde o rendimento impera, lugar para colocar-se como sujeito. Talvez esta seja a grande superação que o atleta de rendimento ainda precise conquistar: tornar-se sujeito de sua própria história, habitar seu próprio corpo, de uma maneira que poucos de nós o fazemos hoje.

O esportista raramente é questionado sobre sua prática e sobre sua subjetividade. Eis a importância do uso da psicanálise no estudo e tratamento do esporte, já que esta “tem esse

privilégio de ser a única disciplina que tem o desígnio de não renunciar a dar a palavra ao sujeito, a não renunciar àquilo que constitui sua particularidade" (Sauret, 2003, p. 94).

Espera-se que esta produção contribua para novos debates, tanto nas ciências do esporte como na psicanálise. A área do esporte de alto rendimento é complexa e apresenta diversos elementos a serem analisados e aprofundados, inclusive aqueles tratados aqui, como as diferentes fases da carreira, as relações dos atletas com o ideal e os discursos vigentes no esporte, para citar alguns exemplos. A existência de trabalhos em outras áreas do conhecimento indica que há possibilidades de diálogos. Grande parte da literatura foi obtida de fontes estrangeiras e ainda não traduzidas para o português, o que evidencia a necessidade de se ampliar os trabalhos sobre o tema, além de traduzir tais obras, de modo a torná-las mais acessíveis para os acadêmicos do país. É necessário também aproximar a discussão para a realidade brasileira, tanto em termos dos pesquisadores quanto dos objetos de estudo, já que cada país e cultura terá especificidades cujas análises aprofundarão o entendimento da área.

Vale destacar que não se espera uma aceitação amigável da entrada da psicanálise na cena esportiva, sobretudo no que diz respeito a clubes, federações e aqueles que organizam e lucram com a manutenção da dinâmica atual do esporte. A estes evidentemente não interessam eventuais apontamentos de furos discursivos e denúncias do mal-estar existente e articulado pela própria lógica esportiva. Como aponta L. Santos (2011, p. 210):

> [...] a relação do psicanalista com a Cultura não é das mais tranquilas, pode-se dizer mesmo que é dissonante e, de certa forma, perigosa, pois sua presença e discurso acabam pondo em xeque certos pontos-chave que a mantêm funcionando, a despeito das contradições e do mal-estar que impera na vida em grupo.

Portanto, é de se esperar que a psicanálise encontre algum grau de resistência, o que não seria de modo algum inédito. Ainda assim, a inserção no debate tem o potencial de ser frutífera. O aumento do número de notícias na imprensa sobre atletas lidando com depressão, ansiedade e abordando o tema da saúde mental aponta para a formação de espaços nos quais as discussões tenderão a transpor o rendimento esportivo. Além disso, tem crescido o número de organizações dedicadas a apoiar atletas durante e após suas carreiras, como a *National Football League Players Association*, no Futebol Americano, e a *Professional Footballers' Association*, no Futebol, embora esta trate apenas das ligas inglesas. Organizações como essas têm diversas funções, como realizar negociações trabalhistas, oferecer oportunidades de estudos, recolocação no mercado de trabalho após a aposentadoria, além de aconselhamento e apoio aos esportistas. A existência e proliferação de entidades como estas indica um maior cuidado e interesse com o indivíduo e não apenas com o atleta. Neste meio, é possível supor

que os psicanalistas encontrarão aliados e indivíduos dispostos a ouvir e serem ouvidos. Assim, é especialmente importante que discussões sobre o mal-estar alcancem aqueles que buscam pensar em tais questões.

Finalmente, não se trata de "culpar" o esporte de alto rendimento pelo mal-estar, mas de entender os fatores que estão em jogo. O mal-estar é inevitável, estrutural, inerente à vida em sociedade, mas há também nele algo da ordem do discurso. É importante entender ambos os fatores, como eles se organizam e se articulam. Há também uma escolha do indivíduo a partir do momento em que ele decide iniciar e permanecer na carreira esportiva. Quanto ao mal-estar que ele eventualmente encontra em sua prática, o esportista terá de encontrar sua forma de lidar com isso, uma das quais é a análise pessoal. Ao mesmo tempo, é importante que os psicanalistas questionem e investiguem de que forma o esporte na modalidade que vigora na sociedade atual está contribuindo para este mal-estar. Por se tratar de um meio que reproduz intensamente características e valores da sociedade capitalista, uma melhor compreensão do fenômeno esportivo contribuirá para a análise da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adelphi University (2014) A look at male and female professional athlete salaries [Blog]. Recuperado de https://sportsmanagement.adelphi.edu/blog/a-look-at-male-and-female-professional-athlete-salaries/

Agassi, A. (2010). *Agassi.* Rio de Janeiro: Globo. 504 p.

Alfermann, D. & Stambulova, N. (2007). Career transitions and career termination. *In*: G. Tenenbaum & R. C. Eklund (orgs). *Handbook of Sport Psychology*. Hoboken, NJ, USA. John Wiley & Sons.

Azambuja, B. (2018) Nilmar rompe silêncio após depressão: "No momento, não estou pensando em voltar". *Globoesporte.com*. Recuperado de https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/nilmar-rompe-silencio-apos-depressao-no-momento-nao-estou-pensando-em-voltar.ghtml

Aziz, S. (2019) After catsuit controversy, women's tennis 'modernises' dress code. *Aljazeera*. Recuperado de https://www.aljazeera.com/indepth/features/catsuit-controversy-women-tennis-modernises-dress-code-190219190220706

Badenhausen, K. (2018) Why no women rank among the world's 100 highest-paid-athletes. *Forbes*. Recuperado de https://www.forbes.com/sites/kurtbadenhausen/2018/06/07/why-no-women-ranked-among-the-worlds-100-highest-paid-athletes/#3dbfa70d3479

Bandeira, T. L. (2012). *Esporte competitivo: contribuições psicanalíticas e suas implicações para uma compreensão da angústia.* Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

Barbosa, M. (1994) *Entrevista à TV Cultura.* São Paulo: Cultura. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=Uw4OQIbShCY

Barker-Ruchti, N., Kerr, R., Schubring, A., Cervin, G. & Nunomura, M. (2016). Gymnasts are like wine, they get better with age": becoming and developing adult women's artistic gymnasts. *Quest*, 1-18.

Bastidas, C. (2002). *Driblando a perversão: psicanálise, futebol e subjetividade brasileira.* São Paulo. Escuta.

Belmar, T. H. (2016). *Grupos de interesse e o processo de modernização do futebol brasileiro: da redemocratização ao Bom Senso Futebol Clube.* Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de São Paulo. São Paulo.

Besnier, N., Brownell, S. & Carter, T.F. (2018). *The anthropology of sport: bodies, borders, biopolitics.* Oakland: University of California Press. 321 p.

Blair. S. (2017) Raiders WR Amari Cooper buys mother dream home, new car. *NBC Sports* Recuperado de https://www.nbcsports.com/bayarea/raiders/raiders-wr-amari-cooper-buys-mother-dream-home-new-car

Brandão, M. R., *Akel, M. C., Andrade, S. A., Guiselini, M. N. A., Martini, L. A. & Nastás, M. A.* (jan. 2000). Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, Universa. 8(1), 49-58.

Brousse, M-H. (1997). L'activité sportive à la lumière de la psychanalyse. *In*: M-H., Brousse, F. Labridy, A. Terrisse, & M-J., Sauret. *Sport, Psychanalyse et Science*. Paris, França, Presses Universitaires de France.

Burnstein, N. (Diretora) (2014) *The price of gold* [online]. Estados Unidos: ESPN Films. Recuperado de http://www.espn.com/watch/player?bucketld=13073&id=2bd39d00-3e9a-41e4-beb0-9e685f1ddc57

Campos, A.F. (2015). *Psicanálise no esporte*. Rio de Janeiro, RJ. Drago.

Cazón, R. L. (2008). *Efeitos do processo de destreinamento sobre a saúde de ex-atletas de alto rendimento.* Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Ciência da Saúde, Universidade de Brasília – UnB, Brasília.

Chavez. C. (2018) Fox News' Laura Ingraham: LeBron should 'shut up and dribble' after criticism of President Trump. *Sports Illustrated* Recuperado de https://www.si.com/nba/2018/02/16/fox-news-laura-ingraham-lebron-james-president-donald-trump-shut-dribble

Christensen, M. & Kelso, P. (2004) Soccer chief's plan to boost women's game? Hotpants. *The Guardian*. Recuperado de https://www.theguardian.com/uk/2004/jan/16/football.gender

Clausen, H. McCrory, P. & Anderson, V. (2005) The risk of traumatic brain injury in professional boxing: change in exposure variables over the past century. *Br J Sports Med*, 35, 661-664. doi: 10.1136/bsjm.2004.017046

Coakley, J. (1992). Burnout among adolescente athletes: A personal failure or a social problem? *Sociology of Sport Journal. 9*(3): 271-285.

Coakley, J. (2015). *Sports in society: issues and controversies*. Nova York: McGraw-Hill Educational. 697 p.

Coakley, J. & White, A. (1992) Making decisions: gender and sport participation among British adolescents. *Sociology of sport journal, 9, 20-35.* Recuperado de https://www.reasearchgate.net/publication/236001317_Making_Decisions_Gender_and_Sport_Participation_Among_British_Adolescents

Coburn, E. (2019, 14 de Maio) When I was coming out of college [*Twitter*]. Recuperado de https://twitter.com/emmajcoburn/status/1128468548844707840

Comitê Olímpico Internacional. (2012). *Carta Olímpica: em vigor desde 8 de julho de 2011*. Lisboa: COI.

Comitê Olímpico Internacional. (2015). *IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism*. Lausanne, Suíca: COI.

Confederação Brasileira de Futebol (2016) Raio-x do futebol brasileiro: salário dos jogadores. Recuperado de https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores

Corrêa, A. J.; Moraes e Silva, M.; Sevegnani, P.; Figuerôa, K. M.; & Mezzadri, F. M. (2014) O Esporte brasileiro entre dilemas epistemológicos: da acusação à busca por absolvição. *Revista brasileira de ciência e movimento.* 22(3), 2014, p.118-125.

Correia de Melo, B. H., & Correia de Melo, P. H. (2006). A Lei Pelé e o fim do "passe" no desporto brasileiro. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, *IX*(35). Recuperado de: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?artigo_id=1523&n_link= revista_artigos_leitura>.

Costa, A. B., & Soares, D. H. P. (2009). Orientação psicológica para a aposentadoria. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 9*(2), 97-108.

Costa, A. (2001). *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Costa, A. (2015). *Litorais da Psicanálise***.** São Paulo: Escuta.

Dejours C. (2002). *O fator humano*. Rio de Janeiro: FGV. 104 p.

Dias, M. H., & Sousa, E. L. A. (2012). Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. *Psicologia & Sociedade. 24*(3), 729-738.

Doro, B. & Aleixo, F. (2014) Hypolito revela detalhes da depressão: internação, 10kg a menos e desespero. *Uol esporte*. Recuperado de https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2014/12/12/diego-hypolito-superou-pesadelo-para-se-adaptar-a-vida-em-sao-paulo.htm

Draper, K. & Belson, K. (2019) Colin Kaepernick and the N.F.L. settle collusion case. *The New York Times*. Recuperado de https://www.nytimes.com/2019/02/15/sports/nfl-colin-kaepernick.html

Dunker, C. I. L., Paulon, C. P., & Milán-Ramos, J. G. (2016). *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Dunning, E. (1999). *Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization.* Londres: Routledge. 281 p.

Dunning, E.; Maguire, J. (2010) As relações entre os sexos no esporte. In Knijnik, J. D. (org.) Gênero e esporte: masculinidades & feminilidades. (pp. 67-108) Rio de Janeiro, RJ: Apicuri. 344 p.

Edelman, E. (Diretor) (2010) *Magic & Bird: a courtship of rivals* [online]. Estados Unidos: HBO Sports Films. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=axbIoHqFaa8

Ehrenberg, A. (2010). *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa.* Aparecida, SP: Ideias & Letras.

Espn.com.br com agência Gazeta Press (2011) Pai de Neymar diz agenciar carreira do filho como empresa. *ESPN.com.br*. Recuperado de www.espn.com.br/noticia/191390_pai-de-neymar-diz-gerenciar-carreira-do-filho-como-empresa

Estadão Conteúdo (2018) Roland Garros proíbe roupa da tenista Serena Williams após o parto. *Exame*. Recuperado de https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/roland-garros-proibe-roupa-da-tenista-serena-williams-apos-o-parto/

Florenzano, J. P. (2010). *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro.* São Paulo. Fapesp; Educ.

Freud, S. (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1913) Totem e tabu. In *Obras completas* (Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos, P. C. de Souza, trad., pp. 13-113). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.

Freud, S. (1914) Introdução ao narcisismo. In *Obras completas* (Vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos, P. C. de Souza, trad., pp. 13-50). São Paulo, SP; Companhia das Letras, 2010.

Freud, S. (1915) Luto e melancolia. In *Obras completas* (Vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos, P. C. de Souza, trad., pp. 170-194). São Paulo, SP; Companhia das Letras, 2010.

Freud, S. (1917). O tabu da virgindade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 11, pp. 81-89). Rio de Janeiro: Imago. 1996.

Freud, S. (1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXIV – O estado neurótico comum. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do Eu. In *Obras completas* (Psicologia das massas e análise do eu e outros textos, P. C. de Souza, trad., pp. 13-113). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

Freud, S. (1923a). O Ego e o Id. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* v. IX, pp. 13-80. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

Freud, S. (1923b). Dois verbetes de enciclopédia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1925). Prefácio à Juventude desorientada de Aichhorn. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1930) O mal-estar na civilização. In *Obras completas* (O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos, P. C. de Souza, trad., pp. 13-122). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1940[1938]). Compêndio de psicanálise. In *Obras completas* (Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos, P. C. de Souza, trad., pp. 189-273). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2018.

Goellner, S. V. (2005) Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista brasileira de educação física e esporte*. v.19, n.2, p.143-151. São Paulo

Goldberg, B. (Diretor) (2001) Do you believe in miracles? The story of the 1980 U. S. hockey team [online]. Estados Unidos: HBO films. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=f-K-mm8Bqik

Gonçalves, G. C. M., & Amato, J. F. (2016). Um olhar da psicologia sobre as narrativas biográficas de Atletas Olímpicos Brasileiros. *In*: K. Rubio (org) *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Képos.

Graeff, L. (2002). Representações sociais da aposentadoria. *Textos Sobre o Envelhecimento, 4*(7), 19-34.

Heath-Smith, M. (2018) Mesut Ozil could sign new Arsenal contract... if Arsene Wenger gives him Jack Wilshere's No 10 shirt. *The sun*. Recuperado de https://www.thesun.co.uk/sport/football/4865094/mesut-ozil-could-still-sign-new-arsenal-deal-if-arsene-wenger-gives-him-jack-wilsheres-no-10-shirt/

Helal, R. (1998). Mídia, construção da derrota e o mito do herói. *Motus Corporis* (Universidade Gama Filho), 5(2), 141-155.

Heloani, R. J., & Capitão, C. G. (2003). Saúde mental e psicologia do trabalho. *São Paulo em Perspectiva,* São Paulo, *17*(2), 102-8.

Hornstein, L. (1989). *Introdução à Psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Hughes, R. e Coakley, J. (1991) Positive deviance among athletes: the implications of overconformity to the sport ethic. *Sociology of sport journal*, 8, 307-325. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/236001318_Positive_Deviance_Among_Athletes_The_Implications_of_Overconformity_to_the_Sport_Ethic

Impossible is Nothing (2014) Estados Unidos: Adidas. Recuperado de www.withtwoees.com/impossibleisnothing/6pszwfpionwf4udz84xvjhknjkyza0

Ingle, S. (2019) Caster Semenya loses landmark legal case against IAAF over testosterone levels. *The Guardian*. Recuperado de

https://www.theguardian.com/sport/2019/may/01/caster-semenya-loses-landmark-legal-case-iaaf-athletics

Iniesta, A. (2016) *La jugada de mi vida*. Barcelona, Espanha: Malpaso ediciones. 304 p.

James, L. (2016). Entrevista concedida coletiva a jornalistas sobre superar o recorde de Michael Jordan na NBA. Recuperado de: <https://theundefeated.com/features/lebron-james-pays-tribute-to-michael-jordan-after-breaking-record/>.

Kegler, P. (2011). **A** *travessia do si mesmo na passagem para a reserva: enlaces entre trabalho e narcisismo.* Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Knijnik, J. D. (2010) Gênero: um debate que não quer calar. In Knijnik, J. D. (org.) Gênero e esporte: masculinidades & feminilidades. (pp. 25-65) Rio de Janeiro, RJ: Apicuri. 344p.

Kuerten, G. (2008). Fala ao público após derrota no Brasil Open de 2008 sobre sua aposentadoria. Costa do Sauípe: 12 de fevereiro de 2008.

Lacan, J. (1970) Radiofonia. In Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

Lacan, J. (1971-1972) Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Saint-Anne. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2011. 103 p.

Lacan, J. (1972). Do discurso psicanalítico. In *Lacan in Italia*. Milão: La salamandra (p. 32-55, inédito).

Lacan, J. (1959-60). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008

Lacan, J. (1969-70). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992

Lavallee, D., Gordon, S., & Grove, J. R. (1997). Retirement from sport and the loss of athletic identity. *Journal of Personal and Interpersonal Loss, 2*, 129-147.

Law, T. (2019) *Letter to my younger self*. Recuperado de: https://www.theplayerstribune.com/global/articles/ty-law-patriots-letter-to-my-younger-self

Love, K. (2018). *Everyone is going through something*. Recuperado de: https://www.theplayerstribune.com/en-us/articles/kevin-love-everyone-is-going-through-something

Luccas, A. N. (1998) Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC, São Paulo.

Marques, M. P., & Samulski, D. M. (abr-jun., 2009). Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade,

iniciação, contexto sociofamiliar e planejamento da carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 23*(2), 103-19.

Marshall, B. (2017). *The Stigma*. Recuperado de: https://www.theplayerstribune.com/en-us/articles/brandon-marshall-nfl-mental-health-awareness.

Martin, L. A., Fogarty, G. J., & Albion, M. J. (2014). Changes in athletic identity and life satisfaction of elite athletes as a function of retirement status. *Journal of Applied Sport Psychology, 26*, 96-110.

Marino, A. S., & Priszkulnik, L. (2011). Nome-do-pai e o discurso capitalista: contribuições psicanalíticas a uma clínica com jovens autores de ato infracional. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade* (4), 68-80.

Meisner, B. (2018). *I'm not Connor McDavid*. Recuperado de: https://www.theplayers tribune.com/en-us/articles/hockey-ben-meisner-im-not-connor-mcdavid>.

Menezes, L. S. (2012). *Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho.* São Paulo: Primavera, 216 p.

Mertesacker, P. (2018). Entrevista a revista Der Spiegel. Recuperado de: https://www.spiegel.de/international/business/interview-with-mertesacker-about-exit-from-arsenal-football-a-1198260.html.

Mirandinha, I. (2016) Entrevista ao programa Bola da vez. São Paulo: ESPN Brasil. Recuperado de www.espn.com.br/noticia/607647_ex-corinthians-mirandinha-revela-que-pensou-em-suicidio-apos-fim-da-carreira

Minutaglio, R. (2017). Michael Phelps opens up about depression and not wanting to be alive. *People.com*. Recuperado de https://people.com/sports/michael-phelps-opens-up-about-depression-and-not-wanting-to-be-alive/.

Moraes, G. H. S. M. & Moraes, O. M. S. M. (2012) Futebol e violência: Freud explica? *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 12, p. 145-157. Recuperado de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000100008

Pacheco, R. (2002). *Expectativas e efeitos do encerramento da carreira para o atleta de alto nível no Brasil.* Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília. Brasília.

Pacheco Filho, R. A. (2017) Compra uma Mercedes-Benz prá mim? O discurso capitalista e o gozo. In Gianesi, A. P. L.; Almeida, B. H. M.; & Vogelaar, R. B. (Orgs.) *Rede clínica*. 1ed. São Paulo: Escuta/Fórum do Campo Lacaniano, pp. 131-162

Penn, B. J. (2011) Entrevista a Joe Rogan pós-combate no UFC 137. Recuperado de media.ufc.com/media/ufc-137-penn-post

Pizarro, J. O. (2014). Decolonialidade e futebol: a quebra da lógica periferia-centro. *Anais do Quinto Congresso Uruguaio de Ciência Política*, Universidade Federal de Pelotas.

Probability of competing beyond high school (2019) Estados Unidos: National Collegiate Athletic Association. Recuperado de http://www.ncaa.org/about/resources/research/probability-competing-beyond-high-school

Professional Footballers' Association (n.d.) Commitment to all: a*ge* Reino Unido: The Professional Footballers' Association. Recuperado de http://www.thepfa.com/equalities/commitment-to-all/age

Queiroz, J. M. (2005). *Vocabulário do futebol na mídia impressa: o glossário da bola.* Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista. Assis.

Quintilho, N. K. (2016). A chegada ao desconhecido e o fascinante mundo das narrativas biográficas dos Atletas Olímpicos Brasileiros. *In*: K. Rubio (org). *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método***.** São Paulo, Képos.

Ramirez, F. (2003). O futebol que driblou o sujeito e emplacou o objeto. *In*: J. R. I. Cozac. *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume (pp 57-71).

Ramos, R. (1984). *Futebol: ideologia do poder***.** Petrópolis: Vozes.

Ricky Hatton: 'I tried to kill myself several times' (2016) BBC Sport. Recuperado de https://www.bbc.com/sport/boxing/38458724

Rodrigues, M., Ayabe, N., Lunardelli, M. C. F., & Canêo, L. C. (jun. 2005). A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 6*(1), 53-62, São Paulo.

Rodrigues, N. (1993). Complexo de vira-latas. *In*: N. Rodrigues. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras (p. 51-52).

Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e Subjetividade,* Fortaleza, *4*(2), 329-348.

Rousey, R. (fev. 2016). *Entrevista concedida a Ellen DeGeneres do The Ellen Show*. Los Angeles, 16 de fevereiro de 2016. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=iwCdv9iR8P8

Rubio, K. (1998). *Et, niat, nitat. Sobre o processo de formação de vínculo em uma equipe esportiva*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de São Paulo.

Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rubio, K. (org) (2016). Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Lethe. In *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Képos.

Safatle, V. (2016). *O circuito dos afetos.* São Paulo: Autêntica.

Safra (2001) Investigação em psicanálise na universidade. *Psicologia USP*, 12(2), pp. 171-175. https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642001000200014

Sanders, D. (2019) *Letter to my younger self*. Recuperado de: https://www.theplayerstribune.com/global/articles/deion-sanders-letter-to-my-younger-self

Santos, L. R. A. (2011). *O trabalho do psicanalista: das dificuldades da prática aos riscos do narcisismo profissional*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo.

Santos, M. B. (2010) Uma leitura psicanalítica sobre as torcidas organizadas de futebol frente ao declínio da lei em tempos de violência. *Revista espaço acadêmico*, n.111, ano X, ago. 2010. pp. 1-8 Recuperado de www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10789.

Santos, M. F. S. (1990). *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU.

Sauret, M.-J. (2003) A pesquisa clínica em psicanálise. *Psicologia USP*, 14(3), pp. 89-104. Recuperado de www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a09.pdf

Saviani, R. (2018) Thiago Ribeiro deixa depressão para trás e busca recomeço no Londrina. *Globoesporte.com*. Recuperado de https://globoesporte.globo.com/pr/futebol/times/londrina/noticia/thiago-ribeiro-deixa-depressao-para-tras-e-busca-recomeco-no-londrina.ghtml

Selingardi, D. C. (2013). *Término e recomeço: da carreira atlética à aposentadoria*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo.

Small, G. (Diretor). (2008). *Black Power Salute*. Inglaterra. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=GNK-WrhTOwY.

Smith, D. (2018). Raptors' DeRozan hopes honest talk on depression helps others. *The Star*. Recuperado de https://www.thestar.com/sports/raptors/2018/02/25/raptors-derozan-hopes-honest-talk-on-depression-helps-others.html.

Tubino, M. J. G. (2001). *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez.

UOL (2019) Diego Hypolito faz desabafo sobre falta de incentivo a atletas brasileiros. *Uol Esporte*. Recuperado de https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2019/02/19/diego-hypolito-faz-desabafo-sobre-falta-de-incentivo-a-atletas-brasileiros.htm

Valle, M. P. (2003). *Atletas de alto rendimento: identidades em construção*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Vaz, A. F. (1999). Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedes, 19*(48), 89-108.

Velho, C. R. (2012). Estilo de vida de ex-atleta de alto rendimento após aposentadoria. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Educação Física) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma.

Wacquant, L. (2004). *Body and Soul: notebooks of an apprentice boxer.* Nova York: Oxford University Press.